



**UM DIA  
DE CAMPO  
PARA QUEM  
LIDA  
COM GADO**

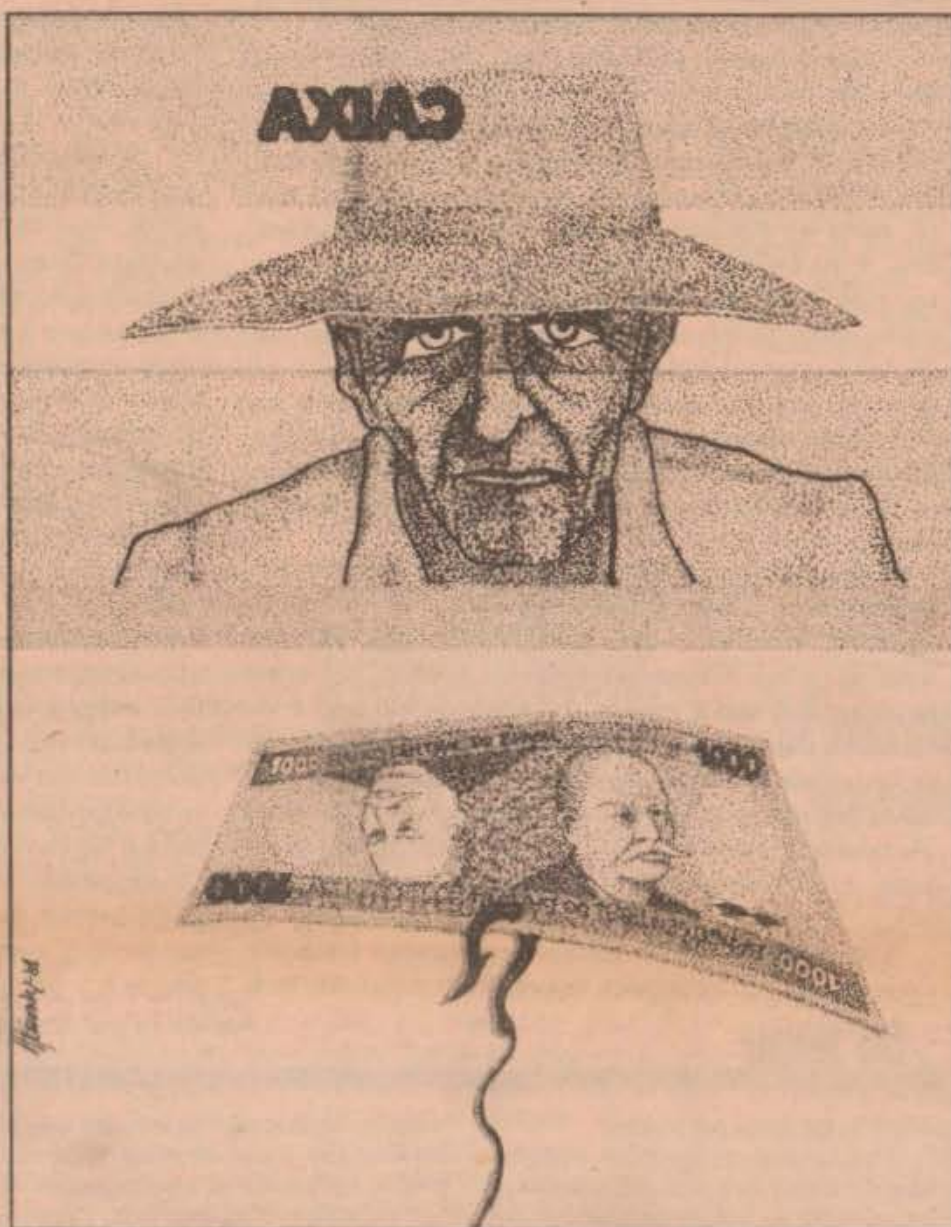
Página 12

**GUARDAR  
OS GRÃOS  
PARA EVITAR  
AS PERDAS**

Página 6

**O CUSTO  
DA ALFAFA  
NA PONTA  
DO LÁPIS**

Página 10



## **CRÉDITO: O COLONO MORDEU A ISCA**

*Por trás dos financiamentos vem toda uma história de dependência.  
Só agora, depois de anos, os produtores começam a entender  
que crédito fácil não é tudo na agricultura.*

Página 14

**TRIGO:  
A ISENÇÃO  
DO JURO  
FOI UM  
BENEFÍCIO  
PARCIAL**

Última página

**CORREÇÃO:  
O CAPITAL  
NO NOME  
DOS SEUS  
DONOS  
DE FATO**

Página 4



**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Luís Régis do Amaral, Werner Erwin Wagner, Eduardo Augusto de Menezes, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Wilson Oliveira, Eduardo B. Ferreira, Renato Borges de Medeiros.

(Conselheiros efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann, Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross, Joaquim Stefanelli.

Conselheiros (suplentes)

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz Komers, Ido Marx Weiller, João Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Aquilino Bavaresco, Antônio Bandeira.

Conselho Fiscal (suplentes)

Alvaro Darci Contri, Alcino Elvino Volmer, Rui Adelino Raguzzoni.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Vila Jôia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

Nem é preciso olhar criticamente o sistema brasileiro de crédito rural, para se observar, a olho nu, as contradições que ele traz dentro de sua própria concepção. Num país que periodicamente importa o feijão, o arroz, o milho e outros alimentos que estão no dia-dia na mesa do brasileiro, se dá muito mais fácil dinheiro para os produtores plantarem café, soja, cacau, do que para as lavouras que poderiam produzir a comida que faz falta no estômago de muitos de nós. Esta foi a opção da política agrícola, contemplando - com recursos até mesmo abundantes - as chamadas lavouras de exportação. Até slogan de "Exportar é o que importa" surgiu neste Brasil. E o crédito nada mais fez do que facilitar a implantação deste modelo exportador.

Que o crédito direciona e cria dependência não é novidade nenhuma. Que ele discrimina a grande maioria dos produtores também não é coisa nova. Mas sempre são de impressionar os números que apontam que, dos 5 milhões de produtores rurais que existem no Brasil, perto de 4 milhões não têm acesso nenhum ao crédito. E há até quem ache isto bom, pois pelo menos estes produtores não estão atrelados ao que decide o Governo, como acontece com a pequena parcela beneficiada pelos recursos financeiros. Isto os produtores já começaram a sentir, e mais claramente quando estes recursos começaram a ficar caros, com juros mais altos. Há quem chegue a dizer - como acontece nas entrevistas que estão na página 16 - que o agricultor planta a meia com o Governo.

Mas o crédito é bom ou é ruim? Na situação que se vive, com o achatamento dos preços dos produtos agrícolas convivendo com uma inflação que não controla os cursos dos componentes da lavoura, não se sabe mais viver sem o crédito. É a dependência pura e total. Uma dependência da qual muitos conseguiram até se aproveitar e crescer dentro da atividade. Muito produtor foi realmente beneficiado pela época de dinheiro abundante e barato. E seria otário se não fizesse deste jeito, como até algumas autoridades chegam a reconhecer.

Pois a proposta da matéria que estamos publicando a partir da página 14 é exatamente tentar avaliar o

que representou o crédito rural para o nosso produtor. Ela está recheada de informações que comprovam a concentração de recursos no campo, deixando bem claras as intenções da política para a agricultura.

Práticas bem simples de armazenamento de grãos têm se mostrado bastante eficientes no decorrer de muitos anos. São técnicas transmitidas de geração para geração e que foram também, com o passar do tempo, se incorporando ao conhecimento científico do pessoal formado nas faculdades. Ainda hoje há quem garanta a conservação de seus produtos baseado apenas na época correta de colheita, ou até mesmo deixando o produto pegar uma baita geada e depois secar num sol bem forte. Estas técnicas de armazenamento estão na matéria da página 6.

A briga por preço do trigo é uma coisa que acontece todo ano no Rio Grande do Sul. Prejudicados por colher mais tarde que seus companheiros do Paraná e do Mato Grosso, os tricultores do Sul perdem na comercialização da safra. Este ano a luta pelo reajuste do preço voltou a acontecer. Só que o Governo não cedeu neste ponto. Mas reconheceu a necessidade de um tratamento diferenciado para o Rio Grande do Sul e isentou os tricultores do pagamento dos juros dos seus financiamentos a partir de 1º de outubro. Mesmo sendo parcial - pois beneficia apenas quem apelou para o crédito e plantou mais no tarde - a medida foi considerada melhor do que nada. Na última página.

Cooperativa rica, produtor pobre. Este tipo de comparação começou a ficar mais insistente nos últimos tempos, quando o patrimônio das cooperativas foi crescendo sem que isto representasse diretamente um benefício aos associados. Pensando em acabar com este tipo de contradição, se começa a falar no Rio Grande do Sul da correção do capital dentro das cooperativas. Os dirigentes, numa reunião, se posicionaram a favor desta prática de correção, que já é adotada, por sinal, na Cotrijuí e em outras cooperativas gaúchas. Veja na página 4.

**Do leitor**

**QUEIMA DE PALHA**

Como filho de agricultor e funcionário do Banco do Brasil, quero parabenizar a direção do Cotrijornal pela excelente reportagem publicada no número 88, de setembro/81, visando alertar o agricultor para os enormes prejuízos causados à terra pelas freqüentes queimadas às restebas, destruindo a matéria orgânica e, conseqüentemente, reduzindo as defesas do solo contra a erosão, o que vem refletir em significativa e crescente redução na produtividade.

Acho excelente o método redatorial adotado pelo jornal, transmitindo os ensinamentos e experiências através de reportagens de campo com conversa direta e franca com os produtores e técnicos, coadjuvadas as reportagens com as fotos dos entrevistados.

Como há anos venho trabalhando diretamente com os agricultores na Carteira Agrícola do Banco, procuro retransmitir os conhecimentos assimilados sobre o assunto através do contato pessoal com o agricultor e também expondo no Quadro Mural as reportagens mais significativas sobre o assunto.

Alcides Londero  
Ciríaco - RS

**VISÃO LIBERTADORA**

Recebemos e agradecemos o envio do Cotrijornal número 86, de julho 1981. Muito bom o suplemento deste número sobre Educação. Os assuntos são tratados com objetividade e dentro de uma visão

bastante libertadora. Assim, não temos dúvidas, este jornal continua prestando enorme serviço não só aos cooperados da Cotrijuí, mas a todos os leitores.

Malaquias Ancelmo de Oliveira  
Assocene - Recife - PE

**CUSTOS DA MÁQUINA**

Encontramos no número 88 do Cotrijornal interessante estudo sobre o custo hora/máquina em operações correntes da lavoura do Estado.

Ficamos, no entanto, com uma dúvida: estão computados, no contexto, os custos de mão-de-obra, isto é, salário, alimentação, habitação do (s) operador (es)?

Gostaríamos que nos esclarecessem por intermédio da seção de cartas do próximo número.

Cecília e Severino Collares  
Granja Anamaria - Bagé - RS

NR: No final do quarto parágrafo da matéria citada (publicada na última página da edição de setembro) - é salientado que "só não foi considerado neste estudo o pagamento da mão-de-obra do operador e nem a lucratividade do proprietário da máquina ou equipamento. Estes valores são variáveis e, portanto, alteram o custo final das operações de um caso para o outro".

**COERÊNCIA**

Desejo cumprimentá-los a toda equipe que produz o Cotrijornal, pelos excelentes temas que o abrangem. Essa é realmente uma publicação que nos co-

loca à frente informações variadas, de maneira clara, coerente e bastante autêntica.

Luci Odete Sanzonowicz  
Getúlio Vargas - RS

**HOMEM DO CAMPO**

Venho por estas poucas palavras lhe dizer que estou a fim de receber informações do Cotrijornal, a fim de melhoramento das propriedades e outras informações que servem ao homem do campo, pois tenho colegas aqui que recebem o Cotrijornal e estão tendo boas informações sobre as renovações do homem do campo.

Sabemos que na lavoura é tudo difícil e por isso contamos com a ajuda do Cotrijornal, a fim de boas colheitas e também sermos agricultores instruídos.

Sebastião Francisco Menegardo  
Rio Novo do Sul - ES

NR: Os altos custos industriais do jornal nos obrigaram a iniciar a cobrança de assinatura para os leitores que não são associados da Cotrijuí. O custo anual da assinatura é de Cr\$ 1.000,00, um valor suficiente apenas para cobrir os custos e mais a remessa pelo Correio. Se, mesmo assim, você estiver interessado em receber o Cotrijornal, envie para nós um cheque nominal ou ordem de pagamento, para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. O endereço é rua das Chácaras, 1513 - CEP 98700 - Ijuí, RS. Ficamos aguardando.



# PREVIDÊNCIA: VEM OUTRA LUTA PELA FRENTE?

As deficiências do atendimento médico-hospitalar para os trabalhadores rurais, que já provocaram tantas manifestações de protestos, voltam agora a movimentar o Rio Grande do Sul. Desta vez, o protesto não é liderado pelos produtores, mas pelos hospitais, que reclamam das limitações das verbas destinadas pelo Funrural, para atendimento através de convênios. A situação é tão grave, que uns 20 hospitais do Alto Uruguai já suspenderam em parte a assistência aos agricultores, e está marcada para o próximo dia 30 uma passeata em Erechim, organizada por sindicatos da região.

Há tempos que os hospitais vinham reclamando das verbas que o Funrural liberava para atendimento aos agricultores. Mas agora, no fim do ano, a situação piorou, com a tal portaria 2.576, baixada pelo Ministério da Previdência e Assistência Social. Essa portaria limitou ainda mais os ganhos das casas de saúde, pois os hospitais não mais irão receber a diferença paga sempre que a assistência era prestada a produtores que tenham uma renda anual superior a 27 salários mínimos.

Os dirigentes desses hospitais decidiram pedir

o fim da portaria, através de sua revogação, mas o apelo não foi atendido. Foi aí que o atendimento parou, no dia 1º de novembro, em municípios como Itatiba do Sul, Severiano de Almeida, Aratiba, Gaurama, Viadutos, São Valentim e outros. Essa foi a forma que encontraram para forçar o governo a atender suas reivindicações, pois os hospitais exigem que aconteça uma mudança na forma como vêm recebendo os recursos dos convênios.

## PÂNICO

A greve das casas de saúde causou pânico no Alto Uruguai, e provocou reuniões da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul), associações de hospitais e outras entidades. São quase 500 mil famílias que ficaram sem atendimento, e o INAMPS tentou remediar tudo isso desviando a assistência para municípios próximos, como Passo Fundo, Erechim, Marcelino Ramos. Só que em algumas cidades, como Erechim essa saída não deu certo, e em outras os hospitais se negaram a atender agricultores que não sejam da localidade.

Além do fim da portaria, os hospitais exigem que as verbas fixas destina-

das pelo Funrural sejam reajustadas em até 220 por cento. Quase todos eles enviaram cópias de seus balancetes ao INAMPS, para provar que os convênios são deficitários, ou seja, só deixam prejuízo. Isso é o que dizem não só os dirigentes dos hospitais em greve, mas também os de outras casas de saúde

Eles não estão dispostos a suspender a paralisação no atendimento, e esperam contar com o apoio de todo o Estado. Em Ijuí e nos outros municípios da área de ação da Cotrijuí, a greve ainda não chegou, mas ninguém duvida que o movimento possa crescer. Acontece que a greve está motivando produtores até de Santa Catarina, e é quase certo que a Previdência vai ser novamente assunto de debate em muitos encontros

Até agora, a paralisação não trouxe problemas mais graves, mas também isso é provável que aconteça. O INAMPS mandou ambulâncias para o Alto Uruguai, tentando transportar gente de uma cidade para outra, e até carros particulares fazem esses trajetos. Há quem diga que, desta vez, com tanto problema e tanto desrespeito ao produtor, a crise da Previdência para o meio

rural, que é coisa bastante antiga, vai estourar mesmo.

## DIFERENÇA

Só que a posição dos hospitais é um pouco diferente da posição dos agricultores. Os dois lados defendem uma destinação maior de verbas para o atendimento prestado nessas áreas, mas divergem no detalhe da portaria. E que, segundo o presidente da Fetag, Orgênio Rott, a portaria não significa muito benefício, mas ajuda um pouco o agricultor. Acontece que essa medida, que movimentou os hospitais, isentou boa parte dos produtores de pagarem uma taxa extra, quando do atendimento. Se a portaria cair, o benefício deixa novamente de existir.

Rott não admite que o agricultor volte a pagar essa diferença — cobrada em função da sua renda — e ameaça com uma manifestação de rua, em todo o Estado, se a portaria for revogada. No último dia 6, os sindicatos de alguns municípios do Alto Uruguai se reuniram com o INAMPS em Porto Alegre, mas nada resultou desse encontro. A superintendência do instituto no Estado diz que não tem como resolver o impasse, e nisso todos parece que concordam. A solução depende de mudanças a fundo na Previdência, e isso já foi debatido um bocadinho de vezes, sem que as reivindicações dos produtores até agora tenham sido ouvidas.

## Vamos meter o braço juntos.

A força do cooperativismo depende da união de todos em torno de um ideal comum. A Cotrijuí vem trabalhando pelo cooperativismo desde 1957, desenvolvendo, com sucesso, vários projetos que contam com a plena adesão dos seus associados.

Por exemplo, o programa de incentivo à diversificação de culturas, o caminho mais certo para uma agricultura racional e produtiva. Solos não exauridos e mais alimentos à mesa reverterão em benefícios para todos.

Meta o braço que a hora é esta. Tem muita gente com você, unida no mesmo esforço comum.



**COTRIJUI**

A mão e a idéia do homem.



### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE IJUÍ - RS

CARTA SINDICAL Nº 154.823/64 DE 30/11/1965

Em cumprimento ao disposto no Decreto Lei nº 6.386 de 09.12.1976, publicamos a seguir o resumo da Previsão Orçamentária para o exercício de 1.982, aprovado em Assembléia Geral Ordinária realizada em 30 de outubro de 1981.

CONTAS	RENDA PRÓPRIA - Cr\$	RENDA SINDICAL - Cr\$	TOTAL - Cr\$
<b>RECEITA:</b>			
Renda Tributária .....		600.000,00	600.000,00
Renda Social .....	9.950.000,00		9.950.000,00
Renda Patrimonial .....	900.000,00		900.000,00
Renda Extraordinária .....	10.074.000,00		10.074.000,00
Mobilização de Capitais			
<b>TOTAL GERAL .....</b>	<b>20.924.000,00</b>	<b>600.000,00</b>	<b>21.524.000,00</b>
<b>DESPESA:</b>			
Administração Geral .....	10.555.000,00		10.555.000,00
Contrs. Regulamentares .....		100.000,00	100.000,00
Assistência Social .....	7.789.000,00	500.000,00	8.289.000,00
Outros Servs. Sociais .....	200.000,00		200.000,00
Assistência Técnica .....	70.000,00		70.000,00
Desp. Extraordinárias			
<b>TOTAL DO CUSTEIO .....</b>	<b>18.614.000,00</b>	<b>600.000,00</b>	<b>19.214.000,00</b>
Aplicação de Capitais .....	2.310.000,00		2.310.000,00
<b>TOTAL GERAL .....</b>	<b>20.924.000,00</b>	<b>600.000,00</b>	<b>21.524.000,00</b>



# O PATRIMÔNIO EM NOME DOS SEUS DONOS DE FATO

A capitalização, um tema que era encarado até mesmo com algumas reservas até bem pouco tempo, acabou motivando uma discussão que reuniu os dirigentes das cooperativas gaúchas filiadas à Fecotrig (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul). O encontro aconteceu em Santa Maria nos dias 20 e 21 de outubro, abrindo espaço para um posicionamento comum sobre a necessidade de corrigir as cotas-capital dos associados dentro de suas cooperativas, de uma maneira tal que todo o patrimônio fique realmente no nome dos seus verdadeiros donos.

Em algumas cooperativas a correção do capital não é novidade nenhuma. Este é o caso da própria Cotrijuí — que introduziu esta mecânica há dois anos — e ainda da Cooperativa de Suinocultores de Encantado e da Cooperativa Mistá de Itaqui. Estes três exemplos, e mais o da Central sul (Central Gaúcha de Cooperativas de Produtores), foram apresentados durante o encontro. Com pequenas variações, estas cooperativas se adiantaram na aplicação de uma lei que estabeleceu os critérios para a correção.

## CORRIGIR, NÃO REMUNERAR

E o que representa corrigir o capital? Neste ponto é preciso deixar

bem claro que a correção não significa uma remuneração, ou seja, que o produtor poderá dispor livremente dos valores que forem somados, através desta correção, na sua conta-capital. A remuneração, inclusive, é terminantemente proibida por lei. Ela representa, isto sim, uma constante reavaliação dos valores capitalizados ao longo de todo o tempo em que o agricultor comercializou sua produção através da Cooperativa. Desta forma, os valores retidos como capitalização, passam a sofrer reajustes anuais, que são baseados em índices que tentam se aproximar dos níveis de inflação. O objetivo é que com o passar dos anos, todo o patrimônio — traduzido por prédios, máquinas, equipamentos — esteja realmente no nome de quem trabalhou e se tornou a razão para a formação deste capital.

## DONOS EM PARTE

Hoje a situação não é bem essa. Em média, no Rio Grande do Sul, os agricultores têm apenas 25 por cento do patrimônio de suas cooperativas como capital integralizado. Os 75 por cento restantes estão divididos entre os itens reservas e sobras, que é um patrimônio indivisível. Há menos de 10 anos atrás (como dá para ver no gráfico ao lado), quase 50 por cento do patrimônio constava como

capital dos associados. E o pior é que todo o capital que não está no nome do produtor — na sua conta — também não pertence diretamente a ele e, no caso da cooperativa ser fechada, toda esta parte será destinada ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo, que é uma instituição vinculada ao Ministério da Agricultura. Na prática, então, os associados não são mesmo donos de sua cooperativa. Ou melhor, são donos apenas em parte.

E é para inverter esta situação que foi tomada a decisão de adotar

critérios semelhantes de correção de capital, além de tentar unificar as formas de capitalização. Atualmente, cada cooperativa adota um sistema diferente da outra. Há quem capitalize só no trigo, sem reter nada da produção de soja, leite, suínos, etc. Outras já capitalizam em todos os produtos comercializados, mas adotam percentuais diferenciados. Este assunto, por sinal, deverá ser mais discutido com as bases e daqui a um ano poderá surgir a decisão de unificar — ou não — estes critérios de capitalização.

## COMPOSIÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO EM COOPERATIVAS



## “Pelo fim dos reinados e reizinhos”

Com a proposta de um “novo cooperativismo” para enfrentar os desafios que estão surgindo, o presidente da Fecotrig, Jarbas Pires Machado, disse mais ainda, durante a abertura do Seminário sobre Correção do Capital que aconteceu em Santa Maria: “Está na hora de acabar com os reizinhos e reinados isolados”. Com esta proposta Jarbas Machado deixou claro que o sistema precisa se fortalecer ainda mais como um todo e isso só será possível através da união.

Nesse encontro, que reuniu quase 200 dirigentes e técnicos de cooperativas na cidade de Santa Maria, durante dois dias, se procurou encontrar uma redefinição interna do cooperativismo, onde o associado tenha condições de ser realmente o dono de sua cooperativa. Nessa revisão de atuação do sistema e busca de novos caminhos, o presidente da Fecotrig disse que está mais do que na hora do sistema tomar novas ati-

tudes, procurando se municiar de um novo instrumental de sustentação política.

— O cooperativismo isoladamente, nos dias atuais, não tem mais condições de cumprir com a sua tarefa.

A saída para o caso está na construção de uma maior integração entre as cooperativas filiadas, no sentido de procurar melhorar a qualidade de trabalho do sistema, se transformando realmente num instrumento efetivo de melhoria de vida de seus associados. “Estamos numa encruzilhada”, observou Jarbas. “E nessa encruzilhada ou tomamos de vez grandes decisões, ou então teremos de nos contentar ao humilhante papel de simples repassador do que está sendo gerado no campo pelo produtor”.

E nessa caminhada proposta no Encontro de Santa Maria, rumo a um cooperativismo mais eficiente, mais preocupado com o crescimento e me-

lhoria de vida do associado, ficou uma outra proposta de Jarbas Machado: a de uma definição política por parte do sistema.

## SUSTENTAÇÃO POLÍTICA

“Vivemos num universo de um milhão de votos”, recordou Jarbas Machado, “e qualquer político sabe muito bem da importância disso. Só que está na hora de reverter essa situação. É mais do que necessário se tirar algum proveito do interesse dos políticos, para os interesses do sistema. Sem escapar da neutralidade, mas deixando de ser omissos, é intenção do sistema passar a exigir dos candidatos a políticos, compromissos mais sérios, sem ligar muito para as siglas partidárias. O que nos interessa agora é a representatividade política, e as cooperativas precisam definir seus interesses, sem definições partidárias. É uma forma de exigir um certo comprometimento em função dos interesses do produtor”, falou Jarbas.

Sem a menor intenção de querer reunir todo o quadro social em torno de um único partido político, o presidente da Fecotrig quer apenas “dar nome aos bois”, procurando saber que partidos serão capazes de se definirem e se comprometerem com o sistema. “Só queremos saber quem realmente está do nosso lado, que partidos ou pessoas, independente de siglas partidárias”. Deixou bem claro que jamais passou pela idéia o “voto a cabresto”, mas o quadro social precisa ser convocado para esse novo posicionamento. Seria apenas uma recomendação das cooperativas no sentido de apoiar aqueles candidatos que estiverem dispostos a se comprometer com o sistema.

A posição de Jarbas Machado não foi bem aceita pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva que disse “ser ainda muito cedo para as cooperativas tomarem tal posicionamento, já que ainda não têm bem definido o que querem em ter-



## O resumo das decisões

As decisões do encontro de Santa Maria podem ser resumidas assim:

— O patrimônio da cooperativa deve ficar em nome de seus associados.

— Os fundos (boa parte das sobras do fim do exercício), até então indivisíveis, (ou seja, que não vinham sendo rateados entre os associados) deverão se tornar divisíveis. A divisão deverá ser proporcional aos negócios dos associados na cooperativa.

— O capital social, para que não perca o seu valor devido à inflação, deverá ser corrigido.

— Em alguns casos as formas de devolução do capital deverão permanecer unificadas entre as cooperativas, como de morte ou invalidez permanente. Nestas situações, a devolu-

ção do capital deverá ser imediata. Já nos casos de afastamento do associado através de demissão, ou de afastamento definitivo da atividade agrícola, entre outros, as formas de devolução do capital deverão ser discutidas com os associados, sempre tomando o cuidado de estabelecer critérios que não venham a enfraquecer o sistema com a saída dos associados.

— Os descontos de capitalização deverão obedecer taxas a serem discutidas com os associados, estabelecendo no mínimo o desconto de um por cento sobre a produção entregue. Da decisão dos associados — que terão um ano para discutir a questão — poderão surgir critérios unificados, ou não, de capitalização nas cooperativas.



A tomada de um posicionamento comum sobre a correção do capital

mos de política". Alceu Marques, presidente da Camil — cooperativa de Itaqui —, não concordou com o posicionamento do presidente da Cotrijuí, lembrando as manifestações dos produtores em vários assuntos ligados à atividade agrícola, significando, portanto, um definição frente aos problemas da classe.

### CONSCIENTIZAÇÃO

Além das discussões em grupos e em plenário, o pessoal presente ao encontro pode ainda assistir a um painel, quando alguns dirigentes de cooperativas puderam falar sobre as suas experiências na área de correção de capital. As conversas não ficaram só por aí. Outros assuntos também foram levantados e questionados, como o estabelecimento de critérios para a devolução do capital ao associado, também conhecidos como salvaguardas.

Nessa discussão toda, sobre as validade de tais critérios, o presidente da Camil, Alceu Marques, disse não crer muito na existência de tais salvaguardas. "O que adianta mesmo é uma discussão mais profunda dentro da realidade brasileira. A qualidade do associado só melhora mesmo a partir da conscientização", observou

Alceu. A cooperativa, segundo o presidente da Camil, existe para dar vantagens econômicas ao produtor "e a sua fidelidade para com a cooperativa é decorrente da fidelidade da cooperativa com o associado". Favorável a saída do associado que está pedindo para ir embora, ou a eliminação do quadro social de todo o associado que desvia a produção, Alceu Marques diz que não é mais tempo "de ficar em posição bíblica, buscando ovelhas desgarradas. Nossa opção é uma opção econômica e não religiosa".

Ruben Ilgenfritz, por sua vez, rebateu o presidente da Camil, lembrando que não se pode medir o sistema só pelo lado econômico. "E o social, onde fica"? — perguntou Ilgenfritz. "Nosso objetivo", disse ainda, "não é fazer capitalismo e sim cooperativismo. O desvio da produção não pode ser encarado com paternalismo, mas muito menos com atitudes de força". Esta posição, por sinal, foi apoiada pela quase totalidade dos dirigentes que estavam no plenário. Segundo Ilgenfritz, as razões do afastamento do produtor também devem ser procuradas dentro da Cooperativa, em alguma falha que ela esteja cometendo.

## Favorecendo o associado, fortalece a cooperativa

O assunto capitalização já entrou em muita reunião que o seu Helvin Gustavo Zolinger, de Paraíso, Augusto Pestana, andou participando nos últimos tempos. Mas ele não sabia que os dirigentes de cooperativas tinham voltado a debater sobre isso. Para ele é uma coisa líquida e certa que o capital do associado deva mesmo ser reajustado, "pois do contrário fica sempre pra trás. Se o reajuste vem favorecer o associado, só pode fortalecer também a cooperativa".

Opinião bem parecida tem o seu Júlio Preto, que mora na Linha 13, em Ajuricaba. E até acha, inclusive, que isto representa uma grande vantagem:

— É um dinheiro nosso que fica lá. Se vendo no comerciante, mesmo que não desconte o capital, não tenho nada de meu lá dentro.

Já o seu Tristão de Moura, de Passo Grande, em Coronel Bicaco, é favorável não só à correção como também a um retorno, "pelo menos a cada dois anos". Ele ficou sabendo, durante uma recente reunião da cooperativa, de alguns detalhes do sistema de correção que está sendo posto em prática pela Cotrijuí. Mas ele agora se pergunta:

— Então, para receber retorno do desconto, para gozar seus direitos, o associado tem que morrer?

### A CORREÇÃO NA COTRIJUI

Ele se pergunta assim porque disse ter ouvido uma explicação de que a família do associado recebe de volta o que foi capitalizado quando o produtor morre. E é exatamente isto o que acontece, dentro do sistema de correção adotado pela Cotrijuí, onde foram introduzidas algumas formas de dificultar um pouco a retirada do capital — a chamadas salvaguardas — para que a entidade não se veja, de uma hora para ou-

tra, sem o capital que lhe dá a sustentação financeira. Outra das salvaguardas vem por intermédio de uma forma que estabelece que o capital, e mais a correção, somente poderão ser retirados na mesma proporção de anos que o associado levou para formar sua cota-capital. Desta forma, quem formou sua cota durante o período de 10 anos, levará outros 10 anos para retirar integralmente todo o seu capital, que vai ter seu saldo corrigido anualmente. (Toda mecânica de correção do capital na Cotrijuí está bem explicadinho na edição de janeiro deste ano do Cotrijornal).

### ENTENDER AS MUDANÇAS

Ao falar da correção do capital, automaticamente os associados também comentam o próprio sistema de capitalização. O seu Helvin Zolinger, por exemplo, até é de acordo de aumentar a participação do associado na hora do desconto:

— Se a idéia é de se pegar menos dinheiro nos bancos, é uma boa saída. Os juros estão mesmo subindo muito. Só que o associado deve entender bem essas mudanças, compreender os motivos do aumento. Essa é outra medida que, se vai beneficiar a cooperativa, que é a nossa casa, também vai favorecer o produtor. Se o juro que se pega dos bancos é alto, esse juro vai estourar nas costas de quem? É claro que estoura no próprio associado.

O seu Tristão, porém, não acha bem a mesma coisa. Ele inclusive não acredita que um aumento no percentual possa ser justificado, apesar de reconhecer que os juros bancários estão mesmo lá em cima:

— Eu não sou contra a cooperativa, mas acho que o desconto tem é que diminuir e o preço do produto melhorar. Tudo isto deve ser informado ao produtor, para que se possa conhecer bem a medida.

Já o seu Júlio Preto até que acha bem certo este desconto de capitalização. Ele é sócio desde 1962 e sempre achou muito natural o desconto. Só que ele não tem nem idéia do valor que já atingiu sua cota dentro da cooperativa, que diz ser uma coisa que nunca chamou muita atenção. Não sabia inclusive os detalhes da correção do capital, o que, segundo ele, "só pode ser uma coisa boa". Sua esposa, a dona Sidoni, entretanto, lembra que nas reuniões de senhoras que acontecem lá por perto, este assunto sempre é bastante comentado, "muita gente acha que não é bom fazer descontos tão grandes". Mas ela até que concorda com o marido, lembrando que nunca acharam nada de muito errado no trabalho e nas vantagens que a cooperativa oferece.



Helvin Zolinger: entender as mudanças



Tristão de Moura: era bom um retorno



Júlio e Sidoni Preto: as vantagens





# RECEITAS CASEIRAS PARA GUARDAR OS GRÃOS

Todo o segredo do armazenamento caseiro de grãos, como diz o seu Romano Jacó Thomé — da Linha Modesta, Chiapetta — está na época da colheita. Ele conta como foi que aprendeu esse segredo:

— Meu patrão velho, nos primeiros tempos que eu estava casado, foi quem me ensinou esse segredo. E desde lá faço a experiência que sempre tem dado certo. Planta que produz dentro da terra — como a batatinha, a mandioca —, tem que ser plantada na minguança. Já a planta que produz prá fora — como o milho, o feijão — tem que ser plantada na crescente e colhida na minguança, que é certo que não vai ter problema de caruncho. Outro cuidado que tenho é sempre de guardar o produto bem seco, que úmido nenhum produto se conserva.

Embora muitos dos seus conhecidos dêem risada dessa sua idéia, o seu Jacó tem certeza de que a lua exerce influência na qualidade do produto. Ele garante que quem seguiu seu conselho tem se dado bem:

— Tudo tem seu significado, até as estrelas. Acho que deve ter um valor estas mudanças de lua. Tem muita coisa que comprova isso. É o caso da mandioca: se for plantada na lua nova fica tão amarga que nem a criação quer comer. Ou então o caso do milho dobrado na crescente. Quando

chega a hora de recolher pô galpão, já tá todo carunchado.

Sempre seguindo suas experiências, o seu Jacó costuma plantar o feijão na minguança e secar num sol bem forte, guardando os grãos com o pó em sacaria de estopa ou numa tulha. Ele não gosta e nem recomenda o uso de saco plástico para armazenar o produto, "que não é conveniente, pois deixa entrar o ar, e o saco trabalha com o tempo, puxando umidade".

No mais, o seu Jacó garante que seguindo a lua não precisa se preocupar com os grãos estocados. Ele conta que muita gente acredita em simpatia, o que considera uma grande bobagem:

— Dá o acaso do pessoal colher na lua certa e depois acreditar que foi a simpatia que não deixou o produto carunchar.

## RECEITA PARA GUARDAR

Sem dar muita importância para as influências da lua, o seu Antonio Colato, da Linha 17 (Ajuricaba), dá a sua receita para guardar o feijão sem perigo de carunchar:

— Gosto de colher e bater o feijão, mas sem ventar. É importante que ele esteja bem seco, se bem que pode ser secado no sol depois, porque o feijão não tem óleo como a soja.

Uma lavoura sempre dá uma trabalhama danada até a hora da colheita. Tanta trabalhama pode ser reduzida a quase nada se, na hora de guardar a produção, faltar na propriedade um bom paiol, um armazém ou até mesmo um galpão pra guardar o milho, o feijão, o arroz. Por falta de condições mínimas de armazenagem, o produtor se vê muitas vezes obrigado a repartir a sua safra com os carunchos, as traças e os ratos, ou ainda ter de pagar armazenagem a terceiros. Às vezes então, acaba perdendo boa parte da produção por causa do ataque do mofo, no caso do galpão ser úmido e pouco ventilado. Alimentos mofados podem até envenenar a criação. Por falta de boas condições de armazenagem dentro da propriedade, quase nem tem conta o que de produto vai fora. Alguns dados dizem que em todo Rio Grande do Sul, anualmente, se perde por volta de 30 por cento da produção de milho. Fora o que se perde de batatinha, de arroz, de feijão, de aveia, de cevada.



Antonio Colato: milho seco fica que é um vidro

O seu Antonio tem o cuidado de guardar o feijão com a bula — o pó formado pelas folhas esfareladas — em sacos ou então a granel, dentro de uma tulha. Não coloca nenhum remédio, pois garante que "a bula evita o caruncho e ainda mantém a qualidade do produto".

Seus cuidados no armazenamento do milho são bem maiores. Ele costuma guardar as espigas dentro de um paiol fechado, com a palha. E diz que armazena de uma maneira muito diferente do resto do pessoal:

— Até já andei discutindo muito sobre isso. Eu guardo o milho bem seco, ao contrário do pessoal que prefere colher e até umedecer o milho para não carunchar. O milho guardado bem seco fica que é um vidro. Se a gente deixa úmido, o milho esquenta e logo caruncha.

Para combater o caruncho ele prefere usar o pó Malagran. Não tem por costume usar o sal, porque tem certeza que ele só serve para estragar o galpão: "o sal come todos os pregos e acaba logo com o galpão".

## O JEITO ANTIGO

Experiência em guardar produtos em casa é o que não falta ao seu José Manjabosco, de São Miguel (Augusto Pestana). Só que no seu caso as técnicas caseiras foram deixadas de lado, pois ele tem achado menos trabalhoso o uso de produtos químicos. Ele usa um pó para conservar o milho, o arroz e o feijão, variando apenas na quantidade da aplicação.

O jeito de guardar o feijão é muito simples: põe a secar, passa o



Romano Thomé: planta na terra, mas a lua influi

pó e coloca numa tulha. Mas há tempos atrás a coisa era um pouco diferente. O costume, como ele conta, era secar os grãos no sol, tirar o cisco mais graúdo e depois fechar numa tulha. Outro jeito era botar o feijão prá pegar uma geada bem forte até gelar com o frio. Depois era só secar no sol e guardar. Esse processo foi muito utilizado pelos colonos, principalmente quando o preço do feijão era muito baixo. Conta o seu José:

— O pessoal guardava o feijão até por uns três ou quatro anos, até que o preço melhorasse.

O seu José tem muita fé nos pôs, e garante que foram eles que salvaram muito produto dentro dos galpões:

— Só que hoje usam muito pó que é veneno. Nós aqui sempre lidamos com isso e até agora não notamos que estivesse fazendo algum mal. Talvez até esteja fazendo, mas nós ainda não sentimos.



## Pick-up Fiat. A maneira mais econômica de levar 500 kg nas costas.

Transportar 500 kg de carga a grande maioria dos utilitários que você conhece transporta. Mas fazer isso gastando pouco, são outros quinhentos. É aí, a Pick-up Fiat está sozinha na parada. Está sozinha porque só a Pick-up Fiat tem mecânica Fiat. É isso que diz: economia, desempenho, agilidade no trânsito da cidade e tranquilidade na hora de enfrentar terrenos irregulares e as estradas difíceis da zona rural. No compartimento de carga, a Pick-up carrega tudo o que você quiser até 1/2 ton. Inclusive objetos longos: a Pick-up Fiat tem porta traseira basculante para facilitar as coisas. O seu moderno motor 1300 cc a álcool ou a gasolina, e o seu tanque com 52 litros de capacidade, garantem muitas idas e vindas, com muita economia. Por fora a Pick-up Fiat tem o tamanho ideal para o transporte urbano. Ela é fácil de manobrar e é ágil como ela só no trânsito. Por dentro a Pick-up Fiat apresenta várias novidades como os novos bancos, muito mais confortáveis, painel antichoque com instrumentos de fácil leitura e muitas outras novidades. Como você pode ver, além de carregar 500 kg nas costas, a Pick-up Fiat ainda tem uma vantagem, que só ela tem: ela não pesa no seu bolso. Venha ver a Pick-up Fiat de perto numa Concessionária Fiat.







José Manjabosco: o mais difícil é o milho

O MAIS DIFÍCIL

Foi a experiência da armazenagem que ensinou ao seu José que o produto mais difícil de conservar é exatamente o milho, "que não chega a passar um ano que vira cinza". Ele tem por costume guardar o milho com a palha, inclusive com o "capucho" de cima, que não deixa na lavoura como faz a maioria dos produtores. Este capucho, que é a capa de cima da espiga, ele usa mais tarde como alimento para o gado. E para melhor conservar o milho ele também espalha o pó — que não lembra o nome — em cima das espigas. A trabalhadeira é grande, pois a cada três meses ele tem de passar novamente o pó e remexer tudo outra vez.

Há tempos atrás, quando o seu pai costumava guardar o milho em casa, era tudo na base da técnica caseira, com o sal por cima das espigas. E o seu José lembra que até que o milho não estragava tanto como agora:

— O finado pai ensinava a molhar o milho com uma salmoura, ou então esparramar o sal por cima das espigas e botar um pouco d'água. É que naqueles tempos era tudo bem diferente e o milho nem carunchava tanto como acontece com esses milhos novos que se anda plantando.

TULHA FECHADA

Armazenar o arroz é bem mais fácil, garante o seu José. É só passar o tal do pó uma vez, que o arroz se conserva por muito tempo:

— Tenho arroz de dois anos, mas já guardei até por quatro anos dentro de uma tulha bem fechada.

Coisa importante é colher o arroz na hora certa, bem cedo, que a armazenagem fica garantida.

— Depois tem que esparramar sobre uma lona para secar um pouco mais. Tem que cuidar prá não deixar no sol forte demais, que daí na hora de descascar trinca todo grão. Dá prá botar no sol, mas não pode ser muito forte e precisa ficar dando umas duas ou três viradas durante o dia, que é prá secar parelho. Depois é só passar o pó e guardar.

# O jeito de reduzir as quebras

Dois aspectos devem ser levados em conta para garantir o produto armazenado: a regulagem das automotrizas na colheita e a época certa da colheita, principalmente se o grão for destinado para semente. As perdas de grãos e as quebras na lavoura diminuem bastante se o produtor trabalhar com máquinas bem reguladas, enquanto que a época da colheita vai influir na qualidade do produto armazenado. Todo o grão armazenado, tanto para consumo como para semente, deverá obrigatoriamente ficar dentro de um percentual de umidade, pois em caso contrário, o produtor está arriscando perder sua produção pelo ataques de fungos ou apodrecimento. É claro que o produtor está cansado de saber que a umidade influi consideravelmente na qualidade dos grãos. Para períodos de estocagem entre três a quatro meses, os grãos, de um modo geral, poderão ter uma umidade entre 13 a 14 por cento.

Grãos estocados com excesso de umidade só dão prejuízos, pois estão sujeitos ao ataque de insetos, fungos e bactérias. Quando isso acontece, o produtor perde a conta do volume de grãos que vai fora. "Por outro lado", comenta o Jalcione Pereira de Almeida, agrônomo da Cotrijunf em Ijuí "grãos com muita umidade além de es-

tragarem durante a armazenagem, aumentam as despesas de transporte do produtor, pois em vez de andar carregando grãos, ele está é levando água". O Jalcione ressalta aqui, mais uma vez, a necessidade da colheita ser feita na hora certa, "assim, o produtor estará evitando perdas durante a armazenagem e também o transporte desnecessário".

A SECAGEM ANTES DA ARMAZENAGEM

O mais garantido para evitar quebras na armazenagem, é fazer uma boa secagem antes de guardar os grãos, colocando-os ao vento ou ao sol. Secar em casa o arroz, o feijão, dá uma trabalhadeira maior, mas além de mais econômico, é uma medida eficaz, e que pode muito bem ocupar a mão-de-obra familiar. Além disso, é o sistema mais indicado para quem armazena produtos em casa e não dá gasto nenhum. Se a produção for maior, com estocagem à nível de armazéns, então o melhor é fazer uma secagem artificial, que já vai implicar em certos gastos. A secagem em casa, ao natural, não tem nenhum mistério e apresenta resultados satisfatórios. Todo o trabalho está em o produtor, diariamente, remexer os grãos espalhados sobre uma lona exposta ao sol ou a ação do vento. A lona evita que os

grãos se misturem ao pasto ou à terra e em caso de chuva repentina ou ventania, basta apenas que os grãos sejam enrolados, passando as pontas da lona umas por cima das outras. Assim, a ação dos ventos fortes ou água de chuva não causa danos. Expostos os grãos ao sol, o produtor só tem que, uma vez ou outra, dar uma remexida grande, de forma que os grãos de baixo fiquem prá cima, para que a secagem fique parelha. Essa operação deve ser feita durante uns quatro ou cinco dias, até que os grãos estejam bem secos. Depois é só estocar a produção.

Durante a secagem os maiores cuidados ficam mesmo é para os grãos destinados a sementes. O Jalcione não aconselha a secagem direta no sol, "pois altas temperaturas podem comprometer o poder germinativo das sementes". O jeito melhor de secar sementes é expô-las à ação do vento, na sombra de alguma árvore, ou dentro de um galpão, ou espalhadas em cima de uma lona ou de um piso liso".

Secos os grãos, estando a umidade bem no ponto, o produto está pronto para ser estocado. O resto fica com a disponibilidade de armazenagem dentro da propriedade e também com o capricho e cuidados do produtor.

# Semente produzida em casa

*Se as condições de armazenagem caseira são boas, com paióis bem ventilados, tulhas bem limpas e fechadas, o produtor pode muito bem produzir a sua própria semente em casa, sem precisar ter de andar comprando grandes quantidades de semente todos os anos. É só ter bastante cuidado na hora da colheita, na limpeza do paiol (para evitar ataque de insetos ou roedores) e na secagem, para que a semente se conserve em perfeitas condições até o plantio.*

A recomendação do Jalcione é que sementes de arroz, feijão, milho, trigo, cevada, centeio, aveia, e outras sejam guardadas ensacadas e empilhadas em lugar seguro, arejado e livre do ataque os ratos e caruncho. Os sacos devem ser empilhados corretamente uns sobre os outros, pois isso além de facilitar a limpeza, evita o desmoronamento da pilha. "Quanto menor for a variação de temperatura e umidade dentro do depósito onde estão empilhadas as sacarias, melhor será a conservação das sementes", observa o Jalcione. As sementes de cereais, que nem a aveia, o centeio, o trigo e outros, devem ser tratadas antes da armazenagem, enquanto que a semente da soja dispensa qualquer tratamento caseiro, já que dificilmente ela sofre ataque de algum inseto.

Essa mesma preocupação não precisa ser dispensada ao produto indústria, que vai ser utilizado no consumo da casa, e pode perfeitamente ser armazenado à granel, dentro de tulhas ou paióis. Basta apenas ter cuidado com ataques de insetos ou roedores.

DEPENDENDO DO COMPORTAMENTO DA LAVOURA

Sementes de outros produtos, como o alho, e a cebola, também podem ser guardadas até a próxima safra. Só que nestes casos, o período de duração da armazenagem está diretamente relacionado com o comportamento do produto na lavoura. Só vale a pena guardar produtos sadios, pois a armazenagem não melhora a qualidade do produto, apenas conserva-o. Tanto o alho



As sementes devem ser empilhadas em lugar seguro e arejado

como a cebola, devem passar por um período de cura antes da armazenagem, ficando ainda de dois a três dias depois da colheita no campo. O alho se conserva melhor com a palha ou ramo e de preferência com os bulbos para cima. A cebola, depois de passado o processo de perda de umidade, deve ser conservada também com a palha, amarrada em molhos e depois pendurada em locais ventilados.

Armazenar a batatinha já é mais difícil, pois tudo vai depender das condições sanitárias da lavoura, principalmente por causa da "murchadeira", que apodrece o produto no depósito. Dificilmente um produtor consegue guardar batatinha para semente, mas ela pode ser estocada por um tempo pró consumo da casa, desde que fique em temperatura em torno de 15 graus centígrados. Deve ser armazenada de preferência em estrados, sem pegar diretamente a luz do sol.

A LIMPEZA DO LOCAL

Como medida preventiva contra um posterior ataque de insetos, o pessoal técnico recomenda que se faça um expurgo tanto do local onde está armazenada a produção como dos próprios grãos. O expurgo do

local é uma operação-limpeza que visa acabar, antes da armazenagem, com todos os insetos e até roedores que se encontram pelos cantos, pelas paredes, embaixo de tulhas e estrados.

As sementes, antes da armazenagem, podem muito bem ser tratadas com produtos menos tóxicos, à base de Malathion, 2 por cento, como recomenda o Jalcione. Ou então uma pulverização com Malathion, em 50 por cento, usando para tanto, 200 mililitros do produto em 5 litros de água. "O trabalho é bem simples", diz o Jalcione. "Basta pulverizar cada camada — com um palmo e meio de altura cada uma — à medida em que se vai estocando no depósito". O Malathion, a 2 por cento, é um produto em pó e "apenas um quilo pode proteger mil quilos de milho em espigas por um período de 5 meses", garante o agrônomo.

Já o uso de outros inseticidas mais tóxicos (como o Fhostoxin ou o Gastoxin) exigem aplicações por pessoas especializadas, pois o gás despreendido é bastante tóxico ao homem e aos animais. "Se o produtor tiver em mãos outros inseticidas pouco conhecidos, deve procurar a assistência de um técnico", alerta o Jalcione.



# Milho na lavoura é risco maior

É uma prática bem comum entre os produtores dobrar o milho depois de seco e deixar as espigas na lavoura até durante meses. Na maioria dos casos isto acontece porque falta na propriedade um lugar adequado para armazenar a produção. Em outros casos, porque o produtor acredita que o milho na lavoura, protegido pela palha, está livre de ataques de insetos. Segundo o Antonio Vieira dos Santos, agrônomo do Departamento Técnico da Unidade de Santo Augusto, o milho na lavoura corre maiores riscos do que armazenado em casa. O Antônio explica melhor:

— Milho que fica na lavoura, mesmo que esteja dobrado, está sujeito a sofrer o ataque de carunchos e traças. Fora isso, poderá ocorrer perdas de espigas por acamamento ou quebra da planta.

Na hora de armazenar esse milho, os cuidados terão de ser redobrados e qualquer tratamento deverá ser muito bem feito, pois os insetos que vêm da lavoura ficam escondidos no meio da palha. Esse expurgo deve ser feito fora do paiol, aproveitando uma carroça forrada com uma lona, colocando em cima as espigas. Usando um inseticida de baixa toxicidade, o produtor deve fazer aplicações num período de 72 horas, para depois armazenar o produto.

## O SAL PARA PREVENIR

Em outros casos, de colheita feita logo após a maturação, o produtor também pode usar um inseticida preventivo ou então a salmoura. O Antônio dá a receita:

— Pode acontecer do produtor preferir, em lugar de produtos químicos, controlar insetos com o sal, uma técnica caseira que ainda é bastante usada. Este controle tem de ser feito na hora da armazenagem do milho, sempre colocando em cada camada de espigas, que não deve ter mais de 20 a 30 centímetros de espessura, uma certa quantidade de salmoura.

O único prejuízo que a salmoura pode trazer ao produtor é que com o tempo, ela poderá estragar a máquina de moer o milho prô trato dos animais. De resto, a salmoura não causa nenhum dano aos grãos.

Tirando os estragos que podem ocorrer por causa de ataques de insetos ou roedores durante a armazenagem, o resto fica por conta da colheita feita na hora certa, quando o milho tiver atingido o ponto de maturação ideal. O controle é muito simples de fazer e qualquer produtor tem conheci-



Milho na lavoura está mais sujeito ao ataque de carunchos e pragas



A recomendação é estocar em locais bem ventilados



Antonio: controle na hora

mento: "basta pressionar os grãos com a unha. Se não ficar marcas, é porque o milho está no ponto de ser colhido".

O local da armazenagem é importante para a conservação dos grãos. A nível de propriedade o Antônio recomenda que o milho seja estocado com a palha e de preferência em paiol bem ventilado, "sempre colhido logo após a maturação". Estes paióis podem ser construídos com tela, que fica muito bem ventilado, sem perigo de mofo, ou com ripado de taquara ou de madeira.

## GUARDANDO COM O PÓ

Na maioria dos casos, o feijão depois de colhido é batido com um mangual, trilhado com as rodas de um trator ou então pisoteado pelas patas de um cavalo. Depois que a palha fica bem esfarelada, o costume é separar o cisco mais grosso e

deixar o resto do pó mais fino misturado com os grãos. E assim, com um aspecto meio de sujo, o feijão é guardado dentro de tulhas ou ensacado por muito tempo. Garantem os produtores, que esse pó, além de ajudar na conservação da qualidade dos grãos, ainda melhora o cozimento do feijão.

Outros produtores preferem guardar o feijão com a palha, "correndo o risco de perder grãos por causa de alguma palha ainda úmida", diz o Jalcione Almeida:

— Não vemos problema nenhum no caso de guardar o feijão com a palha, desde que ela esteja bem seca, com umidade em torno de 13 por cento. Nestas condições, a qualidade do produto fica garantida, sem perigo de apodrecimento dos grãos.

O perigo maior de guardar o feijão com a palha são os insetos. O feijão é facilmente sujeito ao ataque de insetos e a palha propicia o aparecimento do caruncho, que pode até terminar com o feijão se não for combatido logo de início. Além disso, a palha ocupa muito espaço e "num armazém, todo o lugar disponível, deve ser reservado aos grãos", observa o Jalcione.

A exemplo dos demais produtos, o feijão antes de ser armazenado deve estar bem seco. "Um produto bem colhido, bem trilhado e bem seco, pode muito bem ser armazenado por um longo tempo, até por anos se for utilizado no consu-



Jalcione: cuidado com a umidade

mo caseiro", explica o Jalcione Almeida. No caso de grãos para semente, não se aconselha a estocagem muito longa. "Um armazenamento muito longo pode comprometer o poder germinativo da semente".

## A TERRA DE FORMIGA

A terra de formigueiro também é bastante útil na armazenagem do feijão, e dizem os entendidos no assunto, que ela tanto serve para garantir a qualidade dos grãos como para protegê-los contra o ataque dos carunchos. É que os carunchos não gostam de pós finos, e por isso os produtores, na maioria das vezes, preferem guardar o feijão com o pó da palha ou misturado com a cinza. Além disso, a argila, que existe em grande quantidade na terra de formigueiro, depois de seca, forma uma verdadeira capa que protege o feijão do ataque de qualquer inseto.

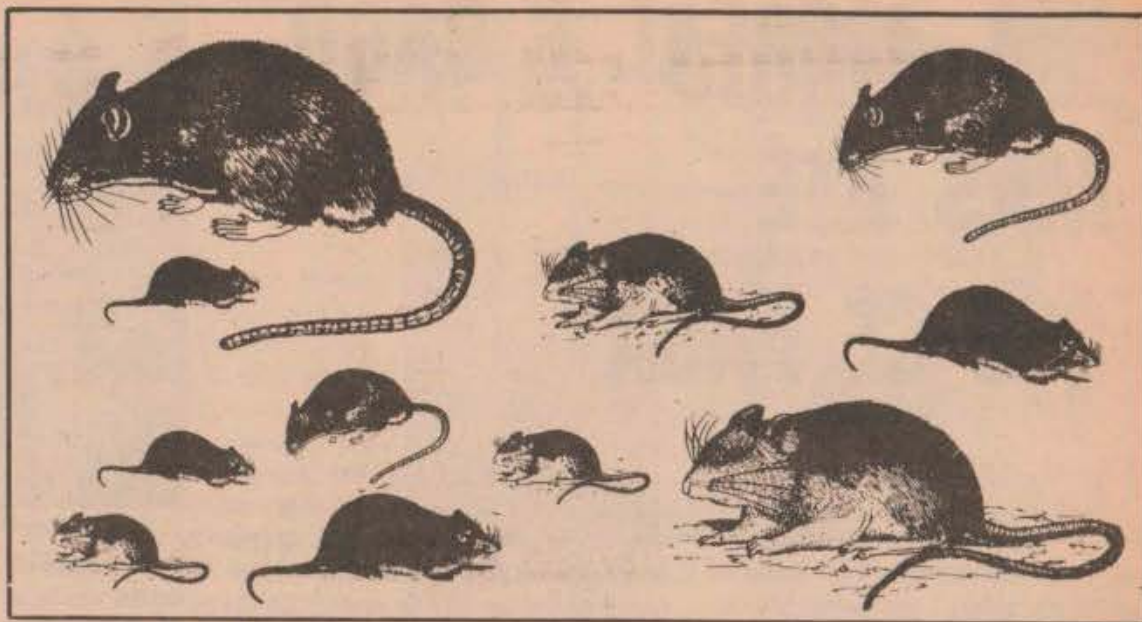
O uso da terra de formigueiro na armazenagem do feijão é muito simples: é só misturar aquela terra que sai do ninho das formigas com um tanto d'água, até formar uma pasta que deve ser juntada aos grãos. Em seguida é deixar secar ao sol e guardar em sacos de estopa, em lugar fresco, seco e escuro, para evitar que os grãos percam a cor. É mais um jeito de conservar o feijão até por uns dois anos, sem perder a qualidade e sem sofrer o ataque dos carunchos.

## EM PILHAS ABERTAS

Com o arroz, as coisas não são diferentes. Deve ser colhido bem seco, e no caso de semente, deve ser ensacado e armazenado em pilhas abertas, em local seco e ventilado, sobre um estrado de madeira. Para evitar qualquer ataque de insetos, se faz necessário o uso de um produto químico para a sua conservação. O arroz-consumo também deve ser armazenado, com casca e ensacado, nas mesmas condições do grão para semente.



# O PREJUÍZO QUE TRAZEM OS RATOS, BICHOS ESPERTOS E DESCONFIADOS



De animais repugnantes, os ratos têm ainda na conta o fato de terem contribuído para o alastramento da peste bubônica, que matou mais de 25 milhões de europeus lá pelo século XIV. Indiferentes à condição de "pior inimigo" do homem, os ratos continuam tomando conta do que bem entendem, transmitindo doenças ou destruindo milhões de toneladas de alimentos todo o ano. Nem mesmo o avanço da medicina ou a Saúde Pública, até hoje conseguiu erradicar doenças como o paratifo, a tuberculose, a raiva, a sarna, as micoses, a leptospirose — que ataca principalmente os porcos, provocando o aborto nas criadeiras — e outras tantas doenças que são transmitidas ao homem ou aos animais domésticos pelo contato com alimentos, mordidos através das pulgas, ou carrapatos que se alojam nos ratos.

A população mundial de ratos é alarmante. A revista "Visão", de janeiro de 80, dizia que a Organização Mundial da Saúde calculava que existiam mais de 6 bilhões de ratos, o que representa a proporção de um rato e meio por habitante da Terra. Isso em média, porque nos grandes centros urbanos poderia aparecer até seis ratos por pessoa.

Sem dar muita importância à antipatia ou à repugnância humana, os ratos continuam se multiplicando assustadoramente, infestando e destruindo o que encontram pela frente. Um especialista chegou a conclusão de que se um rato vivesse por 10 anos, ele poderia gerar nada menos de 48 trilhões de novos ratinhos. O estrago causado por apenas um casal de ratos também vai longe. Num tempo de seis meses, esse casal pode muito bem consumir 14 quilos de milho, inutilizando com restos de urina e de fezes outro tanto equivalente a 10 vezes a quantidade consumida. Nessa brincadeira toda, o mundo vai perdendo milhões de toneladas de alimentos, e o que fica estragado, não serve nem de trato prós-

animais.

Tendo em vista os riscos de perdas de grandes volumes de grãos de alimentos anualmente por causa do ataque dos ratos, o jeito é tentar combatê-los com algum raticida (embora existam teorias que dizem que nem mesmo os raticidas são capazes de eliminar os ratos, dado a sua resistência), já que o seu velho inimigo gato caiu na desmoralização.

## PREVENÇÃO

Os ratos sempre gostaram de viver em locais de pouca claridade, em paióis velhos e mal cuidados, cercados de capoeiras por todos os lados, onde, muitas vezes, por falta de um local adequado na propriedade, o produtor costuma armazenar a safra de milho, do feijão, do arroz. Nestes locais, não tem grão, sacaria ou tulha que escape à ação silenciosa e

ágil dos roedores.

As medidas preventivas contra a invasão de roedores, vão desde a operação de limpeza dentro do galpão, tulha ou paiol, até a eliminação de restos de grãos que sobram da safra anterior. A limpeza deve ser feita em todos os lados e por todos os cantos, embaixo de estrados que servem de suportes para as sacarias, nas entradas e pelos arredores. Como os ratos gostam de se esconder em meio a montes de lixos ou capoeiras, nada disso pode ter por perto, pois só contribuiriam para aumentar a proliferação dos roedores na propriedade.

## ESPERTEZA E DESCONFIANÇA

A tradicional ratoeira de madeira, com isca de pedaços de pão ou queijo, ou ainda o gato, à nível de propriedade, sempre foram os meios mais

usados no combate aos roedores, embora nem sempre tenham apresentado resultados satisfatórios. Combater ratos não é uma tarefa simples. Eles são animais desconfiados, ariscos e logo que percebem qualquer modificação no local, tratam de mudar a moradia. Dado a tanta esperteza e desconfiança, o melhor jeito de combater ratos, sem espantá-los num primeiro momento, é através do uso de um raticida "que cause morte lenta", como recomenda o agrônomo Jalcione de Almeida. Um raticida de morte instantânea espanta o resto dos ratos logo nas primeiras mortes. "A vantagem do uso de um raticida de morte lenta, é que os ratos nem chegam a se dar conta de que estão morrendo aos poucos", observa o Jalcione.

Neste caso, como se trata do uso de venenos, o

preparo da isca requer certos cuidados, sempre misturando o raticida com milho ou trigo moído e um pouco de açúcar. Nada de misturar o veneno com a banana, pedaços de queijo ou pão, como o produtor anda meio acostumado a fazer, porque os próprios ratos se encarregam de levar as iscas para outros locais, onde até podem ser consumidos por outros animais da propriedade. Pronta a isca, ela deve ser colocada dentro de um prato (já sem uso doméstico) ou dentro de uma lata. O resto é distribuir a isca por todos os lados, deixando em cantos meio escondidos, embaixo de estrados, sempre tendo o cuidado para que não fique à mão das crianças.

De tempos em tempos, as iscas devem ser renovadas, até que o local fique livre da ação dos roedores.

Para informações e Kepler Weber dos assuntos de seu interesse: CORREIAS AGRÍCOLAS, CORREIAS INDUSTRIAIS, CORREIAS TRANSPORTADORAS E ELEVADORAS, MANGUEIROS, P.A.S.

**Kepler Weber é agora o seu distribuidor de correias e mangueiras Gates.**

Esta é uma grande notícia, pois agora você terá à disposição, para entrega imediata, correias agrícolas e industriais, correias para transporte e elevação, e mangueiras para todos os fins. Isso quer dizer mais tranquilidade e segurança para você, e a certeza de maior produtividade e lucro na colheita. Lembre-se: Kepler Weber distribui Gates. E um completo estoque está à sua disposição.

**Kepler Weber S.A.**  
 DEPTO. AGROCOMERCIAL  
 Rua Hermann Meyer, 43 - Cx. Postal 2 - Fones 2 e 32  
 (055) 322-2194 - End. Teleg. "KEPLERSA"  
 Telex 0552349 KEWE BR - CEP 98280 - Panambi - RS

O seu distribuidor Gates do Brasil S.A.



# UM ALFALAL É CARO. MAS ATÉ QUE SE PAGA



O estudo considerou a duração do alfafal em sete anos

A implantação de uma lavoura de alfafa exige do produtor, de saída, um desembolso direto de dinheiro bastante considerável. Só num hectare de alfafa, por exemplo, o gasto neste primeiro ano fica por volta de Cr\$ 123.214,00. Mas nos outros anos vem a compensação, pois os gastos ficam só com a manutenção.

O pessoal do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí — GEPLAN — andou elaborando uma análise do custo de implantação e manutenção de alfafa para produção de feno. Como o ciclo produtivo da alfafa tem uma duração em torno de sete anos, o custo estimado pelo Departamento foi feito em cima do primeiro ano, "e depois rateado entre os demais", como explica o Ênio Facco, que andou às voltas com os números da tabela abaixo.

De acordo com o estudo, neste primeiro ano, o desembolso direto aplicado na implantação de um hectare de alfafa, é aproximadamente de Cr\$ 88.028,43, que somando ao custo de manutenção (Cr\$ . . . . . 35.186,38 por ano/ha), totaliza a quantia de Cr\$ 123.214,32. Dos Cr\$ 88.028,32, feito o rateio entre os sete anos produtivos, se chegará a um custo anual de Cr\$ 12.575,49 que somado ao custo de manutenção — Cr\$ 35.186,38 — dá um custo total de Cr\$ 47.761,87, isso no primeiro ano.

Neste estudo não foi computado o custo do dinheiro, juros, taxas. E no caso do rateio dos gastos de implantação e manutenção da lavoura entre os demais anos, não foi feita nenhuma projeção para os próximos anos. Foram considerados valores atuais, tanto para o custo como para o rateio.

Informações usadas para a elaboração dos custos, como tempo das operações mecânicas da lavoura — gradeação, lavração. . . — e utilização de mão-de-obra, foram coletados no Centro de Treinamento da Cotrijuí.

## OS CÁLCULOS

No cálculo dos custos dos insumos (calcário, superfosfato, triplo, cloreto de potássio, bórax, uréia, hiperfosfato microgranulado), utilizados na correção do solo, mais a semente e defensivos (uma aplicação ao ano de herbicida e duas aplicações de inseticida biológico contra lagarta), foram levados em conta médias das recomendações técnicas indicadas nas análises da correção do solo.

Dos Cr\$ 47.761,87 que representam o custo total de um hectare de alfafa no primeiro ano, Cr\$ . . . . 41.429,21 serão gastos com insumos. Isso representa 86,736 por cento do total dos custos. Só de fertilizantes, na implantação e manutenção da lavoura serão gastos Cr\$ . 31.389,21, ou seja, 65,715 por cen-

to. A semente representa 6,491 por cento, ou seja, Cr\$ 3.102,86 de gasto. Com os defensivos o gasto vai ser de Cr\$ 4.057,14, o que representa 8,501 por cento do custo anual.

Para o cálculo de utilização das máquinas e implementos, o pessoal do Departamento considerou os custos da hora-máquina, incluindo junto o valor das peças, reparos, graxas, lubrificantes e combustível. Foi computado também o valor das operações realizadas na implantação (aração, aplicações de corretivos, 2 gradagens, locação e construção de terraços, sementeiras e adubação, aplicação de defensivos). O estudo considerou ainda dados de manutenção, como aplicação de herbicida, transporte interno, depreciação, tanque de combustível, segando (corte da alfafa), rastelamento e enfiamento. Só nos trabalhos com as máquinas, as despesas ficaram em Cr\$ 5.932,56, representando 12,42 por cento do total dos custos no primeiro ano.

## MÃO-DE-OBRA

A mão-de-obra utilizada representa 0,844 por cento. Para tal cálculo, o Departamento de Estudos Econômicos levou em conta as horas de serviço gastas na formação da lavoura e fenação, tomando por base o valor básico do salário míni-

mo vigente no período, bem como os encargos sociais. Neste caso, foram considerados 21,18 por cento de indenização, 8,33 por cento de 13º salário, 2,20 por cento de aviso prévio e 2,32 por cento de férias proporcionais.

Para chegar ao cálculo dos custos de enfiamento, foram considerados fardos com uma média de 6 quilos, sendo necessário, para tanto, uma média de 2 metros de barbante para cada um. Como a produção chega a 200 fardos por hectare/corte, serão gastos 3.200 metros de barbante ao ano. O gasto com o barbante será de Cr\$ 2.880,00, o que representa 6,029 por cento do total dos custos ao ano. Ou ainda, em cada quilo de feno, serão gastos Cr\$ 0,30 de barbante.

## A PRODUÇÃO POR ANO

Com uma média de oito cortes por ano, a produção de alfafa fica em torno de 9.600 quilos por hectare. Em condições normais, cada corte dá uma média de 1.200 quilos. Com a estimativa de preço por volta de Cr\$ 15,00, o produtor vai ter de produzir 8.215 quilos para cobrir o desembolso direto da implantação e manutenção. Para cobrir o custo do ano, que é de Cr\$ . . 47.761,87, a produção necessária será de 3.185 quilos. Contando que o produtor tenha uma estrutura maquinária na propriedade, já com os resultados da primeira produção ele terá condições de repor o dinheiro desembolsado com a implantação e manutenção, sobrando ainda algum troco.

## O PREÇO POR QUILO

Levando em conta todos os gastos do primeiro ano, com insumos, mão-de-obra, maquinários e uma estimativa de produção de feno por volta de 9.600 quilos por hectare, o custo por quilo de feno produzido vai ficar em Cr\$ 4,97. O que mais pesa nestes custos são os insumos, que representam 86,736 por cento. Isto quer dizer que em cada quilo de feno serão gastos Cr\$ 4,31 só de insumos. Destes o que mais pesa é o cloreto de potássio, que representa Cr\$ 1,19 por quilo de feno, conforme mostra a tabela.

"Os custos da implantação e manutenção de uma lavoura de alfafa são estes. A decisão de formar o alfafal", lembra o Facco, "fica por conta de cada produtor, que também deve levar em conta as suas necessidades na propriedade".

CUSTO DE IMPLANTAÇÃO DE ALFALAL E PRODUÇÃO DE FENO

ESPECIFICAÇÃO	IMPLANTAÇÃO			MANUTENÇÃO		CUSTO TOTAL		%TOTAL
	Kg/ha	Cr\$/ha	Cr\$/ano (1)	Kg/ha	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ano (1+2)	Cr\$/Kg	
<b>INSUMOS</b>								
Calcário	10.000	23.000,00	3.285,71	—	—	3.285,71	0,34	6,873
Superfosfato	350	14.623,00	2.089,00	150	6.267,00	8.356,00	0,87	17,484
Cloreto potássio	250	7.417,50	1.059,64	350	10.384,50	11.444,14	1,19	23,955
Bórax	30	3.912,00	558,86	40	5.216,00	5.774,86	0,60	12,097
Uréia	50	2.070,00	295,71	50	2.071,00	2.366,71	0,24	4,964
Hiperfosfato micro-granulado	50	1.132,50	161,79	—	—	161,79	0,01	0,342
Semente	12	21.720,00	3.102,86	—	—	3.102,86	0,32	6,491
Defensivos	Basagran (1 litro)	2.150,00	307,14	Basagran — (1 litro)	2.150,00	2.457,14	0,25	5,145
				Dipel — (meio quilo)	1.600,00	1.600,00	0,16	3,356
				Barbante — 3.200m	2.880,00	2.880,00	0,30	6,029
<b>SUB-TOTAL</b>	—	76.025,00	10.860,72	—	30.568,00	41.429,21	4,31	86,736
<b>MÁQ/IMPLEMENT. MÃO DE OBRA</b>	—	11.468,41	1.638,34	—	4.294,71	5.932,56	0,61	12,420
	12,52 horas	535,02	76,43	7,57 horas	323,67	400,10	0,04	0,844
<b>TOTAL GERAL</b>	—	88.028,43	12.575,49	—	35.186,38	47.761,87	4,97	100,00

FONTE: Departamento de Estudos Econômicos — GEPLAN

OBS: Considerando o custo total da implantação e manutenção, será preciso um desembolso total de Cr\$ 123.214,32, para formar um hectare de alfafa.



# REPRESENTANTES BUSCAM ATUAÇÃO MAIS DIRETA

A dificuldade dos representantes em acompanhar o trabalho do dia-a-dia da Cooperativa, tem provocado um certo desconhecimento das atividades que são desenvolvidas pelos diferentes setores. Com isto, nas reuniões entre os associados menos informados sobre o andamento do trabalho, mesmo os representantes se sentem sem condições de esclarecer alguma dúvida que seja levantada e até mesmo levar alguma informação concreta sobre o funcionamento da Cooperativa.

Pois foi sentindo este problema que na diretoria Regional de Dom Pedrito os representantes começaram a realizar reuniões com os setores da Unidade. A proposta é permitir exatamente uma aproximação maior dos representantes para uma permanente atualização sobre as atividades da Cooperativa. Sobre este assunto, o Departamento de Comunicação e Educação de Dom Pedrito ouviu dois representantes — Abu Souto Bicca e Fernando de Paula Cardoso — que se manifestaram sobre o andamento das reuniões. A primeira foi com o pessoal do Departamento Técnico. Os representantes visitaram inicialmente a Central de Inseminação e os laboratórios e logo em seguida discutiram aquilo que viam de prós e contras no trabalho do Departamento.

## CHEGAGEM DAS ATIVIDADES

O seu Abu Souto Bicca, por exemplo, acha que estava faltando uma maior definição sobre as funções dos representantes. Na unidade de Dom Pedrito, por exemplo, eles vinham se reunindo esporadicamente e foi sentida a necessidade de realizar reuniões periódicas, "onde se faria a checagem das atividades".

A primeira reunião, com o Departamento Técnico, na opinião de Abu Bicca "trouxo um enorme proveito. Discutiu-se a participação do Deteco junto ao corpo associativo e sugeriu-se que fosse criada uma ordem de trabalho, tendo em vista a reciprocidade dos sócios da Cooperativa. Trata-se de se prestar uma maior assistência

técnica ao associado que participe mais assiduamente. E lógico que o Deteco não privará os sócios menos participantes da Cooperativa na assistência técnica que lhe é facultativa receber. No entanto, existe uma diferenciação nos preços da assistência para associados que concorrem com menos fidelidade".

Estas normas, como conta o representante, agradaram à maioria dos associados consultados e beneficiaram os fiéis associados. Segundo ele, a cooperativa não deve negar assistência e sempre que possível ela será levada a todos os níveis da zona rural:

— A tecnologia não só deverá ser levada no intuito de aumento de produtividade, mas é válida que se leve a fim de que não seja diminuída esta produtividade. O pecuarista e o produtor às vezes perde muito mais por falta de conhecimentos novos do que por falta de tecnologia nova.

Ao conselho de representantes da Unidade — composto por 12 produtores — os outros associados têm trazido os seus anseios. Os representantes formam um grupo heterogêneo, como diz seu Abu, e desta forma, contribuem todos os anseios de sojicultores, fazendeiros, invernadores, ovinocultores, arroseiros e pecuaristas:

— Pode-se fazer uma avaliação nos seus mais variados setores. Nas reuniões os associados expressaram os anseios de sua classe e, deste modo, poderemos contribuir junto à diretoria para resolver os problemas ou, ao menos, conhecer os problemas, dando condições para que se entre cada mais vez mais por um cooperativismo maior.

## UMA IDEIA BEM APLICADA

Estas reuniões com os diversos setores são encorajadas pelo representante Fernando de Paula Cardoso, "como uma boa idéia, muito bem aplicada". Ele só tem uma coisa a lamentar:

— Uma vez que estamos em término de mandato, quando ficarmos conhecendo como funciona a Regional será tarde

demais. Haverá uma nova eleição e os novos representantes teriam que novamente começar esta série de reuniões. É uma idéia válida, porém tardia. É bom, no entanto, que se continue assim para que os próximos conheçam o funcionamento da unidade a tempo de poder fazer alguma coisa.

A proposta de estabelecer uma tabela de atendimento para a assistência técnica foi também considerada boa por Fernando:

— Isto desde que ela funcione de acordo com as nossas sugestões. Assim, os associados da área da pecuária poderão aproveitar melhor esta chance que lhes é dada, porque os associados da área agrícola já estão usufruindo mais dos seus direitos.



A intenção deste novo esquema de trabalho...



... é permitir uma aproximação e também atualização

## Muitos inseticidas protegem sua soja de algumas pragas.

### Só Nuvacron protege contra todas!

Nuvacron extermina todos os percevejos, a lagarta da soja, a plusia, a broca das axilas, todas de uma só vez!

Nuvacron é também indicado para controlar os pulgões e lagartas do trigo.

CIBA-GEIGY

Antes de aplicar qualquer inseticida leia com atenção as recomendações do rótulo.



Nuvacron: defesa total da soja.





## CONHECENDO A TÉCNICA NA PRÁTICA DA PECUÁRIA

Quem já viu guampa de vaca entupida de cimento depois de aparada? Muita gente, entre o pessoal que lida só com agricultura, ainda não deve ter visto, mas também há criadores que se surpreendem com isso. A criação de gado de corte é atividade meio nova na Região Pioneira, e de vez em quando esses pecuaristas até que se alarmam com as descobertas que vão fazendo. Foi isso o que aconteceu durante um dia de campo, em Augusto Pestana, quando não faltou quem dissesse que buraco de guampa cortada entupido de cimento era coisa nunca vista.

O dia de campo reuniu umas 70 pessoas, entre criadores e técnicos, na propriedade do seu Avelino Scarton, em Rosário, no dia 21 de outubro. Foi a primeira reunião desse tipo à nível de propriedade, organizada pelo departamento técnico da Cotrijuí, para que os

produtores conheçam técnicas de manejo do gado, cruzamentos, formação de forrageiras e todos os aspectos de um bom novilho de corte, como diz o veterinário Waldir Groff, um dos coordenadores do encontro. No dia 14 de agosto, a Cooperativa já havia promovido um dia de campo sobre pecuária, mas esse aconteceu no Centro de Treinamento.

Seu Scarton orientou a visita realizada pela manhã. Acomodados na carroceria de um caminhão, os produtores de Ijuí, Santo Augusto, Tupanciretã, Augusto Pestana e Ajuricaba examinaram vários lotes de tremeiros e vacas, receberam informações sobre forrageiras, ocupação da área, manejo. "É coisa de se admirar, essa criação", como disse o seu Henrique Michael, um produtor de Ijuí, reconhecendo que a propriedade visitada é bem rara na região, mas que pode dar al-

guns exemplos para criadores menores ou que estejam entrando na atividade.

### MELHOR RENDIMENTO

A propriedade realmente espantou o pessoal. São 1.100 hectares, com 1.216 cabeças de gado de corte, resultantes de cruzas de vacas das raças Charolês com Hereford e machos Aberdeen Angus e Zebuínos. O rebanho cresceu bastante nos últimos anos, mas agora não é a quantidade que interessa ao seu Scarton, o primeiro criador de novilho precoce na região. Ele começou em 73, com 455 cabeças, e hoje está preocupado em conseguir melhores rendimentos, com especial atenção para as pastagens.

"O importante é conseguir mais carne por hectare, fazendo rodízio, para que o gado tenha sempre pasto limpo", diz seu Scarton. Ele planta azevém, aveia, trevo yuchi e outras leguminosas no inverno,



Milton e Valdir Grimm: aumentando o rebanho



Romeo e Henrique Michael: apaixonados pela pecuária

e no verão usa os pastos perenes e principalmente o milheto. É sobre o pasto, aliás, que ele tem ouvido as maiores queixas dos que entraram há pouco na atividade, e essas reclamações ele escutou de novo durante o dia de campo. Segundo os criadores, pasto é coisa muito cara, mas seu Scarton não concorda com isso, mesmo que o produtor não seja muito grande:

— Quem está entrando, deve pegar o jeitinho de criar novilhos. Não se deve esperar uma resposta muito imediata. É preciso pegar prática, experiência, para aos poucos ir criando uma infra-estrutura, melhorando a fertilidade do solo.

Ele arrisca também umas experiências, de vez em quando, e numa dessas inventou de entupir as aspas aparadas das vacas, usando cimento. Com o buraco da aspa tapado, ele

pensou em evitar que a guampa pegue muita umidade e isso resulte em bicheira. Em alguns casos, ele utiliza até gaze, dessas de curativos, antes de entupir as guampas dos animais com uma pasta de cimento. Em um ano, mais ou menos, o tampão cai.

### UM APAIXONADO

Mas esses ensinamentos do seu Scarton e toda a sua experiência podem valer também para quem é pequeno criador? Seu Henrique Michael, de Itaí, em Ijuí, acha que sim. E isso que o seu Henrique é criador muito mais antigo de gado de corte. Seu pai, o seu João Michael Filho, já falecido, sempre foi criador, e ele herdou a atividade, que agora passa pros filhos. Seu Henrique já teve 360 hectares, depois divididos entre os filhos, e agora lhe sobram 72 hectares, que ele explora junto com um dos rapazes, o Ro-

# HAUPT

MOTO-SERRAS  
ROÇADEIRAS

## As mais que perfeitas



MODELO P-540

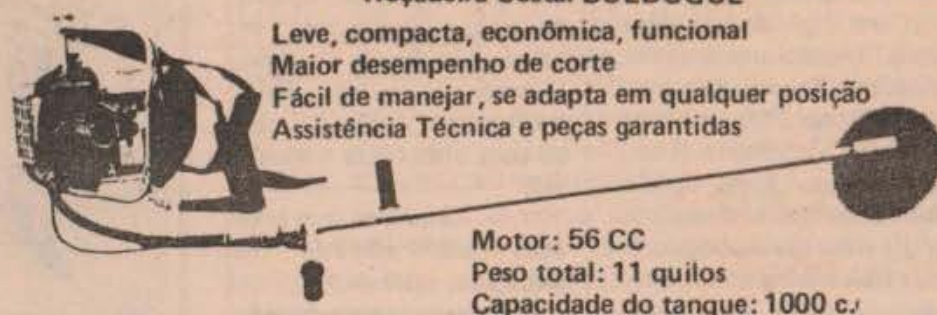
Cilindrada 102 CC  
10 HP  
Sistema Elétrico Bosch  
Peso: 9,9 Kg



MODELO M-440

Cilindrada 56 CC  
7 HP  
Sistema Elétrico Bosch  
Peso: 7,8 Kg

À venda nas Lojas



Roçadeira Costal BULLDOGUE

Leve, compacta, econômica, funcional  
Maior desempenho de corte  
Fácil de manejar, se adapta em qualquer posição  
Assistência Técnica e peças garantidas

Motor: 56 CC  
Peso total: 11 quilos  
Capacidade do tanque: 1000 c.l





Becklerc deu as dicas sobre os cruzamentos

meo.

Ele tem 50 terneiros de sobreano, e vem convencendo Romeo de que o filho precisa lotar com gado uma parte de outros 92 hectares onde planta. Os outros filhos, o João Neri, e a Lady, casada com Ardino Siede, já vêm seguindo o conselho. Ardino, o genro, é entusiasmado demais com a pecuária. A área do seu Henrique está em constante rodízio, e assim como ele planta soja, milho, linhaça, tremoço, aveia e azevém, investe bastante no pasto, com trevo branco, yuchi, carretilha, pânico, pensacola, jesuíta, bermuda. Seu Henrique conta:

— Eu nunca deixei da pecuária, pois sou um apaixonado. Lá em casa, temos de tudo, e só se compra sal e açúcar. Agora, eu acho que o importante é cuidar da qualidade do gado.

Seu Henrique gostou muito de uma palestra do agrônomo Becklerc Oliveira da Silva, sobre cruzamentos (veja ao lado), e acha que é partir das cruzas que o rebanho pode melhorar. Pensando assim, ele até já decidiu vender dois touros da raça Charolês, porque conseguirá sêmen de outras raças para inseminação artificial. O filho Romeo, com quem tudo é decidido em conjunto, acha que realmente se aprende todo dia, mesmo porque hoje "há mais orientação técnica sobre a formação das pastagens e pastoreio".

**MAIS QUALIDADE**

A inseminação também será usada, e pela primeira vez, na propriedade administrada pelos primos Milton e Waldir Grimm, de Santo Augusto, e

que cuidam de 1.700 hectares de Bemardo e Reinaldo Grimm, pais dos rapazes, em Chiapetta. Eles entraram pra valer na pecuária de corte este ano, aumentando o rebanho de 200 para umas 300 cabeças. A propriedade tem sete touros, três da raça Holandês e quatro Charolês, e as matrizes são cruza de Charolês com Zebuino. Agora, eles vão adquirir sêmen de Aberdeen Angus, para os cruzamentos com as vacas que já possuem no rebanho.

Além disso, os dois também começam a investir em pastagens, pensando em ocupar com forrageiras principalmente as áreas que pretendem deixar sem trigo. "O gado vinha ocupando apenas as ladeiras, de campo nativo, mas vamos investir em pastagens, para que não falte alimento e se consiga massa verde como adubação, no verão", como explica o Milton. Ele pensa até em criar búfalos, para melhor aproveitamento das várzeas, certo de que "a produção de alimento é a coisa mais segura que existe, pois assim como aumenta a produção, cresce ainda mais o consumo".

Para Waldir, o importante é aprimorar a qualidade do rebanho, e não deixar nenhum pedaço de terra ociosa. Os dois entendem que o produtor "precisa reinvestir na própria atividade, e não em outros setores, pois há exemplos disso que não deram certo". Foram os Grimm que sugeriram a realização do próximo dia de campo sobre pecuária em Santo Augusto. Já ficou acertado que o encontro vai acontecer. Falta escolher a data e o local.

## Os cruzamentos que melhoram o gado

Os cruzamentos, considerados um dos primeiros passos mais importantes para a formação de um bom rebanho, mereceram bastante debate no dia de campo, depois de uma palestra do agrônomo Becklerc Oliveira da Silva. Ele falou sobre as principais características de cada raça, destacando as que têm mais ou menos fertilidade, puberdade cedo ou tarde, capacidade maternal, crescimento após desmame, eficiência alimentar e melhor peso para abate.

As vacas da raça Aberdeen Angus, por exemplo, são as que têm maior fertilidade, ou seja, são as que pegam cria mais fácil. São também dessa raça, as vacas que estão mais cedo em condições de pegar cria, que chegam à puberdade bem novas, e que têm a maior capacidade maternal, que cuidam melhor dos terneiros. Os novilhos que atingem melhores crescimentos após o desmame são os da raça Charolês, e também estes conseguem melhor eficiência alimentar, ou seja, conseguem ganhar peso em boa quantidade, em relação ao pasto que consomem. Já os Aberdeen Angus são os novilhos que mais cedo atingem peso ótimo de abate.

Na hora de fazer os cruzamentos, é que se deve tentar conciliar todas essas características, para que a qualidade de uma raça some à qualidade de outra. Isso não vai ser conseguido com cruzas de apenas duas raças, e foi esse aspecto que Becklerc ressaltou. O ideal é o cruzamento de três

raças, de onde sai o tal de "three-cross" (três cruzas). Mas tudo deve ser feito com atenção para o meio ambiente, para as condições de clima e outros fatores aos quais os animais devem se adaptar. De nada adianta cruzar raças que não se adaptem às condições da região onde o gado é criado.

**EXEMPLO**

Becklerc deu um exemplo de como se conseguir o "three-cross". As vacas do rebanho seriam então Charolês, e num primeiro cruzamento se utilizaria machos Aberdeen Angus. Os terneiros iriam para abate e as fêmeas passariam então pela segunda cruza. Aí então as vacas Aberdeen-Charolês seriam cruzadas com machos de uma raça Zebuina, e daí sairiam terneiros com 25 por cento de sangue Aberdeen, 25 por cento Charolês e 50 por cento Zebú, resultando no "three-cross".

A partir desse terceiro cruzamento, o criador pode continuar outras cruzas, usando machos Charolês ou Aberdeen para emprenhar as vacas das três raças já cruzadas antes. De cruzamento em cruzamento, as raças vão se misturando cada vez mais, e na sexta geração, ou seja, os terneiros nascidos após a sexta cruza poderão começar a voltar a ter o Charolês como predominante. Para isso é preciso que o criador volte a utilizar sêmen do macho Charolês. Fazendo esses cruzamentos, o produtor vai obtendo o tipo de gado que mais se presta para as características de sua propriedade.

# Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestígio o que é nosso.



**Vacinas Irfa**  
Instituto Riograndense de Febre Aftosa



**COTRIJUI**

**SEMENTES**  
FISCALIZADAS

**ARROZ**  
**LABLAB**  
**MILHETO**

**INFORMAÇÕES:**

Rua das Chácaras, 1513  
Fones: 332-2400  
Ramais: 304 e 377  
98.700 - IJUI - RS





# OS LIMITES DE UMA CONTA ABERTA

*O produtor começa a entender que crédito fácil não é tudo. E descobre que muita coisa ficou mais complicada em função dos financiamentos.*

Quando esteve em Ijuí, no início de outubro, comandando a Caravana da Produção, o ministro Amaury Stábile repetiu uma frase que os produtores já ouviram bastante: "A conta de custeio para a agricultura continua aberta". E continua mesmo, para que todos os que procurarem custeio tenham recursos para plantar. Só que o dinheiro à vontade já não significa muito para os produtores que vêm recorrendo ao Banco do Brasil para custear suas safras, há vários anos. Agora, o que o agricultor quer é avaliar bem os benefícios desse crédito, para poder entender que as verbas de custeio não são tudo, e que o Crédito Rural precisa ser olhado a fundo, muito além do que pode ser visto numa conta aberta.

Essa preocupação do produtor até que deverá contribuir para o próprio debate que o governo abriu. Depois de muitos estudos em Brasília, os ministros da área econômica concluíram que deveriam colocar um freio no crédito destinado à agropecuária. Foi daí que surgiram as medidas que tornaram mais caro o dinheiro oferecido ao produtor. Também aí se decidiu trancar um pouco as verbas destinadas a investimento, que se alterou o Proagro, que se aumentou os juros de mora quando da devolução do dinheiro emprestado. Foi uma mexida bem grande (veja o Cotrijornal de janeiro último), que começou a vigorar no início deste ano.

## AGRICULTURA INFLACIONÁRIA?

E por que, afinal, isso aconteceu? A primeira resposta foi dada pelos que vinham dizendo que a agricultura era inflacionária, da forma como era favorecida pelo tal crédito oficial. É que os juros para a área rural sempre ficaram bem abaixo das taxas cobradas da indústria e do comércio, ou seja, eram bem menores que as tais de taxas do mercado. Esse benefício, chamado de subsídio, teria crescido demais, a partir de 1979, quando o governo anunciou que a produção agrícola seria prioritária. Em 1980 o subsídio chegou a Cr\$ 300 bilhões, de um total de um trilhão de cruzeiros liberados como empréstimo ao setor. A agricultura estaria pegando, em 1979, um terço do total de subsídios concedidos pelo governo através do crédito a toda a economia do país.

O dinheiro para a produção estava saindo muito caro, segundo os ministros. O então presidente da Comissão de Financiamento da Produção — a CFP, Paulo

Vianna, dizia até, em setembro de 79, que o dinheiro que vinha sendo arrecadado em função desse incentivo à agricultura nunca era suficiente para repor as necessidades do ano seguinte. O governo tinha, então, que emitir moeda, fabricar mais dinheiro, e com isso estaria prejudicando o combate à inflação. O diretor de Crédito Rural do Banco Central, José Kleber Leite de Castro, disse também na mesma época que "o grande mal do subsídio é desestimular a aplicação de recursos próprios pelo agricultor".

Mas quem, entre a maioria dos produtores, tem dinheiro para reinvestir na atividade? Um estudo do próprio governo, feito este ano, mostra que são mesmo muito poucos os que conseguem isso. Esse mesmo estudo revela que, na verdade, o crédito nunca implicou em melhoria de vida para os pequenos agricultores. O dinheiro fácil era, isto sim, uma forma de substituir uma melhor remuneração a quem planta, segundo a mesma pesquisa, realizada pela assessoria econômica do Ministério da Agricultura. Essa é uma conclusão que o produtor já conhecia bem antes de se fazer qualquer pesquisa, mas afinal começa a ser reconhecida pelo governo.

## O PESO DO DINHEIRO

Também há mais ou menos dois anos, o Banco Central revelava que o dinheiro para a agricultura era tão barato que representava apenas seis por cento dos custos de uma lavoura. Hoje, a situação mudou, mas o ministro Amaury Stábile disse em Ijuí que, antes de reclamar dos juros altos, o produtor deve olhar para outros custos bem mais pesados. O certo é que, se há dois anos o dinheiro representava só seis por cento das despesas de uma lavoura, hoje ele custa 15,9 por cento dos gastos no trigo, e 18,7 por cento na soja, segundo o Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijornal.

Outra certeza que se tem hoje é que o Crédito Rural girou, quase sempre, em torno de custeios, e quase só para as culturas chamadas prioritárias, os produtos de exportação. O dinheiro das contas abertas não foi, portanto, aplicado na produção de alimentos para consumo interno do brasileiro. Então, ao mesmo tempo em que não beneficiou muito o produtor, ele também não trouxe grandes benefícios à população em geral. O café, a soja, o açúcar e o cacau abocanharam sempre as maiores fatias desse crédito, enquanto que o milho, o arroz,

a mandioca, o feijão foram ficando para trás.

Essa prioridade aos produtos para exportação foi dada, segundo o governo, para que o Brasil pudesse amenizar um pouco sua dívida externa, que hoje chega a uns 70 bilhões de dólares. A dívida não caiu, e ao mesmo tempo a crise da falta de alimentos aumentou, chegando a índices considerados graves em 78. Faltou comida, e é claro que os poucos produtos no mercado subiram de preço. A alimentação foi sempre, nos últimos anos, o item que mais contou no custo de vida, e a situação só melhorou um pouco a partir de 79, quando o governo começou a anunciar as supersafras. Mas foi só uma pequena melhora.

Com as supersafras, que aí não incluíam só os produtos exportáveis, o governo pretendia diminuir as importações de alimentos. No ano passado, o país importou em alimentos, para diminuir um pouco a falta interna de muitos produtos, segundo dados oficiais, uns 554 milhões de dólares, reduzindo bastante os gastos com as compras de 79, que chegaram a 815 milhões de dólares. Nessas somas, não estão incluídas as despesas com importações de trigo e outros cereais, que foram de 700 milhões de dólares em 78, e de 984 milhões em 79. No ano passado, as importações de cereais chegaram a um bilhão e 200 milhões de dólares, em função principalmente da compra de trigo.

## A DEPENDÊNCIA DO EXTERIOR

A situação é ainda mais grave, se for considerado também que, ao estimular os produtos exportáveis e não dar muita atenção aos alimentos que ficariam no Brasil, para consumo da população, o governo também tornou a agricultura dependente de uma série de coisas. Para aumentar a produtividade, e somente assim poder obter algum lucro, o produtor foi obrigado a recorrer aos insumos modernos, às máquinas, e por isso há quem diga que a política agrícola brasileira muito mais favoreceu os vendedores do exterior do que o produtor nacional. Em muitos casos, os gastos com insumos foram bem maiores que os ganhos brutos com a produção, sem se considerar os lucros. O Brasil é hoje o terceiro consumidor mundial de defensivos agrícolas.

E todos esses investimentos não serviram nem mesmo para aumentar rendimentos na lavoura. Está provado hoje que

a grande maioria das culturas têm atualmente médias de produtividade pouca coisa superiores às de 10 ou 15 anos atrás, e em alguns casos os ganhos até caíram. Em síntese, o Crédito Rural favoreceu em muito a dependência a que o produtor foi submetido. Os custos da lavoura cresceram tanto que um cálculo aproximado, realizado pela revista Exame, chega a espantar. Na última safra de verão, a lavoura consumiu 50 centavos de crédito rural e mais 26 centavos de subsídio para produzir cada um cruzeiro de alimento. Essa proporção é considerada recorde, pois nunca havia acontecido no país.

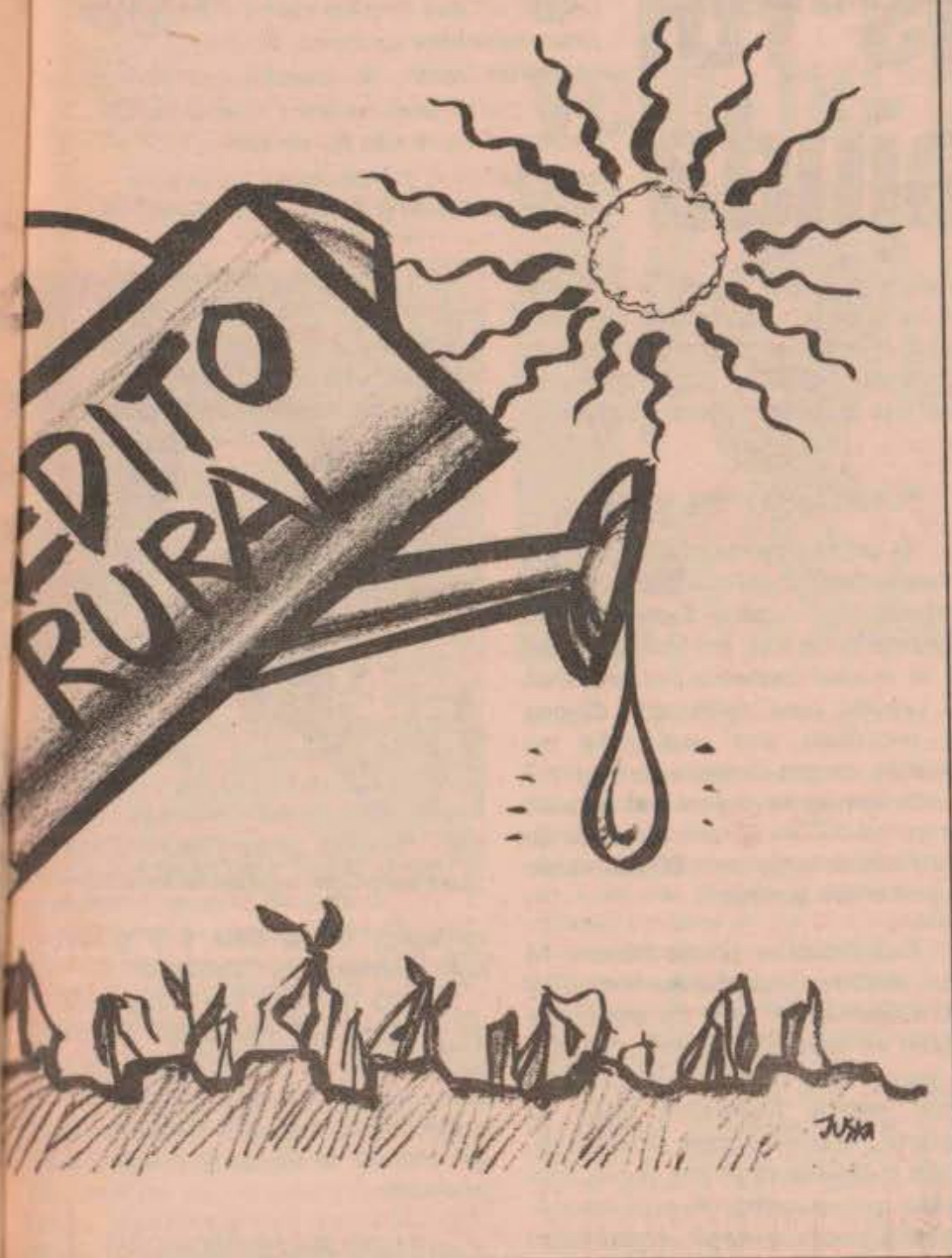
## MEDIDAS SUFICIENTES?

Somando tudo isso, o governo decidiu parar para pensar, e entre outras coisas encareceu os juros à agricultura, dificultando um pouco o acesso ao crédito de custeio. Mas essa e outras medidas, que vão retirando o tal de subsídio à agricultura, são suficientes? Quem entende de mexer com cálculos nessa área, diz que não. É que se gasta muito dinheiro para ter pouco retorno, e é claro que o produtor não tem culpa disso. É através do crédito que o agricultor fica condicionado, quase obrigado a plantar o que se financia, pois de um ano para outro ele depende do dinheiro emprestado.

De nada adianta, segundo os que estudam o assunto, ficar mexendo só na superfície do crédito, em pequenos detalhes. Primeiro, porque não é com subsídio que se garante a produção de alimentos, segundo estudos do próprio governo, mas sim com preços compensadores. O problema é que esses estudos não são colocados em prática. Há quem diga até que o subsídio







... pode continuar, mas não no crédito, e sim nos preços finais dos produtos, para que a população também tenha acesso aos alimentos. E isso tem que ser levado em conta principalmente no Brasil, onde a maior parte da população não consome o mínimo necessário para se dizer que está mais ou menos nutrida.

O subsídio ao preço (veja o quadro na página 17) é adotado, por exemplo, em países da Europa e no Japão. Já nos Es-

tados Unidos, a agricultura não recebe verbas especiais para esta ou aquela cultura, mas sim para toda a atividade em conjunto. Lá, o crédito considera tudo, desde a infraestrutura da propriedade, a educação do produtor, sua saúde, sua família. Mas esses são só alguns exemplos, que talvez nem tenham serventia hoje para o Brasil, onde só agora o Crédito Rural, criado há mais de 40 anos, no tempo de Getúlio Vargas, começa mesmo a ser discutido.

## O dinheiro na mão de poucos

Uma das principais distorções apontadas no Crédito Rural, que é a concentração dos recursos em cima das culturas de exportação, está bem explicada num estudo realizado em 1979. O trabalho, da Fundação Getúlio Vargas, uma instituição de ensino e pesquisa do Rio de Janeiro, mostra que a destinação de verbas aos produtos que não se destinam ao consumo interno pode ser vista quando se faz um mapeamento da distribuição desses recursos. O Crédito Rural beneficia muito os Estados que se prestam para a política agrícola, e pouco os que se mantêm plantando culturas de subsistência.

O estudo considera dados de 1978, e se baseia no volume de crédito recebido por cada estado, em comparação com o volume de sua produção. Assim, São Paulo aparece em primeiro lugar na lista, recebendo um crédito de 220 por cento sobre a sua contribuição na safra daquele ano, e o Maranhão está em último lugar, com apenas sete por cento. Isso quer dizer, para que se dê uma idéia da situação, que se o Maranhão produzisse na agropecuária, em 78, 10 bilhões de cruzeiros, o Estado teria recebido de crédito apenas 700 milhões de cruzeiros. O Maranhão teria então recebido de crédito 14 vezes menos que o total produzido.

Em segundo lugar na lista vem o Paraná, com 130 por cento de crédito; e em terceiro, os Estados do Acre, Minas Gerais, Sergipe e Mato Grosso, todos com 100 por cento. Em quarto lugar, com 95 por cento, Goiás; em quinto, o Rio Grande do Sul, com 94; em sexto o Rio de Janeiro, com 89; em sétimo, Pernambuco, com 75; em oitavo, Pará, com 70; nono Alagoas, 50; e em décimo lugar, Paraíba, com 45 por cento. Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Amazonas e Espírito Santo aparecem nos últimos lugares.

### DINHEIRO PARA INSUMOS

O mesmo estudo afirma que quase todo o crédito destinado aos Estados mais beneficiados foi usado na compra de insumos modernos. Esses dados são reforçados por números oficiais que revelam que a soja, o café e a cana ficam com 40 por cento do total dos financiamentos concedi-

dos através do Crédito Rural. Talvez isso se explique no fato de que a soja, o café e o açúcar, junto com o cacau, são responsáveis hoje por 30 por cento das exportações brasileiras. Essa discriminação, apontada também em muitos outros levantamentos, atinge principalmente os pequenos produtores, que lidam com culturas de subsistência, e muitos dos que produzem grãos exportáveis mas estão fora dos centros de fornecimento do crédito.

Acontece que, apesar da conta de custeio ter permanecido aberta, nem todos conseguiram chegar até esta conta. Há muitas e muitas regiões do país onde o Crédito Rural não chega, e somente a partir de 79, com a criação de postos avançados, foi que o Banco do Brasil diminuiu um pouco a gravidade dessa situação. A Fundação Getúlio Vargas critica ainda os critérios que vêm sendo adotados para concessão dos custeios, e que se baseiam nos índices de produtividade. Essa norma estaria beneficiando apenas os grandes produtores, que estão melhor equipados para aumentar rendimentos.

### 4 MILHÕES SEM CRÉDITO

Os pequenos sempre ficaram meio que à margem do Crédito Rural, e só foram beneficiados pelas verbas em regiões onde as cooperativas se encarregam de repassar os recursos aos seus associados. Segundo a Universidade de São Paulo, dos 5 milhões de proprietários rurais do país, apenas um milhão recebem crédito. Os quatro milhões que nada recebem de dinheiro emprestado com juros subsidiados são, no entanto, os que mais produzem.

Uma tabela divulgada em 1979, com base em dados do ano anterior, dá prova disso em outro trabalho da Fundação Getúlio Vargas. Os produtores de até 50 hectares eram responsáveis, naquele ano, pela produção de 64 por cento do milho; 73 por cento do feijão; 78 por cento da mandioca; 58 por cento do algodão; e 51 por cento da soja. Muitos desses produtores estão no Norte, Nordeste e Centro do país, onde não falta apenas crédito, mas também assistência técnica, estradas, armazéns e estrutura para comercialização de suas safras.

## A divisão do bolo e a especulação

O dinheiro que vem sendo liberado para o custeio da lavoura representa a maior parte dos recursos do Crédito Rural, e é concedido como um capital de giro ao produtor. Esse dinheiro não favoreceu só a inflação, como se diz, em função de ser liberado com subsídio (juros baixos), mas também estimulou muita especulação. Tanto que o crédito para a agropecuária é facilmente apontado hoje como responsável pela concentração da renda no meio rural e, em consequência, pelo empobrecimento cada vez maior dos pequenos produtores, como se constata no último censo, do ano passado.

O crédito rural deveria ser dividido mais ou menos assim, de acordo com o programa do governo: 45 por cento como custeio; 30 por cento para investimentos (compra de máquinas e melhorias na propriedade); e os restantes 25 por cento para comercialização das safras. Essas seriam as parcelas da divisão do bolo todo do crédito. Mas o próprio governo sabe que isso nem sempre acontece. O diretor de Crédito Rural do Banco Central,

José Kleber Leite de Castro, por exemplo, disse este ano que as distorções no Crédito Rural devem ser analisadas a partir da concentração que favorecem, por estimularem as especulações.

O primeiro problema identificado como especulação seria o da utilização dos recursos para outros fins que não sejam custeio ou investimento. É o diretor do Banco Central quem fala disso, lembrando que uma minoria pode ser acusada de especular com o Crédito Rural. Ele explica: "Tomou-se um negócio muito bom tomar empréstimo rural. Os grandes podiam ganhar muito mais com esse dinheiro, comprando propriedades na cidade". Outros não investiram em imóveis, mas no tal open market, o mercado aberto, que lida com letras, com a aplicação de dinheiro.

### A ESPECULAÇÃO

O juro rural é subsidiado e isso favorece a especulação. Tomar dinheiro emprestado é mais interessante, no caso do grande produtor, do que reaplicar seus próprios ganhos na agricultura. São poucos

os que conseguem fazer isso, e as pesquisas confirmam que se trata mesmo de uma minoria. De acordo com dados oficiais, um por cento de todos os mutuários de Crédito Rural do país pegam 38,5 por cento do total de financiamentos destinados à agropecuária. Enquanto isso, os pequenos e médios produtores brasileiros são beneficiados com somente 7,4 por cento desses empréstimos.

O dinheiro do Crédito Rural está, então, sendo absorvido em sua grande maioria pelos grandes proprietários. Foi por causa disso que a renda rural se concentrou cada vez mais, de 1970 a 1980, pois o crédito capitalizou apenas os maiores. O censo do ano passado, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra os números dessa concentração. Em 1970, os cinco por cento mais ricos proprietários do país tinham 23,07 por cento da renda rural. Em 1980, eles aumentaram essa participação, pulando para 42,2 por cento.

Ao mesmo tempo, os 50 por cento produtores mais pobres reduziram sua

participação na renda rural. Em 1970, eles participavam com 22,4 cento, e no ano passado caíram para 14,9 por cento. Uma grande diferença, em comparação com o um por cento dos proprietários mais ricos do país, aqueles que pegam 38,5 por cento do Crédito Rural. Estes aumentaram bastante suas rendas: de uma participação de 10,5 por cento em 1970, passaram para 29,3 por cento no ano passado.

Por causa dessa concentração foi que o governo tentou limitar um pouco o crédito, concedendo 60 por cento do custeio aos grandes; 80 por cento aos médios e 100 por cento apenas aos pequenos, a partir do início deste ano. Com essa limitação, ele espera que os maiores proprietários reapliquem pelo menos parte dos lucros das safras na lavoura. Assim, se reduzirá também a especulação, que nada mais é do que um lance de vivacidade, como reconhece José Kleber de Castro: "Quem aplicava dinheiro próprio na agricultura era otário".





# Para alguns foi uma boa ajuda

Os produtores começam a avaliar os benefícios que tiveram com o dinheiro dos financiamentos agrícolas. Muitos cresceram dentro da atividade exatamente por poder contar com recursos relativamente baratos. Só que não foram todos os agricultores que puderam aproveitar da mesma forma o dinheiro do crédito rural

Não são poucos os produtores que conseguem entrar o mês de novembro sem liquidar a soja da última safra. Pois este é o caso do seu Nicolau Cortes Bueno, que tem 15 hectares em Canhada Funda, Coronel Bicaco. Há uns 10 anos que ele não vê dinheiro de financiamento, e por isso pode vender a soja na hora que quiser, sem pagar juro de mora. Seu Nicolau decidiu deixar os empréstimos de lado há cerca de 10 anos, quando pegou seu último empréstimo, para plantar soja e milho e fazer o alambrado de um potreiro. Ele conta:

— Uns 25 dias depois de pegar o financiamento, um fiscal do banco apareceu por aqui, para saber se o dinheiro tinha sido aplicado. Como o potreiro não estava ainda cercado, ele deu bronca, porque tudo deveria estar pronto em 30 dias. Eu fiz o alambrado, mas aí me enjoiei, e não peguei mais dinheiro emprestado para não me incomodar.

Seu Nicolau tomou essa decisão depois de depender bastante dos financiamentos, quando ainda plantava arroz em terras arrendadas de Ijuí. Há uns 20 anos, ele comprou os 15 hectares que tem em Coronel Bicaco, por 67 cruzeiros, mas só uns cinco anos depois se mudou para lá. Ele lembra que no início teve até que vender uma carreta para pagar o banco, e sabe de muita gente que entregou parte de suas terras para manter a ficha limpa.

## MAIS DESCANSADO

Hoje, seu Nicolau se considera "mais descansado". Mas ele sabe que sua situação é bem diferente, pois planta só uns três hectares com soja, e o resto ocupa com milho, feijão, arroz, para o consumo da casa. Ele também tem vaca de leite e cria porco e se dá ao luxo de nem plantar no inverno, quando arrenda quase todos os 15 hectares. Outro produtor planta trigo nas terras, e paga seu Nicolau

preparando a área para o plantio da soja, pois ele não tem máquinas, nem carro, nem televisão em casa.

Com a alimentação da casa garantida e a safra da soja, ele se mantém no inverno, e consegue até aguardar melhor preço para as 495 sacas colhidas no último verão. "Hoje eu mando no meu produto", diz o agricultor, que mesmo assim já anda pensando em pegar empréstimo de novo, para comprar um trator. Mas isso ele não decidiu, por enquanto, porque quer pensar bem no assunto: "Eu me endireitei trabalhando sozinho, enquanto que outros que dependeram do banco se enfuneraram"

## CUSTO PESA MUITO

O seu Edgar Prauchner, da Linha 15, Ajuricaba, já pensa um pouco diferente. Ele acha que o crédito deu um bom empurrão no produtor, e só agora é que o dinheiro anda meio caro e pode não trazer muita vantagem. Seu Edgar começou a vida com 25 hectares, há uns 20 anos, e hoje tem 170 hectares. Segundo ele, tempos atrás era mais fácil de se arrendar e comprar terras, porque o hectare tinha preço mais baixo e o produtor ganhava mais. O custo da planta não subia tanto, e o diesel e o adubo não pesavam como agora, quando "o que se compra vale mais que aquilo que se vende".

Seu Edgar tem certeza de que o crédito lhe ajudou a crescer, mas admite que outros que eram pequenos como ele sofreram bastante. "O cara que planta uns 500 hectares, se sobra uns mil cruzeiros por saco, sobra um monte de dinheiro. O pequeno, com essa mesma quantia, não pode dar um passo pra frente", diz ele. Outra certeza dele é a de que o dinheiro emprestado sempre beneficia mais o grande. Mas reconhece que hoje não teria o que tem só com recursos próprios. Só no ano passado seu Edgar

plantou soja por conta, e este ano voltou a pegar empréstimo para custeio e investimento, comprando mais um trator. Agora, sua propriedade tem três tratores e duas colheitadeiras.

## PLANTANDO "DE MEIA"

O crédito também ajudou o seu Eduardo Schreiber, que planta em 22 hectares de Povoado Santana e em 27 hectares de Itaí, em Ijuí, mas hoje ele se queixa bastante do juro alto. "O crédito para agricultura deveria até ser dado sem juro", diz seu Eduardo, que se alarmou com a notícia de que agora o juro vai para 60 por cento. "Com 45 por cento já não está fácil, e agora com 60 por cento vai piorar um bocadinho".

Seu Eduardo planta há uns 13 anos, e vinha financiando toda a lavoura apenas no caso do trigo, que deixou de lado há dois anos. A soja, ele planta uma metade por conta e a outra metade financiada, nuns 40 hectares, há quatro anos. Antes, a soja era cultivada toda por conta, mas ele diz que os compromissos assumidos obrigaram a pegar empréstimo para custeio. Seu Eduardo acha que a



Américo Bilibio: apliquei na agricultura

vantagem do crédito é a garantia num momento de frustração:

— O que vale é o Proagro, pois na verdade nós plantamos de meia com o governo. Quando der uma folgada, eu começarei a pagar menos empréstimo, mas vou começar de novo, pra ver se dá pra se plantar tudo por conta.

## TUDO NA PROPORÇÃO

"Quem não pegou crédito foi porque não quis ou estava acomodado, não queria arriscar, investir". Quem diz isso é o seu Américo Bilibio, que tem 856 hectares no Rincão dos Paiva, em Santo Augusto. Para ele, o grande produtor não tem culpa de ter sido beneficiado com os recursos liberados para custeio da lavoura ou investimentos. "O crédito é para a agricultura, e não pra se viver em cima dele", diz seu Américo, lembrando que o dinheiro dá bem para o grande produtor mas não sobra muito para o pequeno por causa da proporção, da quantidade de dinheiro que cada um pega do banco:

— Eu sempre investi na agricultura, e o crédito me ajudou a engrenar. Plantava com meu pai, José Garibaldi Bilibio, em Ijuí, e em 63 comprei 258 hectares em Santo Augusto. Depois comprei o restante, completando os 856 hectares.

Seu Américo admite que o crédito permitiu que ele investisse na atividade, e com os resultados das safras aumentasse sua área. "Mas eu nunca comprei carro fino e outras coisas, porque apliquei na própria agricultura", diz o produtor, para quem hoje o grande proprietário até que não é muito beneficiado, por causa das restrições que começaram a vigorar este ano. Seu Américo vai inclusive plantar um pouco por conta, e acha que o juro alto implicará em redução da lavoura de grandes e pequenos.



Eduardo Schreiber: sem juro



Nicolau Bueno: enjoou do empréstimo



Edgar Prauchner: benefício maior para o grande





# O subsídio que vem no preço

O sistema de crédito rural do Brasil é típico das nações do chamado Terceiro Mundo, dos países menos desenvolvidos. Essa característica está clara no subsídio direto ao produtor, através dos juros baixos, como acontece em quase toda a América Latina. Outra forma de subsídio, também adotada aqui, mas em menor escala, é a que atinge os preços finais dos produtos, para que principalmente a alimentação básica da população seja um pouco mais acessível. Mas o problema é que o Brasil, como mostram as importações, anda meio mal de alimentação básica, em função da própria política agrícola.

Segundo Paulo Roberto da Silva, gerente de Planejamento e Projetos da Cotrijual, o subsídio ao preço final dos produtos tem seu melhor exemplo no caso do trigo. O governo compra a produção e repassa às indústrias por preços baixos, para que também ao consumidor a massa, o pão e outros produtos cheguem menos caros. Mas também esse subsídio está caindo, porque é considerado um gasto muito grande.

A carne, o arroz, o feijão são igualmente subsidiados em seu preço final. Isto porque o governo compra parte das safras, forma estoques e depois coloca as mercadorias à venda nos momentos em que pode acontecer especulação. A carne, por exemplo, vai para o mercado congelada, na entressafra, quando falta produto e o preço tende sempre a aumentar. O governo, então, interfere no mercado, para controlar preços. O caso é que todo este subsídio nos preços favorece indistintamente as pessoas que têm dinheiro — e poderiam pagar mais caro — e as pessoas mais pobres, que mesmo com o subsídio ficam às vezes afastadas do mercado consumidor.

## CONTROLE AUMENTA

Hoje, segundo Paulo Roberto, a ten-



Paulo Roberto: ouvir o produtor

dência é de que seja aumentada ainda mais essa interferência no controle de preços. Isso quer dizer que o subsídio que hoje é dado diretamente ao produtor, para formação de lavouras com juros baixos, vai sendo transferido aos poucos para a comercialização. Com essa medida, o governo estaria tentando controlar os preços dos produtos no momento em que a alimentação se encaixa ao consumo. A soja, o cacau, o café e o açúcar não estão incluídos nesse caso, pois têm mercado livre e fazem parte dos programas de exportação.

O mercado livre é, aliás, a característica principal da agricultura e de toda a economia dos Estados Unidos. Lá, os produtores agrícolas não têm subsídio direto nem ao produtor, em forma de juro baixo, e nem ao preço. É o mercado que controla tudo, em função da oferta e da procura. Só que os Estados Unidos são o mais forte país capitalista, onde o dinheiro manda mesmo, e o produtor recebe toda a infraestrutura, com boas estradas, portos, centros de comercialização.

Na Europa, muitos produtos têm subsídio no preço, e esse sistema é adotado principalmente pelos países do tal de Mercado Comum Europeu. No MCE, esses países defendem seus interesses, e estabelecem inclusive normas gerais de cooperação, unindo-se até na hora de comprar o que não têm. Com esse subsídio ao preço, como é o caso do trigo no Brasil, a alimentação nunca é muito cara. Se não é cara, o consumo é estimulado, e o agricultor recebe, indiretamente, incentivos para produzir.

## COPIAR NÃO RESOLVE

Nos países ditos socialistas ou comunistas, a agricultura é explorada de forma bem diferente, e por isso nessas nações o crédito também é um caso à parte. Na maioria desses países, do chamado Leste Europeu, que ficam mais para o lado da União Soviética, ou na África, o controle do governo é quase geral, desde o uso da terra até a comercialização. Mas cada país tem seu sistema, às vezes bem diferente um do outro, dependendo do tipo de socialismo. O que há de parecido entre eles é que se evita a concentração da renda e da propriedade.

Mas esses exemplos não servem muito para o Brasil, como lembra Paulo Roberto. Primeiro porque aqui toda a economia não tem uma estrutura forte. Para que alguma coisa pudesse ser mudada a fundo na agricultura, o resto também teria que ser alterado. Em resumo, é tudo uma questão de modelo econômico. De nada resolve querer copiar uma coisa que é boa num determinado país, se ela não se encaixa no modelo em prática. Além disso, há mais o que considerar, segundo Paulo Roberto: uma agricultura fica forte, como acontece nos países mais desenvolvidos, quando o produtor é ouvido e influi em todas as decisões.

# O pequeno levou lenha

— O crédito é a isca. É ele que puxa toda a política agrícola.

Quem diz isso é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski. Ele e outros dirigentes sindicais da região conhecem de perto os problemas que os pequenos produtores enfrentaram e vêm enfrentando em função do crédito. O sindicato presidido por Karlinski lida com os agricultores que hoje avaliam bem a dependência criada pelos recursos oficiais: os minifundiários, que ocupam pequenas extensões de terras.

Para Karlinski, não há dúvidas de que foi a partir do crédito que os agricultores foram sendo "selecionados". Esse processo de seleção começou a excluir da atividade os que não suportaram os altos custos da agricultura intensiva, dos grandes investimentos, da necessidade de ter que comprar máquinas. Foi o crédito, segundo ele, que puxou o modelo agrícola, que estimulou os investimentos na suinocultura, que atrai produtores para o centro do país.

## LEVANDO LENHA

Ele lembra que tudo isso determina a concentração da renda e da propriedade, e uma prova dessa situação está no desaparecimento de mais de 40 mil propriedades rurais, durante a década de 70 no Rio

Grande do Sul. "O crédito não diferenciou grandes ou pequenos, incentivou a modernização da agricultura, e acabou por influir inclusive no êxodo rural", afirma Karlinski. Ele entende que esse atrelamento ao dinheiro oficial serviu, ao mesmo tempo, para deixar o produtor numa situação da qual não consegue sair.

— Os preços dos produtos vão sendo achatados, e o produtor não tem como deixar de pegar crédito. Nisso, o pequeno leva lenha sempre, e até se ocorrer um estouro no preço da soja o minifundiário não terá como competir com o grande proprietário, por falta de estrutura e de condições para investir.

## CONSIDERAR O TODO

O presidente do STR de Ijuí acha que os custeios diferenciados, que começam a ser adotados, e a criação de um crédito fundiário poderiam amenizar um pouco essas distorções. Mas o dinheiro para a compra de terras pelos pequenos teria que ser muito bem distribuído, para que, segundo ele, não aconteçam as especulações. Karlinski lembra dos exemplos do Nordeste, onde os recursos destinados aos pequenos param muitas vezes em outras mãos, e nem sempre são aplicados na agricultura. O crédito fundiário poderia, então, ao con-



Karlinski: seleção através do crédito

trário de trazer benefícios, favorecer os especuladores.

Para ele, é preciso que a questão do crédito à agricultura seja colocada dentro do contexto do modelo, vista como parte de um todo. É esse todo — diz Karlinski — está na própria estrutura fundiária, no conjunto da sociedade, "em que vale mais quem tem mais". Também é preciso que se avalie bem quem realmente ganhou com o Crédito Rural nesses anos todos, para que se tenha uma idéia da situação: "Um demonstrativo disso está no lucro astronômico dos bancos, nos ganhos do setor financeiro".

# O juro pode aumentar

A retirada do subsídio à agricultura vai ficando cada vez mais clara, ano a ano, e os produtores já podem aguardar juros mais caros para 1982. O governo já teria decidido aumentar a taxa de custeio de 45 para 60 por cento, e agora resta apenas oficializar esta medida. A intenção é de fazer com que, pelo menos, os juros se aproximem dos índices de inflação, que este ano deverão chegar perto dos 90 por cento. Considerando as taxas pagas até o ano passado, os minis e pequenos produtores terão então um aumento de 150 por cento nos juros; e os médios e grandes de 82 por cento.

Passando para 60 por cento, a taxa de juro para custeio vai dar um pulo bem grande, se for considerado que desde o início da década de 70, e até 1978, o produtor pagava apenas 15 por cento, e no caso de minis e pequenos a taxa descia até 13 por cento. Mas em 79, o governo decidiu aumentar o juro, e diferenciar bem os produtores, cobrando 24 por cento dos mini e pequenos, e 33 por cento dos médios e grandes. No início deste ano, a situação mudou de novo, e o juro foi uniformizado em 45 por cento. Para piorar, os fertilizantes passaram a ter juro, perdendo todo o subsídio.

## ESCAPSO

A explicação usada para essas mudanças é de que o subsídio à agricultura foi suportável até 1973, mas depois encheu demais. João Valmir Cezimbra Lopes, do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijual, andou analisando essas modificações, e é ele quem mostra que o crédito não só ficou mais caro, como também um pouco escasso. Isso fica claro nas operações oficiais. As linhas para concessão de financiamentos muitas vezes existem, mas ocorre com frequência a falta de verbas.

E o dinheiro não está escasso só para investimentos. Também falta custeio para algumas culturas que ainda não têm muita expressão ou não se enquadram nas prioridades oficiais. Este, por exemplo, é o caso das pastagens, que só são financiadas quando o agricultor pegar dinheiro para produzir grãos. Se a pastagem for só para pastoreio, para alimento do gado, não há empréstimo. Aí, parece que fica claro que o banco só libera recursos quando o retorno é garantido, pois a aplicação das verbas em pastagens provoca um resultado indireto, que só vai aparecer após o engorde do gado.

## SEM VBC

Essa restrição prejudica principalmente os pequenos produtores, que vêm se dedicando à criação de gado de leite. Além disso, como lembra o Lopes, ainda há culturas que não têm VBC e nem preço mínimo. Estas plantas só conseguem financiamentos através de projetos, com levantamento de custos, e é claro que isso só vai ser possível onde o produtor tem o assessoramento de uma cooperativa. Sem VBC, essas culturas ficam também sem preço mínimo, como é o caso do tremço.

Às vezes, os produtores se organizam e fazem com que o governo atenda suas reivindicações. Aconteceu assim com a uva, que a partir deste ano tem VBC. Mas outras culturas deverão ser plantadas ainda por um bom tempo sem um Valor Básico de Custeio e sem preço mínimo, por serem consideradas sem maior importância dentro dos planos oficiais.



# AS NORMAS PARA AS FORRAGEIRAS

A maioria das forrageiras de verão e de inverno serão recebidas pela Cotrijuí na modalidade de Preço Médio



Poucas unidades da Cotrijuí estão autorizadas a receber sementes de forrageiras de Inverno, safra 81 e de Verão, safra 81/82. O produtor da semente, devidamente inscrito, poderá fazer a sua entrega nas unidades de Ijuí, Santo Augusto, Dom Pedrito e Coronel Bicaco (a última autorizada para receber somente sementes de aveia) e ainda as de Maracaju, Sidrolândia e Dourados no Mato Grosso.

A maioria das espécies de forrageiras serão entregues na modalidade "preço médio", mediante a concessão de adiantamento, conforme mostra o quadro de número 1. A aveia entregue como produto comércio, terá "preço liquidação", que varia de acordo com o peso hectolítro, como mostra o quadro 2. A aveia desclassificada, ou seja, aquela que possuir coloração escura, independente do PH, que apresentar mistura em mais de 20 por cento de aveia preta ou ainda que apresentar um PH abaixo de 35, te-

rá um preço de apenas Cr\$ 10,00 por quilo. O tremoço também está enquadrado no preço liquidação.

O produtor só receberá a bonificação pela produção da semente, depois que ela tiver sido classificada e comercializada. Essa bonificação será paga de acordo com os padrões técnicos estabelecidos para cada tipo de semente. Já o adiantamento será concedido logo após o teste de laboratório, onde será feita a verificação do grau de pureza e germinação. As sementes reprovadas no teste de laboratório, não serão recebidas pela cooperativa. Apenas o caso das sementes de aveia (branca e amarela), de tremoço (branco e amarelo) e de centeio, mesmo não aprovadas nos testes, poderão ser entregues como produto indústria.

Somente as lavouras de associados inscritos como produtores de sementes serão vistoriadas pelo pessoal do Departamento Agro-Técnico, que emitirá um laudo de visto-

ria, aprovando ou não a lavoura. Logo após a colheita, secagem e armazenagem na propriedade, o técnico, a chamado do associado, visitará a propriedade para colher uma amostragem do produto, que passará pelo teste de laboratório. Este, após os resultados, emitirá um laudo, autorizando ou não o recebimento do produto.

O percentual mínimo de pureza e germinação, varia de acordo com a espécie de forrageira, como mostra o quadro 3. O laudo de liberação emitido pelo laboratório, juntamente com o laudo de vistoria da lavoura, deve ser entregue quando da entrada do produto nos armazéns.

O laboratório terá um prazo de 15 dias para entregar os resultados do cornichão, da ervilhaca, do azevém, da festuca, dos trevos, setária, pânico, rhodes, pensacola e guenoaro. Já, os resultados dos testes das sementes de feijão miúdo, mi-

lheto, lab-lab, alfafa e aveia preta precisarão de um prazo de 30 dias, isso a contar da data da entrada das amostras no laboratório.

## OS DESCONTOS

Sobre as forrageiras incidirão descontos sobre impurezas e umidade, que têm seus índices determinados através da análise da semente. A cooperativa só receberá semente forrageiras com umidade máxima de 13,4 por cento.

O grau de impureza e umidade da semente será verificado na hora da entrega do produto, devendo constar no Recibo de Entrega do Produto - REP -, os resultados dos testes. Na hora da entrega do produto, 500 gramas são reservadas para o teste que é feito de acordo com o quadro 4. Por exemplo, se em 500 gramas foram encontradas até 5 gramas de impurezas, não vai existir desconto. A partir de 6 gramas de impurezas, o desconto já é de 0,2 por cento e assim por diante.

Quadro 1 - FORRAGEIRAS DE INVERNO E VERÃO - Valores de adiantamento em Cr\$ por quilo

ESPÉCIE	CULTIVAR	ADTO. BRUTO - Cr\$/Kg
Aveia Amarela	Coronado	21,00
Aveia Amarela	Estanzuela 1.095 - A	21,00
Aveia Branca	Epecoen	21,00
Aveia Branca	Suregrain	21,00
Aveia Preta	Comum RS	20,00
Aveia Preta	Argentina	20,00
Azevém Anual	Comum RS	25,00
Azevém Anual	Estanzuela 284	25,00
Centeio	Abruzzi	21,00
Centeio	Crioulo	21,00
Cornichão	São Gabriel	220,00
Ervilhaca	Comum RS	70,00
Festuca	K-31	100,00
Festuca	Demeter	100,00
Trevo Branco	Bayucua	350,00
Trevo Branco	Zapican	350,00
Trevo Vesiculoso	Yuchi	220,00
Trevo Vermelho	Kenland	220,00
Tremoço Branco	Comum	20,00
Tremoço Amarelo	Comum	20,00
Capim Setária	Kazungua	570,00
Capim Pânico	Gatton	450,00
Capim Rhodes	Callide	300,00
Capim Rhodes	Comum	300,00
Capim Pensacola	Pensacola	100,00
Capim Guenoaro	Comum RS	450,00
Alfafa	Crioula RS	1.000,00
Feijão Miúdo	Comum RS	85,00
Lab-Lab	Rongai	76,00
Lab-Lab	Highworth	76,00
Milheto Comum RS	Comum RS	25,00

Quadro 2 - PREÇO DE LIQUIDAÇÃO DA AVEIA COMÉRCIO

PH	Preço por quilo
Acima de 50	Cr\$ 22,07
47 a 49	Cr\$ 21,06 (preço básico)
41 a 46	Cr\$ 20,05
35 a 40	Cr\$ 19,04
Aveia desclassificada	Cr\$ 10,00

Preço baseado na classificação oficial, de acordo com a Portaria nº 191, de 14 de abril de 1975.

Quadro 3 - PADRÃO DE SEMENTE DE FORRAGEIRAS

Espécie e/ou Cultivar	Pureza %	Germinação %
<b>Inverno</b>		
Aveia -	95	80
Centeio -	95	70
Azevém anual -	95	75
Festuca -	90	75
Trevo Vesiculoso -	95	80
Trevo Branco -	95	80
Ervilhaca -	95	70
Cornichão -	95	65
<b>Verão</b>		
Milheto -	95	50
Setária -	50	25
Pânico -	50	20
Rhodes -	50	35
Pensacola -	90	55
Guenoaro -	60	35
Feijão Miúdo -	95	70
Lab-Lab -	97	75
Alfafa -	95	80



Quadro 4 - TABELA PARA DESCONTOS DE IMPUREZAS  
Amostras de 500 gramas

GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %	GRAMAS	DESC. %
5	-	54	9,8	103	19,6	152	29,4
6	0,2	55	10,0	104	19,8	153	29,6
7	0,4	56	10,2	105	20,0	154	29,8
8	0,6	57	10,4	106	20,2	155	30,0
9	0,8	58	10,6	107	20,4	156	30,2
10	1,0	59	10,8	108	20,6	157	30,4
11	1,2	60	11,0	109	20,8	158	30,6
12	1,4	61	11,2	110	21,0	159	30,8
13	1,6	62	11,4	111	21,2	160	31,0
14	1,8	63	11,6	112	21,4	161	31,2
15	2,0	64	11,8	113	21,6	162	31,4
16	2,2	65	12,0	114	21,8	163	31,6
17	2,4	66	12,2	115	22,0	164	31,8
18	2,6	67	12,4	116	22,2	165	32,0
19	2,8	68	12,6	117	22,4	166	32,2
20	3,0	69	12,8	118	22,6	167	32,4
21	3,2	70	13,0	119	22,8	168	32,6
22	3,4	71	13,2	120	23,0	169	32,8
23	3,6	72	13,4	121	23,2	170	33,0
24	3,8	73	13,6	122	23,4	171	33,2
25	4,0	74	13,8	123	23,6	172	33,4
26	4,2	75	14,0	124	23,8	173	33,6
27	4,4	76	14,2	125	24,0	174	33,8
28	4,6	77	14,4	126	24,2	175	34,0
29	4,8	78	14,6	127	24,4	176	34,2
30	5,0	79	14,8	128	24,6	177	34,4
31	5,2	80	15,0	129	24,8	178	34,6
32	5,4	81	15,2	130	25,0	179	34,8
33	5,6	82	15,4	131	25,2	180	35,0
34	5,8	83	15,6	132	25,4	181	35,2
35	6,0	84	15,8	133	25,6	182	35,4
36	6,2	85	16,0	134	25,8	183	35,6
37	6,4	86	16,2	135	26,0	184	35,8
38	6,6	87	16,4	136	26,2	185	36,0
39	6,8	88	16,6	137	26,4	186	36,2
40	7,0	89	16,8	138	26,6	187	36,4
41	7,2	90	17,0	139	26,8	188	36,6
42	7,4	91	17,2	140	27,0	189	36,8
43	7,6	92	17,4	141	27,2	190	37,0
44	7,8	93	17,6	142	27,4	191	37,2
45	8,0	94	17,8	143	27,6	192	37,4
46	8,2	95	18,0	144	27,8	193	37,6
47	8,4	96	18,2	145	28,0	194	37,8
48	8,6	97	18,4	146	28,2	195	38,0
49	8,8	98	18,6	147	28,4	196	38,2
50	9,0	99	18,8	148	28,6	197	38,4
51	9,2	100	19,0	149	28,8	198	38,6
52	9,4	101	19,2	150	29,0	199	38,8
53	9,6	102	19,4	151	29,2	200	39,0

## Colza e linhaça têm adiantamento



Colza e linhaça, safra/81, produto indústria e semente, poderão ser entregues nas Unidades de Ijuí, Santo Augusto, Tenente Portela, Vila Jóia, Coronel Bicaco, Dom Pedrito, Maracaju, Sidrolândia e Dourados. Não estão autorizadas a receber colza semente, as unidades de Vila Jóia, Coronel Bicaco e Tenente Portela.

Tanto a colza como a linhaça serão recebidas pelo cooperativa, na modalidade preço médio, mediante a concessão de adiantamento. Para a colza - semente e indústria, - o preço de adiantamento é de Cr\$ . . . 15,75 o quilo e para a linhaça - também semente e indústria - o preço é de Cr\$ 18,90. Para a Regional de Dom Pedrito, o adiantamento será na base de Cr\$ 18,20 por quilo para linha-

ça e de Cr\$ 15,17 para a colza. O produtor que entregar produto semente, receberá uma bonificação, que somente será paga após a comercialização do produto.

As sementes não enquadradas no padrão estabelecido, como mostra o quadro abaixo, serão consideradas como produto indústria. Além disso, o produtor deve ter cuidado com o grau de umidade das sementes. A colza, por exemplo, só será recebida com umidade máxima de 9,0 por cento, enquanto que a semente de linhaça, não pode ter mais do que 11,4 por cento de umidade. Esses problemas de umidades podem muito bem ser resolvidos na propriedade mesmo, desde que o produtor faça a secagem das sementes.

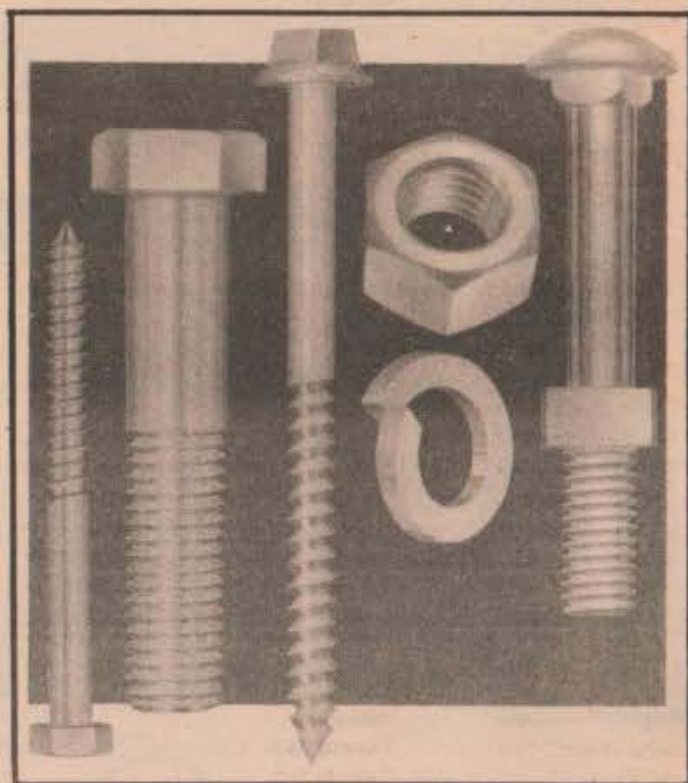
PADRÃO DA SEMENTE DE COLZA E LINHAÇA

ESPÉCIE	CULTIVAR.	PUREZA MÍN. %	GERM. MÍN. %
COLZA	CTC-4	98	80
	CTC-5	98	80
	CTC-6	98	80
	CTC-7	98	80
LINHAÇA	Comum-RS	90	60

# Parafusos



Geral, também em parafusos, uma tradição tão quente como a de fogões e cozinhas industriais  
COMPANHIA GERAL DE INDÚSTRIAS



Parafusos da Geral você encontra nas Lojas Cotrijuí





# VENCER O DESAFIO DAS PASTAGENS

Pensando em vencer os desafios que existem na área de pastagens forrageiras para as regiões de clima tropical e subtropical, é que a Cotrijuí e a Faculdade de Agronomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, organizaram um curso de produção e Tecnologia de Sementes de Forrageiras. O curso, que teve ainda a colaboração da FAO, iniciou em Porto Alegre no dia 5 de outubro e terminou em Ijuí no dia 9.

Autoridades ligadas ao setor de forrageiras de alguns países do Cone Sul se fizeram presentes, não só para ouvir o que os palestrantes traziam de novidades sobre o assunto, como para também trocar idéias, experiências, materiais e sementes. "O objetivo do Curso", explica o Renato Borges de Medeiros, diretor Técnico da Cotrijuí, "era saber o que cada país ou mesmo instituições andavam fazendo nesta área".

## O QUE FOI FALADO

O Curso começou em Porto Alegre, com palestras do Dr. John M. Hopkinson, de Queensland, Austrália, sobre "Fundamentos da Produção de Sementes de Gramíneas Forrageiras Tropicais e Subtropicais" e "Fundamentos da Produção de Sementes de Leguminosas Forrageiras Tropicais e Subtropicais". Foram palestrantes ainda em Porto Alegre, Francisco Souza, do Centro Nacional de Pesquisas de Gado de Corte, de Campo Grande, que falou sobre "Programa de Pesquisa do CNPEC - Embrapa - em produção de Sementes de Forrageiras Tropicais e Subtropicais"; e Carlos Nabinger, da Faculdade de Agronomia - UFRGS, sobre "Programa de Pesquisa em Produção de Sementes Forrageiras no Estado".

Depois de um dia de visitas ao Centro Nacional de Pesquisas de Trigo, Embrapa, em Passo Fundo, os participantes do Curso deslocaram-se até Ijuí, onde ouviram o Dr. John Hopkinson falar sobre "Transferências das experiências



Parte do curso foi desenvolvida em Ijuí...



John Hopkinson: tocar qualquer programa

australianas em produção de sementes de forrageiras para as regiões tropicais e subtropicais da América do Sul", e o agrônomo Jalcione Almeida, que falou sobre a produção de sementes na Cotrijuí.

Além das palestras, das conversas e trocas de idéias, o pessoal ainda teve a oportunidade de visitar o Centro de Treinamento da Cotrijuí e duas propriedades rurais. Ali puderam observar pastagens de capim pânico, de capim guenoaro, capim bermuda e lavouras de alfafa. Também fez parte do programa uma visita à Unidade de Beneficiamento de Sementes da Cotrijuí e uma manhã no Laboratório de Análise de Semente, onde houve demonstrações do uso do assoprador na determinação da pureza de sementes de espécies de gramíneas tropicais, leituras de testes de tetrazólio em sementes de capim setária e capim pânico.

## VISITAS ÀS UNIDADES

O professor John M. Hopkinson permaneceu no Brasil por mais três semanas, quando teve a oportunidade de visitar algumas Unidades da Cotrijuí, como Tenente Portela, Santo Augusto,



... onde os participantes visitaram o CTC e duas propriedades

Dom Pedrito e ainda Dourados, Sidrolândia e Maracajú, no Mato Grosso do Sul. Ainda fez uma visita ao Setor de Forrageiras da Universidade Federal de Santa Maria e à Estação Experimental de Cinco Cruzes em Bagé. Em Brasília manteve contatos com o pessoal do CPAC - Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado - Embrapa.

Antes de voltar à Austrália, o pro-

fessor Hopkinson deixou a certeza de que as sementes produzidas pela Cotrijuí são comparáveis em qualidade às sementes que estão sendo comercializadas na Austrália. "A Cotrijuí está muito bem estruturada na área de sementes, tendo plenas condições de, através de convênios com universidades ou instituições, tocar qualquer programa em frente", falou o professor.

## O bom sono em um colchão que é uma obra de arte

Orthofoam



### ORTOPÉDICO DOUBLE-FACE

A eficiência deste colchão, realmente ortopédico, está no perfeito equilíbrio de sua composição. A camada central de espuma rígida estabelece o ponto de apoio do corpo. É constituído de uma face macia e outra firme.



### NOBILE

Estampa exclusiva, totalmente acolchoado. Espuma com densidade controlada para longa vida. Fabricado em todas as medidas. Espessura: 12 cm



### PERSONA ORTOPÉDICO

A alta densidade da espuma deste colchão o torna eficientemente ortopédico. Mantém a coluna na posição correta, proporcionando um "bom dormir". Fabricado em todas as medidas



### DUQUESA

Além de manter as características de um colchão de alta qualidade, sua maciez controlada proporciona um sono tranquilo e repousante. Fabricado em todas as medidas. Espessura: 14 cm

Os colchões de espuma



(e também os travesseiros) você encontra nas Lojas

COTRIJUI





# PLANTA DE VERÃO OU INVERNO?

Há três anos que o girassol vem sendo testado no Mato Grosso do Sul como cultura alternativa para a lavoura de trigo. A experiência começou em Maracajú em 1979, sempre com o plantio no inverno, numa tentativa de aproveitar as condições climáticas desta época na região. Só que este ano, com a frustração da lavoura, já se começa a pensar no girassol como alternativa para a soja, no verão.

Só em Maracajú, por exemplo, dos 1.060 hectares plantados com girassol no inverno, 715 já foram indenizados pelo Proagro. E isto que a indenização foi pedida para 945 hectares, quase a área total de planta. Como causas da frustração — assim como aconteceu no trigo —

são apontados uma seca nos momentos em que mais a planta necessita de chuvas, além de geadas, ventos, e também pragas e doenças comuns às outras culturas do mesmo período.

A experiência com girassol na área de ação da Cotrijuí no Mato Grosso também atingiu outros municípios. Em Dourados, por exemplo, estima-se que a área de plantio com esta cultura tenha ficado em torno de 1.000 hectares; em Rio Brilhante foram mais ou menos 800 hectares e em Sidrolândia perto de 700 hectares.

## CONTINUAR TENTANDO

Dois produtores de Maracajú, Berend e Gerrit Bouwman, por exemplo, acham pouco provável

que continuem plantando girassol no inverno. Para esta época pensam que pode ser melhor o plantio de aveia. Mas a sua idéia, assim como a de todos plantadores do município — que hoje são apenas seis — é continuar tentando com o girassol, assim como também procurar outras culturas que substituam o trigo. Os Bouwman financiaram 100 hectares de girassol, fazendo plantio em maio. Hoje, analisando, pensam que deveriam plantar um pouco mais cedo, lá por fevereiro. O plantio foi feito de forma convencional, utilizando 200 quilos de adubo da fórmula 5-30-15 na linha e mais uma adubação com uréia em cobertura. Tiveram que pedir o Proagro para sua lavoura, que sofreu com a seca e o frio. Problema de praga até que nem tiveram, dispensando inclusive a pulverização para o controle de qualquer inseto. Nos 100 hectares de planta conseguiram colher 13.500 quilos de girassol. A produção foi comercializada através da Cotrijuí na modalidade preço médio, o que deu o direito de um adiantamento de Cr\$ 15,00 por quilo.

Para eles o girassol até que é uma cultura barata em relação ao trigo, só que exige uma plataforma especial para a colheita. Um aspecto que eles lembram é a dificuldade em conseguir semente certificada. Estas sementes são híbridas e, assim como acontece no caso do mi-

lho — só como exemplo — material genético está mais na mão de empresas multinacionais.

## AUMENTAR A ÁREA

A tendência na região onde atua a Cotrijuí no Mato Grosso do Sul, é aumentar a área de plantio, "como decorrência das tentativas de diversificação", como observa o Ciro de Moraes, que trabalha no Departamento Técnico da Unidade de Maracajú. "Dentro desse pensamento", ele continua, "tenta-se introduzir outras culturas que substituam as cultivadas normalmente, isto dentro do espírito de obter produtividade e não somente altas produções".

Agora com esta idéia de introduzir o girassol mais ou menos na mesma época do ciclo da soja, já se começa a pensar em problemas que poderão surgir. Um deles seria a dificuldade de polinização através de insetos — principalmente abelhas — pois estes animais são exterminados pelo uso indiscriminado de defensivos agrícolas.

Mas, na verdade, a experiência com o girassol recém está no início. O resultado de três anos — ainda mais num período anormal como este inverno na região — não pode ser encarado como prova definitiva. A Cotrijuí, inclusive, está fazendo pesquisa com o girassol em Maracajú, procurando exatamente saber o comportamento desta planta e adaptação de diversas variedades.



## Cultura esquecida

Se no Mato Grosso começam a existir dúvidas sobre a melhor época para fazer a safra de girassol, no Rio Grande a recomendação de plantio é para o mês de setembro. A colheita vai acontecer lá pelo final de novembro.

Há anos atrás o girassol chegou a ter importância nas lavouras gaúchas, mas aos poucos ele foi perdendo seu lugar para a soja. A cultura ficou tão esquecida, que hoje em dia praticamente só se vê girassol enfeitando algum jardim ou plantado nos terraços das lavouras de soja.

### A TÉCNICA

A recomendação técnica é que o plantio seja feito em áreas bem limpas, largando a semente numa cova de três centímetros (e até no máximo 10 centímetros). A densidade de semeadura é, em média, de 5 quilos de sementes por hectare, e a produtividade pode chegar a 3.000 quilos por hectare. A temperatura ideal para o seu desenvolvimento varia entre os 18 e os 24 graus centígrados. É ainda a pesquisa quem diz que o girassol enfrenta relativamente bem os períodos de seca, desde que eles não coincidam com a época de formação do grão, quando vai se acumular o óleo que é a grande riqueza

da cultura. Mesmo assim este não seria um problema para preocupar demais, pois o girassol resiste melhor que o milho e o sorgo à falta de água. Também o frio não assusta muito. Pode acontecer de secar a planta na época de formação das folhas, mas depois ela consegue se recuperar.

### MERCADO

O lançamento do Pró-óleo (um programa que objetiva substituir o uso dos óleos derivados do petróleo) representou um grande incentivo para a cultura do girassol, ampliando as perspectivas de colocação deste grão no mercado. Este programa ainda não está bem implantado, mas as indústrias estão pensando em apostar no desenvolvimento da cultura, ainda mais porque o Brasil tem importado este óleo para o consumo interno.

O girassol é ainda amparado pela política de preços mínimos, e teve seu preço básico fixado em Cr\$ 662,00 pelo saco de 40 quilos e mais o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) de janeiro. Hoje a produção brasileira é absorvida pelas indústrias de óleos comestíveis e margarinas e uma pequena parte ainda empregada na indústria de cosméticos, na fabricação de sabonetes.

## CAMINHÕES PROGRAMADOS SCANIA



**NA BRASDIESEL VOCÊ ENCONTRA OS CAMINHÕES FEITOS SOB MEDIDA PARA SUA CARGA, COM VANTAGENS SOB MEDIDA PARA VOCÊ.**

A Scania sempre foi capaz de melhorar o que era ótimo.

Sua tecnologia produz, entre outras coisas, motores a jato, computadores precisos e os caminhões mais testados e aprovados em todo o mundo.

Na Brasdiesel você vê de perto as vantagens que essa tecnologia trouxe para você.

Os Caminhões Programados Scania.

Programados para dar lucro ao transportador.

Para durar muito.

Com economia e versatilidade.

A Brasdiesel tem condições de venda especialmente programadas para você.

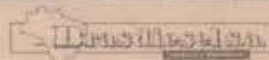
Conheça na Brasdiesel os caminhões feitos sob medida para sua carga.

A Brasdiesel tem vantagens sob medida para você.

Não perca.



Av. Flores da Cunha, 5200  
Carazinho - RS





# O APELO POR OUTRA GRANDE SAFRA

*Stábile reconheceu que a situação não está tão boa, mas pediu maior produtividade*

"Nós temos que colher a terceira grande safra de grãos do país no próximo ano". O ministro da Agricultura, Amaury Stábile, repetiu esse apelo várias vezes, no dia 8 de outubro, em Ijuí, quando da segunda visita que a Caravana da Produção realizou ao Estado. O ministro, que também andou por outras cidades gaúchas, veio à região para dizer mais ou menos o que a Caravana já havia dito no ano passado, em Santo Ângelo: "Estamos preservando a agricultura com todo o nosso empenho, pois a produção agrícola continua prioritária".

Stábile falou para umas 80 pessoas, no auditório da Cotrijuí, quando disse que a agricultura é importante até mesmo para o combate à inflação. Admitindo que a situação piorou, em alguns pontos, para o produtor, de um ano pra outro, o ministro recomendou, no entanto, uma saída que considera possível, para que a terceira grande safra seja colhida: reduzir custos e aumentar produtividade. Ele garantiu que a conta de custeio continua aberta; que uma boa produção vai diminuir os preços dos produtos ao consumidor; e que as restrições de crédito são "ajustamentos", como acontece na área de investimentos.

Mas a prioridade continua, segundo Stábile, e não há até agora nada que ameace a terceira grande safra. Mas o ministro não deu resposta às questões que mais preocupam os produtores no momento, e que foram levantadas principalmente pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ilgenfritz falou da crise que continua atingindo os suinocultores; dos baixos pre-



A Caravana chegou atrasada e saiu com pressa

ços do leite ao produtor; da descapitalização das cooperativas. "Mas para que pudéssemos falar de tudo, precisaríamos de umas 12 horas de conversa", disse o presidente da Cotrijuí.

## CUSTEIO CASADO

Também foram levantados os problemas para que se implante de fato a diversificação, e aí então Stábile afirmou que seu ministério tem uma das saídas. Essa alternativa, segundo ele, seria a concessão de financiamentos através de "custeio casado", ou seja, os empréstimos só seriam liberados para uma lavoura, se o produtor também assumisse o compromisso de plantar ao mesmo tempo outra cultura. Mas Stábile não comentou a situação da suinocultura, dos produtores de leite, da falta de capital de giro das cooperativas. E não tocou também no preço do trigo, onde os produtores gaúchos pediam um reajuste dos atuais Cr\$ 1.710,00 para Cr\$ . . . . .

2.204,12.

No encontro no auditório da Cotrijuí, a comitiva ouviu muitas reivindicações. Jovens rurais voltaram a pedir crédito juvenil, para filhos de produtores, especialmente para a compra de terras. Stábile disse que há projetos que prevêm o assentamento de filhos de colonos em terras devolutas. A Associação dos Agrônomos de Ijuí solicitou maior participação dos técnicos nas decisões; que o receituário agrônomo seja respeitado; que o crédito seja concedido ao produtor, e não ao produto; e que se amplie a assistência técnica ao produtor.

O núcleo regional de Ijuí, da Associação dos Técnicos Agrícolas do Estado, reclamou apoio de Stábile ao projeto de regulamentação da profissão, engavetado há 13 anos no Ministério do Trabalho. A Associação Comercial e Industrial de Ijuí reivindicou estímulos às agroindústrias e setores dependentes da produção primária, como a indús-

tria de máquinas, e também pediu preços mais justos aos produtores agrícolas.

## ATRASO E PRESSA

A Associação dos Apicultores de Ijuí pediu e ganhou um milhão e meio de cruzeiros para construção de sua sede; e a Fidene solicitou apoio do ministério aos seus projetos na área rural, como a criação de uma Central de Informações. Outras reivindicações foram apresentadas pelo Sindicato Rural Patronal de Ijuí, que pediu, entre outras coisas, o fim da medida que transferiu para os bancos particulares a concessão de parte dos financiamentos para custeios.

Amaury Stábile veio a Ijuí acompanhado de dirigentes do Banco Central, Banco do Brasil, Embrater, Banco Nacional de Crédito Cooperativo e outros órgãos oficiais, além do secretário Balthazar de Bem e Canto e políticos da região. A comitiva chegou atrasada e deixou a cidade, depois de umas duas horas de visita, com bastante pressa. Tanto que os produtores através dos Sindicatos Patronal e de Trabalhadores Rurais não conseguiram falar durante o encontro.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Catuípe, José Barassuol, representando a regional da Fetag, teve que acompanhar a Caravana, até o aeroporto, para comentar, em nome da regional, a situação dos produtores com o ministro, durante o trajeto. Pouco antes de retornar a Porto Alegre, Stábile prometeu que voltará à região, numa data a ser marcada, para um dia de campo num dos municípios da área de ação da Cotrijuí.



Grand Petit  
Gourmet

## Venax, fogão dos bons



Fogão à Lenha  
Século XVIII

À venda  
nas Lojas



COTRIJUÍ



Metalúrgica  
Venax S.A.



## A conversa foi com o assessor

Um assessor do ministro da Agricultura passou todo um dia reunido com lideranças rurais de Ijuí no início do mês de outubro. A reunião aconteceu um dia depois da presença do Ministro em Ijuí, com a Caravana da Produção (veja na página 22). Durante todo dia o assessor Menna Barreto ouviu por parte dos representantes eleitos da Unidade de Ijuí e mais lideranças do Sindicato de Trabalhadores Rurais e do Sindicato Patronal algumas críticas e sugestões sobre a política agrícola implantada no país.

Mais de uma dezena de questões foram levantadas durante o encontro. Se falou de enquadramento sindical, que representa um prejuízo para os trabalhadores rurais, pois grande parte das contribuições sindicais de pequenos proprietários vai para os sindicatos patronais. Os produtores lembraram ainda que existem critérios diferentes de enquadramento do produtor no INCRA, no Pró-rural, nos bancos, o que gera uma grande confusão. Sobre este assunto, ficou acertado de encaminhar ao Ministro, através de Menna Barreto, as reivindicações para que sejam eliminadas estas distorções, mesmo que elas já tenham sido encaminhadas pelo Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais.

Outro assunto bem discutido foi sobre a legislação trabalhista, considerada inadequada ao meio rural. Há problemas com salários indiretos, denúncias na Justiça do Trabalho, e falta uma definição clara da figura de parceiro, meeiro, etc. Estes problemas, somados ao que representa a estrutura fundiária e ainda a política de preços agrícolas, foi considerado um dos responsáveis pelo êxodo rural. Como sugestão ficou a idéia de alterar a legislação sobre as relações de trabalho no meio rural e ainda constituir uma comissão mista entre o STR e o Sindicato

Patronal para encaminhar um acordo coletivo. Sobre este ponto ficou bem clara a necessidade de reuniões preparatórias de esclarecimento com os interessados, e ainda de contar com a assessoria de técnicos do Ministério da Agricultura para a elaboração deste acordo.

A reunião ainda serviu para mais uma vez os produtores colocarem suas posições sobre os problemas de intermediação (o produtor ganhando pouco e o consumidor pagando muito); sobre a falta de crédito fundiário, que permitisse a compra de terra pelo pequeno produtor; sobre a "pica-retagem" que representa a exigência de uso de semente fiscalizada para ter direito aos financiamentos agrícolas; sobre os altos juros; os problemas da diversificação (mais especificamente a crise na suinocultura e pecuária leiteira); sobre os baixos preços dos produtos agrícolas sem existir, em contrapartida, um controle mais efetivo sobre o custo dos insumos para a formação da lavoura.

Na conversa, que estava programada apenas para a parte da manhã, as lideranças rurais foram desenrolando toda a série de queixas que existem do setor agrícola a respeito da situação difícil que se vive no momento. E ainda fizeram sugestão: "o Ministro deveria ficar mais tempo em contato com os produtores", isso numa clara referência à rápida visita da Caravana da Produção no dia anterior, quando os produtores não tiveram tempo de fazer pessoalmente suas colocações ao Ministro. Segundo os participantes da reunião, somente assim se teria a oportunidade de "não apenas fazer reclamações, mas também apresentar sugestões para a solução de muitas questões levantadas". Estas sugestões, por sinal, foram todas anotadas pelo assessor, que deveria fazer chegá-las até o conhecimento de Amaury Stábile.

## O leite em setembro

Esta tabela mostra os números da produção de leite recebida através da Cotrijuí no mês de setembro em toda Região Pioneira. No total, 3.075 produtores comercializaram 2 milhões, 164 mil e 130 litros de leite durante este período, representando uma produção que chega ao valor de 49 milhões, 612 mil e 751 cruzeiros. Ijuí é a uni-

dade com o maior número de produtores (1.216) e, logicamente, responsável pelo maior volume de produção (688 mil e 195 litros).

Mensalmente, como já aconteceu na edição passada, o Cotrijornal estará publicando estas mesmas informações sobre a produção leiteira na região.

Município	Nº prod.	Tarro individual	PRODUÇÃO				Prejuízo Acidez	Valor da produção
			Normal	Ácido	% Acidez	Total		
Ajuricaba	372	241	291.809	5.064	1,71	296.873	105.333,00	6.856.081,00
Augusto Pestana	757	282	475.884	18.311	3,71	494.195	386.002,00	11.315.529,00
Braga	3	3	3.516	108	2,98	3.624	2.238,00	82.390,00
Chiapetta	14	8	9.174	557	5,72	9.731	11.748,00	218.363,00
Coronel Bicaco	22	21	20.887	665	3,09	21.552	13.838,00	491.113,00
Ijuí	1.216	438	829.839	32.585	3,78	862.424	688.195,00	19.763.645,00
Miraguaí	3	2	1.943	45	2,26	1.988	936,00	45.958,00
Redentora	11	9	12.006	208	1,70	12.214	4.336,00	282.218,00
Santo Augusto	287	170	197.136	5.819	2,87	202.955	121.442,00	4.646.107,00
São Martinho	134	77	61.989	1.749	2,74	63.738	36.390,00	1.457.607,00
Tenente Portela	2	1	713	19	2,60	732	401,00	16.850,00
Vila Jóia	175	84	152.360	6.851	4,30	159.211	144.965,00	3.635.199,00
Outros (*)	79	12	33.732	1.861	5,13	35.393	35.014,00	801.691,00
<b>TOTAL</b>	<b>3.075</b>	<b>1.348</b>	<b>2.090.988</b>	<b>73.642</b>	<b>4,12</b>	<b>2.164.630</b>	<b>1.550.838,00</b>	<b>49.612.751,00</b>

(\*) Os outros municípios são Boa Vista do Buricá, Campo Novo, Catuípe, Condor, Cruz Alta, Horizontina, Humaitá, Palmeira das Missões, Pejuçara, Santo Ângelo, Três de Maio e Três Passos.

## Quando você aplica Blazer, a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o João, o Caruru, a Trapoeraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A mudança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



**Blazer.**  
O carrasco das ervas de folhas largas.



A COTRIJUI dispõe de sua própria Corretora de Seguros prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Seja você o próximo a usar os seus serviços, pedindo quaisquer informações sobre SEGUROS em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 — fone 332-1914 ou 332-2440 ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar — fone 33-50-32



## O Congo busca nossa experiência

Além de alguns eventos, como o carnaval e o futebol, pouca coisa se conhece do Brasil lá na República Popular do Congo. Foi pelo menos o que revelou Marius Movabenga, Ministro da Agricultura congolês, durante a sua visita a Cotrijuí, logo no início do mês de outubro. "Muito pouca coisa se conhece do povo brasileiro, de seus costumes, de sua cultura, de sua tecnologia e de toda a sua experiência de cooperação que tem à nível interno e com os demais países", falou ainda o ministro naquela oportunidade.

Classificando a sua visita ao Brasil como "apenas de caráter informativo", especialmente no que se refere ao setor agrícola e a criação de gado, Marius Movabenga disse que o Brasil é um país que possui condições similares as de seus países, "tanto do ponto de vista de início de desenvolvimento econômico como em condições climáticas em determinadas regiões". Partindo dessas semelhanças, o Ministro acredita que é possível tirar proveito da experiência brasi-

leira, no setor agropecuário para solucionar os problemas de seus países. "Evidentemente que não há tecnologias que possam ser transportadas automaticamente do Brasil para o Congo, mas é bastante interessante tomar conhecimento dos resultados da experiência brasileira, não só dos resultados positivos, mas também dos negativos, para que possam ser avaliados os erros".

As principais culturas desenvolvidas na República do Congo são a mandioca, o óleo-de-dendê, o milho e outras de menor importância econômica, porém bastante semelhantes às culturas brasileiras, com exceção apenas das culturas de inverno, como o trigo, por exemplo.

A produção de alimentos na República do Congo tem uma dupla finalidade. Por um lado a grande preocupação é a de produzir alimentos que possam garantir a subsistência interna do país, aparecendo num segundo momento, a necessidade de se produzir para exportar, como forma de captar divisas e importar equipa-



Marius Movabenga: atrás de informações

mentos. Durante a sua visita a Cotrijuí, Marius Movabenga e mais a sua comitiva, composta por quatro assessores, tiveram a oportunidade de visitar algumas lavouras experimentais no Centro de Treinamento e ainda ouvir uma explanação do diretor vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews, sobre as atividades que desenvolve a cooperativa, bem como a sua área de ação. Além da visita a Cotrijuí e a Fecotrijo, era intenção da comitiva conhecer outras cooperativas no Norte do País antes de regressarem ao Congo.

## A Faculdade é quem vai viajar

Os filhos de agricultores de Santo Augusto e outras cidades da região já podem começar a pensar na possibilidade de frequentar a faculdade sem sair de casa. É que a Fidene, que mantém os cursos superiores em Ijuí, pretende fazer com que o curso de Administração Rural seja itinerante. Isso quer dizer que, se tudo der certo, a Fundação instalará de tempos em tempos o curso numa determinada cidade, para que o ensino vá até onde estão os alunos, e não os estudantes venham até a Fidene.

O projeto surgiu este ano, depois que o curso ficou meio parado, sem receber uma nova turma. A direção do Centro de Ciências Agrárias (CECA), que cuida dessa área, e os próprios alunos, entenderam que era preciso dar uma parada, para que a formação de administradores rurais fosse melhor avaliada. Tinha muita gente da cidade frequentando as aulas, sem nunca ter antes um contato maior com o meio rural, e isso desfigurou um pouco os planos iniciais, quando o curso foi criado, em 1976.

Enquanto discutia alternativas com os alunos,

foi que a Fundação propôs a transformação do curso em itinerante, já que os estudantes e quem já estava formado não queriam nem pensar no fechamento definitivo da Administração Rural. Segundo David Basso, diretor do CECA, no próximo ano será reiniciada a abertura de vagas, para 40 alunos de uma nova turma em Ijuí, e possivelmente em 83 o curso seja levado para Santo Augusto. Assim, os filhos de agricultores e técnicos agrícolas poderiam frequentar as aulas sem deixarem a cidade, e depois de formados retornariam ao meio rural.

Basso acha que esta é a melhor forma para que sejam formados profissionais que conheçam mesmo a atividade rural. Ele diz que o administrador poderá não só cuidar da propriedade da família, como também levar informações para todos os produtores de seu núcleo, tornando-se um líder da comunidade. A Associação dos Tecnólogos da Fidene não concorda muito com esse plano, que pretende formar uma turma numa cidade e depois levar o ensino dessa área a outros municípios. O projeto é coisa nova no ensino superior do Estado.

## Uma Central para informar e interpretar a produção

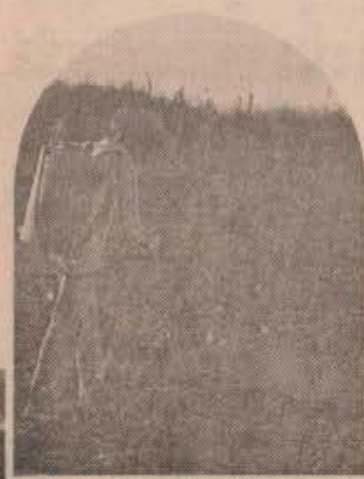
Outra idéia nova da Fidene já está em prática. Desde agosto, a Fundação conta com uma Central Regional de Informações Agropecuárias, que é um arquivo de dados sobre agricultura e pecuária. Arquivos como este já existem em muitas cidades, mas o da Fidene pretende funcionar de forma bem diferente dos outros. Segundo o responsável pela Central, o professor Argemiro Luís Brum, qualquer informação sobre a produção poderá ser pesquisada, abrangendo tudo que interessa ao setor, da lavoura até a comercialização.

A novidade da Central é que ela não vai apenas armazenar estes dados e servir de fonte de pesquisa só para professores e alunos da Fidene. Possivelmente a partir de fevereiro, estará sendo editado um boletim, e também se-

rá feito um programa de televisão. No boletim, que talvez circule mensalmente, as cooperativas e os sindicatos, além de outras entidades e empresas interessadas, receberão análises de assuntos do momento. E no programa de TV essas análises serão transmitidas ao produtor.

Argemiro Luís Brum diz que assim o produtor poderá entender melhor muita coisa que acontece perto e longe dele, inclusive fora do país. A Central pretende interpretar tudo isso, para que não se fique discutindo apenas assuntos técnicos, mas também as questões econômicas da atividade agropecuária. Por enquanto, os planos da Fidene nessa área contam com o apoio da Cotrijuí e Cotriexport, mas outras cooperativas e sindicatos serão convidados a participar da execução do projeto.

## UMA APLICAÇÃO DE PRIMEXTRA VALE ATÉ POR 4 CAPINAS.



E o mato nem aparece no milharal. E enquanto você descansa, seu milho cresce, cresce, cresce...



**PRIMEXTRA**  
O herbicida para milho.

CIBA-GEIGY



# Acontecimento em Paraíso: dona Vilhermina fez 100 anos

No dia em que nasceu, Vilhermina Ville Fröhling deu um susto nos pais, João e Toni. O casal estava dentro de um navio, vindo da Alemanha para o Brasil, e Vilhermina nasceu ali mesmo, em alto mar. Mas ela se saiu bem do parto inesperado, e no dia 30 de outubro pôde lembrar tudo isso, 100 anos depois, junto com mais de 100 pessoas da família e vizinhança, em Paraíso, Augusto Pestana. O aniversário de dona Vilhermina foi um acontecimento na localidade, pois não é todo o dia que se organiza uma festa para se comemorar um centenário de vida.

Ela não sabe dizer até hoje de que região vieram os seus pais, e a família acha que tem sangue alemão e polonês, por causa dos sobrenomes.

Seu João era Ville, e dona Toni era Vaslavoski.



A festa reuniu a família e muitos amigos de dona Vilhermina

## Feira Livre de Animais: negócios sem intermediários

Os produtores rurais da região de Ijuí poderão vender, comprar ou trocar seus animais numa feira que será montada dia 15 de novembro no Parque de Exposições Assis Brasil. Será a 1ª Feira Livre de Animais de Ijuí, que tem o objetivo de possibilitar aos produtores a realização de negócios de forma direta, sem a participação de intermediários. A promoção é da Cotrijuí e Imerab (Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil).

Podem ser comercializados bovinos, ovinos, suínos, equinos, aves, coelhos, cães, gatos, etc., sem a necessidade de existir o registro dos animais. A Inspeção Veterinária, porém, exigirá alguns documentos na entrada dos animais no Parque. Para os bovinos é preciso apresentar atestado de vacina anti-aftosa emitido no míni-

mo 15 dias antes da Feira. Para o gado leiteiro ainda é exigido atestado oficial negativo para brucelose e tuberculose. Os ovinos precisarão ter atestado de vacina anti-aftosa; os equinos, o atestado negativo para anemia infecciosa; os suínos para reprodução, atestado de vacina contra peste suína e atestado negativo para tuberculose e brucelose; suínos de abate, apenas atestado de vacina contra a peste suína; dos cães será exigido atestado de vacina contra raiva. Dos outros animais não será exigido nenhum atestado.

As inscrições dos interessados em vender animais devem ser feitas até o dia 10 nas unidades da Cotrijuí ou na escola IMERAB. No momento de entrada dos animais no Parque será cobrada uma taxa de inscrição, que tem valor variável de espécie para espécie.

mais que a tataravó, pois pegou no sono e dormiu no colo de dona Vilhermina na hora do café da tarde. Ela participou do churrasco do meio-dia, deu uma sesteada, e de tarde estava de novo no galpão onde aconteceu a comemoração, para ouvir uma pregação do pastor Bernardo Rossner, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

Este ano, dona Vilhermina andou meio adoentada, e mais uma vez exigiu que só iria ao médico se fosse levada por um vizinho, o seu Elvin Gustavo Zolinger, amigo da família há vários anos. Ela mora com os filhos Germano e Erna, e todos os dias dá uma caminhada ao redor da casa. Só fala alemão



O tataraneto cansou mais que dona Vilhermina

e, apesar de ouvir com dificuldade, ainda puxa uma conversa. Há um ano, sem a ajuda de óculos, dona Vilhermina conseguia enfiar linha na agulha, mas agora está com a vista mais cansada. No dia da festa, muita gente se emocionou,

e teve até quem chorasse quando o pastor Rosser lembrou que, por causa da família unida e do cuidado dos filhos, a vovó Vilhermina teve a sorte de sempre morar em casa e nunca precisar de um asilo.

## Se você tem um boi, Tiguvon 15 Spot-on é ótimo.

## Mas se você tem uma boiada, Tiguvon 15 Spot-on é melhor ainda.

*Tiguvon 15 Spot-on é o único boricida de ação sistêmica e efeito prolongado, com exclusiva embalagem autodosificadora.*

*Quer dizer, ele já vem pronto para usar. É só ver o peso do animal, fazer a dose certa e aplicar no ponto certo. Mais fácil e mais rápido do que Tiguvon é impossível.*

**BAYER** **tiguvon 15 spot-on®**

ALMORECELO NO PONTO CERTO

O boricida das grandes fazendas.

**BAYER**

Se é Bayer, é bom.



# POR DENTRO DAS SAFRAS AMERICANAS

Lavouras de soja bem parecidas com as nossas, com produções também semelhantes às nossas, foi uma das coisas que o Valdir Domingos Zardin, diretor de Compras e Abastecimento da Cotrijuí, pode verificar durante a viagem que fez aos Estados Unidos no mês de setembro. Zardin participou de uma viagem organizada pela CRA (Companhia Riograndense de Adubos), num grupo de 116 pessoas, de 96 cooperativas brasileiras. Esta viagem foi chamada de II Programa Internacional de Atualização Agrícola CRA (o primeiro foi há três anos, com uma viagem para a Europa) e teve a intenção de mostrar como é o sistema de produção e comercialização das safras americanas.

O grupo saiu do Brasil no dia 1º de setembro, retornando no dia 23 do mesmo mês. Nos Estados Unidos eles percorreram sete estados, viajando 4.000 quilômetros de ônibus. Lá os dirigentes cooperativistas conheceram a Bolsa de Nova Iorque e também a famosa Bolsa de Chicago, acompanhando de perto os lances de comercialização dos grãos do mercado internacional.

## USO DO ADUBO

Outra visita foi à Universidade de Illinois, onde puderam observar experimentos na área de soja, trigo, milho e alfafa. O que chamou bastante a

atenção do Zardin foi um trabalho desenvolvido sobre o sistema e uso de adubação:

— Os produtores fazem análise de solo a cada ano. Esta análise é bem barata, em torno de Cr\$ 350,00 na nossa moeda, e é a partir do seu resultado que eles vão aplicar o adubo que a planta vai precisar. Eles fazem a formulação do adubo na hora e de acordo com a cultura e o tipo de solo. Não é como nós aqui que compramos a fórmula pronta e aplicamos parelho na lavoura.

## A PESQUISA

Ainda na área de técnica, os dirigentes de cooperativas visitaram experimentos que estão sendo realizados no delta do rio Mississipi, por cientistas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Fala o Zardin:

— Eles fazem pesquisa com soja, algodão e arroz. Na soja são 2.000 experimentos e é dali que vem a semente para o Brasil. Nós observamos quatro variedades que estão sendo testadas para substituir a Bragg e a Hill, que eles consideram já terem passado do ponto ótimo de produção.

Na cidade de Greenville, no estado de Mississipi, eles foram visitar um engenho de arroz. Seus armazéns são em forma de silos verticais, com aeração, e muito semelhantes ao novo projeto de armazenamento que está sendo desenvol-

vido pela Cotrijuí em Dom Pedrito.

Outra visita foi a uma criação de suínos que tem 9.000 animais confinados. O interessante, segundo o Zardin, foi poder conhecer um sistema de refrigeração para evitar que o calor provoque a perda de peso dos animais.

## TRANSPORTE

Foram conhecer ainda a descarga de chatas e embarque de cereais em navios em alguns dos principais portos americanos (Nova Orleans, Tampa e Miami):

— Nos impressionou o custo de transporte dos armazéns até o porto, que chega a perto de 4 por cento sobre o valor do produto. O nosso custo no Brasil é de 12 e até 14 por cento. Mas também os americanos transportam 95 por cento da produção através de hidrovias e ferrovias.

## PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Não foi só de visitas, porém, a viagem. Em Saint Louis, por exemplo, eles ouviram do presidente da Associação dos Produtores de Soja uma análise das safras americanas. Também em Washington, a capital dos Estados Unidos, ouviram outra explanação de representantes da Associação junto ao Governo. A estimativa de produção que eles fazem é de 54 milhões



Uma das visitas foi aos experimentos na Universidade de Illinois

de toneladas de soja (o total da produção brasileira de tudo quanto é grão), 192,5 milhões de toneladas de milho, 75 milhões de trigo e 9 milhões de toneladas de arroz (das quais 75 por cento são exportadas).

Nestas palestras, o pessoal da Associação falou também de como estão enxergando a comercialização internacional da soja:

— Eles dizem que não estão satisfeitos com os preços atuais. Se já ganharam muito dinheiro com a soja, a safra deste ano só vai permitir que eles empatem dinheiro e até mesmo alguns tenham prejuízo com suas colheitas. Falaram da diminuição do consumo de soja e derivados por parte dos países do mercado Comum Europeu, que fez crescer 6 por cento os estoques mundiais de soja. E o que é pior: não se vê perspectivas de melhoria a curto prazo. Eles estão esperando duas coisas: uma queda no valor do dólar e uma baixa ainda maior do preço do grão este ano. Estas duas razões, segundo eles, fariam os europeus voltarem a se estimular para consumir soja e seus derivados. Assim, nos anos seguintes, estariam



Zardin: situações diferentes comprando até mesmo a preços mais altos por uma questão de hábito de consumir soja.

## OS NÚMEROS

O diretor de Compras da Cotrijuí ainda achou interessante anotar alguns números. O preço do diesel, por exemplo, equivale a Cr\$ 28,00 o litro (enquanto aqui pagamos Cr\$ 52,00). O da gasolina seria Cr\$ 34,00, em média. Isto porque não existe um preço fixo dos derivados de petróleo como acontece no Brasil. Lá, cada companhia estabelece seu preço.

A inflação acumulada neste ano é de 14 por cento, o que mais ou menos equivale às taxas de juros que os agricultores americanos pagam pelos seus empréstimos (que varia de 14 a 18 por cento).

O preço da terra varia de Cr\$ 800 mil a Cr\$ 1 milhão e 200 mil o hectare, dependendo do seu nível de fertilidade:

— Um lavoureiro me disse que, mesmo com crédito fundiário, não há condições de absorver um empréstimo a estes juros atuais.

O que o Zardin reconhece é que é muito difícil estabelecer comparações entre um país e outro, ou mesmo pensar em transportar o que de lá existe. São situações diferentes que começam já no tipo de terreno usado para a agricultura:

— A região de produção de grãos é completamente plana, isenta de erosão, com lavouras bem extensivas, e que acabam comportando grandes máquinas para o trabalho.

Há coisas, segundo ele, que podem servir de exemplo, como a rotação de culturas, que é bastante rígida, e ainda a forma de trabalhar o solo, dando à terra aquilo que a análise mostra que é necessário.

O Zardin aproveitou a viagem para tirar muitos eslaides. É por isto que se propõe a fazer reuniões nas comunidades do interior para contar um pouco mais do que viu nos Estados Unidos.

**Não é pra me gabar,  
mas herbicida inteligente  
tá aqui, ó!**

**iloxan**  
O único graminicida seletivo pós-emergente.

Eu sou Iloxan, o cacula da Família Agrícola Hoechst. Sou o único herbicida totalmente seletivo para a cultura de soja, de aplicação pós-emergente, efetivo para as principais gramíneas anuais infestantes. Você pode aplicar Iloxan em qualquer tipo de solo, aumentando sempre a sua produção e a qualidade dos grãos, sendo bem tolerado pelas culturas dicotiledôneas em geral e cereais de inverno, como trigo e cevada. Modéstia à parte, eu sou imprescindível no plantio direto da soja, e econômico até no plantio convencional. Além disso, eu me dou muito bem com outros membros da Família Agrícola Hoechst, como Thiodan EC e Endometil, podendo ser aplicado junto com eles. Aplique Iloxan no controle das gramíneas. O herbicida mais inteligente que a sua lavoura já viu.

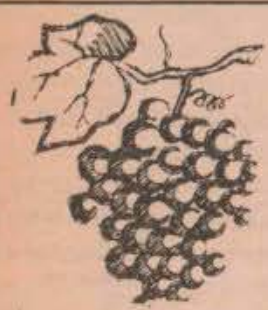
Com a segurança **Hoechst**

**Família Agrícola Hoechst**

Uma família de produtos dedicada à sua lavoura.

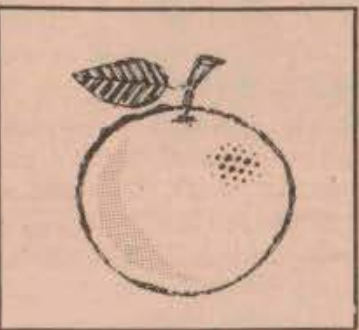


# A LAVOURA NO MÊS



## VIDEIRA

Até o momento, o desenvolvimento dos parreirais tem se apresentado satisfatório, com excelente brotação e vigor na parte aérea. O controle das doenças deve ser uma preocupação permanente daqueles que desejam de seu parreiral algo mais do que simplesmente sombra. Assim, após cada chuva ou período de forte umidade do ar, os tratamentos preventivos devem ser repetidos, pois depois que a doença se instala, não há mais recuperação. A partir deste período até a maturação da uva, pode-se usar produtos à base de cobre — Cupravit, Cuprosan ou Celigran — para controle da maioria das moléstias. O produtor que quiser fazer o seu próprio vinho e desejar obter um produto de qualidade superior, deverá fazer a poda verde. Essa poda consiste na eliminação dos ramos novos e que ainda não têm cachos. Tirando esses ramos, será aumentada a circulação do ar entre as folhas, diminuindo a possibilidade de doenças e aumentando o teor de açúcar da uva.

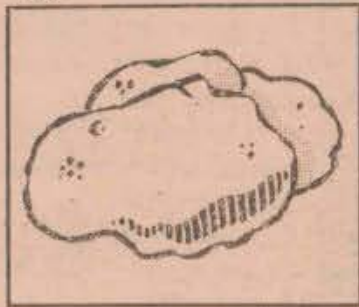


## CITRUS-LARANJA

A recomendação anterior, de se fazer uma aplicação de uréia, na razão de 50 gramas por pé, nestas alturas já deve ter sido realizada. No final do mês de novembro essa operação deverá ser repetida, usando a mesma dosagem para garantir o bom desenvolvimento da planta na estação de crescimento.

As mudas novas, plantadas no último inverno, normalmente em brotação, têm tendência a florescer. Esta florada prematura é muito prejudicial às plantas, pela perda de energia que provoca. Para evitar o enfraquecimento da planta, é aconselhável a retirada dos botões logo que começam a se formar.

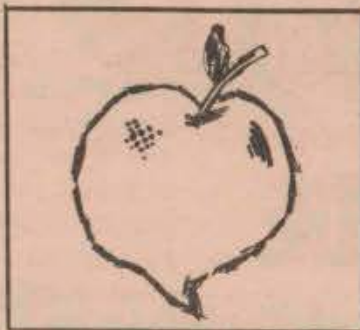
Os pulgões também gostam de atacar, principalmente, as brotações das mudas novas. O produtor pode muito bem fazer um controle preventivo, aplicando um inseticida pouco tóxico, pois o pulgão é pouco resistente a defensivos.



## BATATA

As lavouras de batatas que foram plantadas bem no cedo já estão sendo colhidas.

Antes da colheita da batatinha, o pessoal técnico recomenda que se deixe firmar a casca, o que pode ser conseguido deixando secar bem a rama ou então cortando-a alguns dias antes da colheita. Dessa forma, o produto será de boa qualidade. Logo após a retirada da batatinha da terra, é aconselhável deixá-la um dia na lavoura para o fortalecimento da casca. Porém, se o sol estiver forte, é melhor recolher o produto e depositá-lo em outro local, à sombra.



## PÊSSEGO E AMEIXA

As condições climáticas do momento têm permitido a manutenção da boa carga de frutas nos pessegueiros e ameixeiras. Algumas variedades já estão com os frutos maduros e, nestes casos, só resta colher e aproveitar a produção. As variedades mais tardias podem ainda necessitar de um tratamento para evitar o "bichamento" da fruta, causado pelo ataque de moscas.

O Centro de Treinamento da Cotrijuí teve neste ano a sua primeira produção de pêssegos e ameixas. Até o momento em que foram colhidas as variedades precoces, se caracterizava a excelente qualidade do produto, como resultado das técnicas adotadas e das variedades cultivadas. Estes dois fatores poderão contribuir decisivamente na melhoria da produção de frutas na região. Por esta razão estamos recomendando aos associados uma visita ao CTC, onde certamente obterão maiores informações sobre estas frutíferas.



## FEIJÃO

As lavouras de feijão da região continuam em sua maioria apresentando um bom desenvolvimento. A partir de agora o cuidado mais importante deve ser no sentido de controlar as pragas, como o percevejo e a mosquinha branca. Um ataque dessas pragas pode provocar diminuição da produtividade da lavoura.

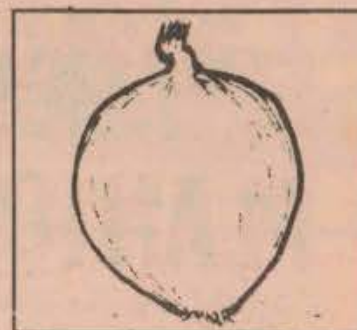
O produtor pode muito bem evitar o alastramento de doenças na lavoura, não transitando no meio dos pés de feijão enquanto as plantas estiverem com as folhas úmidas.



## ALHO

As lavouras mais precoces, de alho Amaran-te e do Gaúcho, nestas alturas já estão praticamente todas colhidas. De um modo geral, essas duas variedades tiveram seu crescimento prejudicado, formando bulbos médios, por causa da pouca chuva que caiu neste tempo. Para estas variedades colhidas, o produtor já anda fazendo a "cura à campo", e lembramos que a rama não deve ser cortada nos primeiros dias após a colheita. É que o alho ainda está firmando a massa e, se cortada a rama, ele perderá muito peso e ficará chocho em pouco tempo, trazendo prejuízo para o produtor.

A variedade Portela está recém agora iniciando o processo de bulbificação e somente poderá ser colhida em 30 dias aproximadamente. Esta variedade está apresentando um produto de melhor qualidade nas áreas de menor fertilidade.



## CEBOLA

As lavouras de cebola deste ano não estão apresentando o mesmo padrão do ano anterior, mas mesmo assim estão satisfatórias. Algumas áreas transplantadas bem no cedo já estão próximas do período de colheita. Nas lavouras mais do tarde, a colheita só vai acontecer daqui uns 30 dias.

Os produtores que já fizeram a colheita da cebola e quiserem guardar a safra para o uso, de acordo com o seu consumo, devem tomar cuidado nas condições de armazenamento. O importante é que a cebola seja armazenada quando estiver completamente madura, ou seja, somente depois de ficar exposta ao sol por um ou dois dias. Ou ainda, que seja recolhida a um galpão, ficando em lugar ventilado, tomando-se o cuidado de retirar os bulbos que forem apodrecendo.



## MANDIOCA

Já neste período, poucas informações se pode acrescentar no que diz respeito à cultura da mandioca. O Departamento Técnico recomenda aos produtores uma visita ao Centro de Treinamento, onde foram introduzidas diversas variedades de mandioca e que estão em observação. Lá no CTC os produtores poderão obter algumas informações, formar opiniões e até fazer comparações com o seu sistema de cultivo.

## Dual nelas!



O plantio direto contribui para diminuir a infestação de ervas daninhas. Mas se algumas delas teimarem em aparecer, Dual nelas!

**Dual o herbicida para soja e que respeita o trigo.**



**CIBA-GEIGY**  
DIV. AGRICULTURAL



# BENEFÍCIO A QUEM FINANCIOU E PLANTOU NO TARDE

*O trigo não ganhou o reajuste de preço que era esperado pelos produtores. No lugar do aumento, o Governo concedeu uma isenção do pagamento dos juros, que normalmente correriam até o final do ano, quando vencem os contratos. Só que esta medida não ajudou em nada quem plantou por conta ou fez sua colheita mais cedo.*



O benefício foi parcial, não beneficiando todos triticultores

Os gaúchos que plantaram mais no tarde e financiaram suas lavouras de trigo serão os únicos beneficiados pela medida do Governo que isentou o pagamento de juros dos custeios a partir de 1º de outubro. O que as cooperativas pediam — através da Fecotrigo — era um reajuste no preço, fixado em Cr\$ . . . 1.710,00 para o produto de pH 78, aproximando-o um pouco mais dos Cr\$ 2.204,12. O que seriam necessários para compensar os gastos com a produção.

Mesmo que parcial, e beneficiando de forma indireta os produtores, esta isenção está sendo considerada uma vitória pela Fecotrigo. Ela representa, pelo menos, a concordância oficial da necessidade de tratar de forma diferente os triticultores gaúchos. Acontece que mesmo colhendo mais tarde, eles sempre estiveram sujeitos às mesmas normas que vigoram no Paraná ou no Mato Grosso, onde a comercialização acontece bem mais cedo. Ao adotar a isenção, o Governo passou a admitir que os custos das lavouras de trigo no Rio Grande do Sul são diferentes dos custos nos outros estados e, desta forma, devem ser considerados de forma diferente.

## O VALOR DO BENEFÍCIO

Quem faz os cálculos para precisar o quanto representa em

benefício esta isenção é o Aramis Baptista, gerente de Crédito da Cotrijuí. Ele parte do exemplo de uma lavoura de 100 hectares que tenha pego o financiamento da faixa de 1.200 quilos (20 sacos), por hectare, que é a média considerada na região da Cotrijuí. Se a colheita foi feita antes de outubro, o produtor não teve qualquer benefício com a isenção do juro, pois esta medida só começou a valer a partir de 1º deste mês. Já se a colheita foi mais tarde, nos primeiros dias de novembro, o produtor se beneficiou de um mês inteirinho de juros, o que vai representar, em números redondos, uma economia de Cr\$ . . . . . 68.900,00.

Agora, se o preço realmente tivesse sido reajustado para o valor solicitado pela Fecotrigo (os Cr\$ . . . 2.204,12) e a colheita tivesse nos 20 sacos por hectare, o ganho do produtor seria aumentado em Cr\$ . . . 98.824,00.

"Na verdade", comenta o Aramis, "o pagamento do juro do financiamento de custeio cessa a partir do momento em que o produtor liquida sua safra. Aqueles que entregaram sua produção até o final de setembro já pararam de pagar o juro no momento em que liquidaram o produto. Desta forma, só se beneficiou desta isenção quem colheu depois do mês de outubro".

## Sempre melhor do que nada



João Lorenzon: esperava preço

*Já que não veio reajuste de preço, a medida oficial que fez cessar os juros dos financiamentos até que foi encarada como melhor do que nada pelos produtores. Foi esta, por exemplo, a opinião do seu João Lorenzon, que plantou 65 hectares de trigo este ano. Ele é de Campo Santo, em Santo Augusto, e só iria começar a colheita lá pelo dia 10 de novembro:*

*— Tirar o juro é uma medida que ajuda, mas não significa muita coisa. O que eu esperava mesmo era um preço melhor.*



José Petteon: mais Cr\$ 100,00 no saco



Walter Eweling: já é ajuda

*Ele plantou no tarde, para escapar da geada, mas mesmo assim teve azar. Seu trigo não vai produzir bem, porque deu doença e foi prejudicado pela seca. Dos 1.300 sacos que esperava colher talvez não tire nem 400. Só com o aumento do preço mínimo é que ele conseguiria mesmo um resultado melhor da safra deste ano. Seu João até mesmo anda pensando em ir deixando o trigo de lado, para tentar novas alternativas ou até mesmo deixar a terra parada. Já no ano passado para este reduziu bastante sua área de planta. Dos 200 hectares que plantou, preparou este ano apenas 65:*

*— O trigo deveria ter um juro diferenciado, mais barato que o cobrado para a soja, pois esta é uma planta que vem dando muito prejuízo há anos.*

## PRECISAVA PREÇO

*O seu Walter Eweling, de Ijuizinho (Augusto Pestana) também entende que "já que o preço não está dando quase nada, isto já é uma ajuda". Ele ainda não estava muito por dentro da medida, mas sabia que as cooperativas pediam um reajuste no preço do trigo. Só não es-*

*perava este tipo de decisão.*

*"Antes disso do que nada", diz o seu Walter, mesmo que não tivesse idéia de como a decisão poderia beneficiá-lo. Quando saiu a medida ele já estava com a colheita em andamento, tendo entregue já uma boa parte da safra. Ele faz o cálculo de planta por saco, e nos últimos anos, como também aconteceu agora, plantou uns 110 sacos. Acha que o trigo vinha rendendo, meio por cima, 25 a 30 sacos por hectare, o que considera um bom rendimento.*

*"Tirar o juro não adianta", reclama o seu José Petteon, da Linha 19 (Ajuricaba), que plantou 50 sacos de trigo este ano. Na colheita, recém iniciada, estava tirando de 10 a 12 sacos por um de planta. "Ajudar, ajuda um pouco", ele fala, "mas além disso tinha que ter dado um aumento no mínimo de Cr\$ 100,00 na bolsa".*

*Seu José até acha que o governo não deu o aumento "por causa do preço da farinha pro povo da cidade", mas também deste jeito não ajudou muito o produtor, "que se a gente vai contar as despesas da máquina, não tira nenhum lucro com este trigo".*





SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



Coronel Bicaco tem a honra de anunciar a obra "A CURIOSIDADE DELA" de autoria do menino Fábio Goulart da Silva. É uma estorinha criada pela sua imaginação. A estória tem como personagens principais uma bola e um rio, com as quais o autor traça a estória.

Fábio tem apenas 10 anos de idade e está cursando a 4a. série na Escola Estadual de 1º Grau Cecília Meireles de Coronel Bicaco. Ele, assim como os seus colegas de aula, foram incentivados para a leitura extra-classe, a qual vem de auxílio do português, cultura, etc. . . e, para surpresa de todos, inclusive de sua professora, eis que surge esse menino pequenino, mas de tão elevada inteligência e força de

vontade.

O seu livro servirá para leitura de crianças, adolescentes e adultos. Portanto, pede-se muito respeito pela obra, uma vez que se trata de idéias de uma criança em fase de iniciação e que está recém-vindo à tona no mundo das letras!

O livro narra a aventura de uma bola que a água levou. . . Bem, leiam e divirtam-se viajando junto com a personagem criada pelo Fábio.

Fábio fala pouco e escreve muito. Ele conta que escreveu dois livros anteriores a este. Só que eles se perderam, mas não importa.

O autor já leu todas as obras infantis existentes na Biblioteca Érico Veríssimo, pois iniciou a ler

aos sete anos de idade.

Falando com Fábio, percebemos também que ele se preocupa com as crianças que passam fome e frio e com os índios.

Caros leitores! Não importa a idade ou o grau que estejam cursando, procurem ler e valorizar a arte que está desabrochando nesse pequeno botãozinho!

Fábio, parabéns pela tua criatividade e iniciativa.

Parabéns à professora Maria! Pensamento do autor (Fábio)

"ESCREVAS TAMBÉM, EMBORA NUNCA SEJA LIDO POR NINGUÉM. O IMPORTANTE É ESCREVER. E VERÁS QUE NÃO É DIFÍCIL".

## O Eco

Cecília Meireles

O menino pergunta ao eco onde é que ele se esconde. Mas o eco só responde: "Onde? Onde?"

O menino também lhe pede: "Eco, vem passear comigo!" Mas não sabe se o eco é amigo ou inimigo. Pois só lhe ouve dizer "Migo!"



# Do som à melodia

Os sons estão em volta de nós o tempo todo. Nós ouvimos sons de carros, de trens, aviões, tratores, carroças.

Ouvimos sons de música e de canto de pássaros.

Existem muitos sons diferentes.

Alguns são altos e ruidosos.

Outros são suaves e tranquilizantes.

Se você atira uma pedra na água, você vê pequenas ondulações, ou ondas, formando-se na superfície da água.

A mesma coisa acontece quando você bate num gongo.

Você não pode ver as ondas que se formam quando você bate num gongo, mas você pode ouvi-las. Elas são ondas sonoras.

Os sons são produzi-

dos quando alguma coisa se agita ou vibra.

Se você der um puxão numa tira de borracha esticada, você verá que ela vai se movimentar para frente e para trás. Esse movimento é chamado vibração.

Você também ouvirá um som. O som vem da vibração. Se você esticar ainda mais a tira de borracha e der um puxão, ela vai vibrar mais depressa. Ela vai produzir um som mais alto. Quanto mais rápidas as vibrações, mais alto será o som.

A melhor maneira para fazer uma tira qualquer ou a corda de um instrumento, vibrar mais depressa ou mais devagar é variar o seu comprimento ou espessura.

## O QUE É NOTA?

As cordas curtas e esticadas produzem notas mais agudas. As cordas longas e frouxas produzem notas mais graves.

O violão tem apenas seis cordas.

O violinista prende as cordas com os dedos para mudar o comprimento delas. Isso faz mudar o tom da nota.

Se você colocar a boca de uma garrafa perto dos lábios e soprar, você conseguirá tirar um som da garrafa.

O som vem do ar que vibra dentro da garrafa.

Se observar um flautista, você verá que ele sopra desse jeito no bocal da flauta.

Nas gaitas-de-boca cada tubo é de um comprimento diferente. Cada um

toca uma nota diferente.

Há outros instrumentos que produzem música com o ar que passa dentro delas. O tocador de gaita de fole sopra o ar para dentro de um saco de couro. Ele aperta o saco com o braço para fazer o ar passar pelos tubos. O acordeonista abre e fecha o acordeão, como um fole, para o ar entrar e sair.

A nossa voz é uma espécie de instrumento musical.

Existe uma caixa de ressonância em nossa garganta.

Existem duas cordas grossas dentro da nossa caixa de ressonância.

Elas se chamam cordas vocais.

O ar dos nossos pulmões, faz vibrar as cordas vocais.

Quando falamos ou cantamos, nós esticamos e afrouxamos as cordas, para produzir sons mais altos ou mais graves.





# PRODUÇÃO DAS CRIANÇAS

Nós ouvindo a natureza

é da janela que a gente contempla a beleza da natureza.

Dentro da natureza existe vários sons, por exemplo: o canto de um passarinho, som do vento, o som da chuva etc...

Há também sons prejudiciais para nossos ouvidos, como: o som da descarga de um carro, as guitarras elétricas, o apito dos trens.

Nós ouvindo a natureza é como olhar, saber, ouvir e apalpar.

Na natureza existem árvores, flores, rios, riachos, cachoeiras e animais e etc...

O homem primitivo habitante das cavernas descobriram o som com batidas na madeira, que dava ritmo nos danças.

Como é lindo observar a natureza.

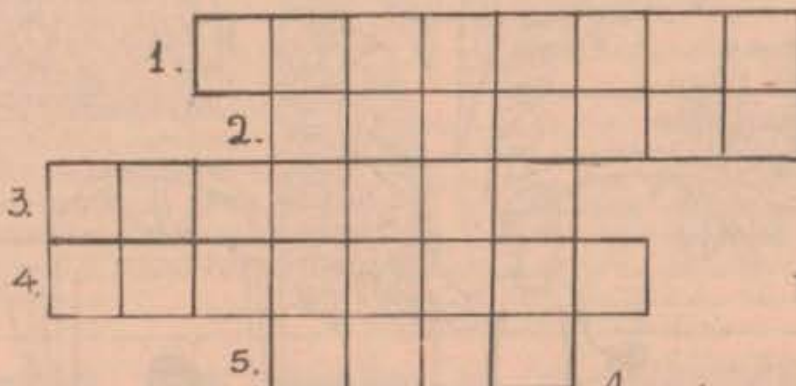
Nossa vida é um som. Estamos cercados de sons que nos provêm de tudo que nos rodeia.

Angela Nequeira  
3ª série



## Vamos completar

- 1 - Ave que aprende a falar.
- 2 - Penas macias dos pintinhos.
- 3 - Orgão do canto das aves.
- 4 - Animais que poem ovos.
- 5 - Orgãos nos quais se acham implantados os rêmiges.



- Respostas:
- 1 - Papagaio.
  - 2 - Penugem.
  - 3 - Siringe.
  - 4 - Ovíparos.
  - 5 - Asas.

Colaboração de:  
Ana Luíza Boff - 11 anos  
Barreiro - 11/11

Agradecemos ao Enio Bezar Boff, pela  
belíssima cartinha!

Audição é ouvir o barulho dos carros, do rádio, dos passarinhos e das perrecoas.

O barulho dos carros é bem forte. No rádio se ouve uma música bonita. O barulho dos passarinhos é fraco e agradável e o barulho das perrecoas é grave quando elas caminham.

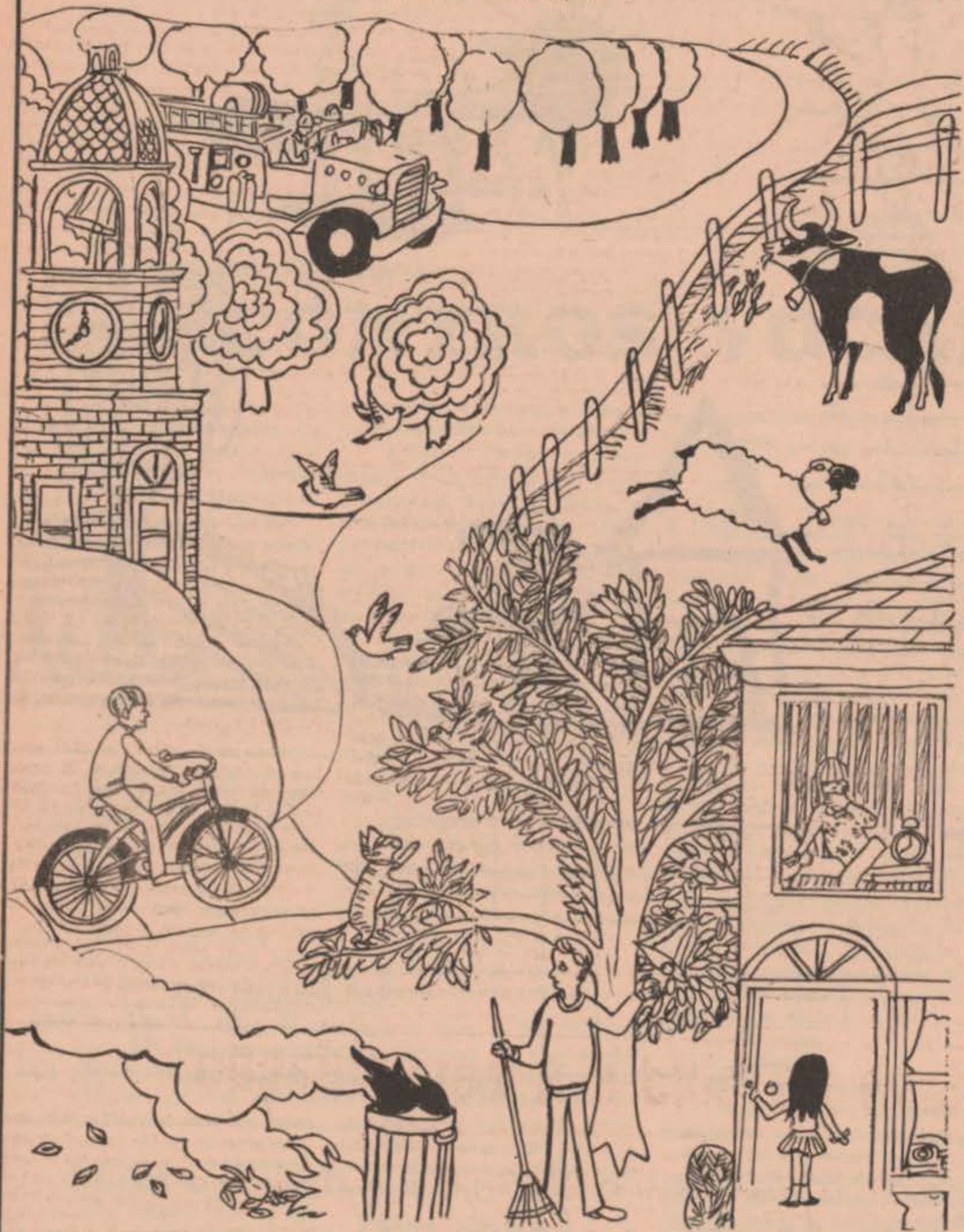
Wladimir

2ª série



# Gravura barulhenta

Aqui está uma gravura muito barulhenta. Você é capaz de descobrir todos os sons destas gravuras e imitá-los depois?



## ONOMATOPEIA

Para representar os sons empregamos onomatopéias. Veja os exemplos:

Convide seus amiguinhos para uma pesquisa de sons com materiais comuns: água, metal, madeira, etc. . . e a seguir tomem papel e lápis e façam a representação dos sons através dos desenhos. Podem também fazer uma musiquinha com os sons que descobriram. Vamos experimentar?

AAU!

ZZZ!

PLAC-PLAC!

FRUMM! QUÁ QUÁ QUÁ

MUUU!

BANG! PLM-PLM!





# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

## OS QUATRO ASSUNTOS

Universidade, ginástica, ensino da Língua Portuguesa e as reuniões com os núcleos de filhas e esposas de associados da Cotrijuí, são os assuntos tratados neste número do Suplemento de Educação.

Fala-se muito nesta tal de universidade. Dizem que para as pessoas ficarem sabidas mesmo, tem de estudar numa delas. E só depois disto acontecer é que se recebe o apelido de "doutor". Pois é, parece uma coisa tão distante de todos nós isto que uns chamam de universidade e outros chamam de faculdade. Acontece, porém, que esta distância não existe ou pelo menos não deveria existir. Muito pelo contrário; a universidade deve se fazer bastante presente na realidade em que estiver situada. A universidade deve ser antes de tudo um centro de estudos e de discussões de todos os problemas (sociais, físicos, químicos, matemáticos, linguísticos, etc.) vividos pela sociedade.

Para tentar clarear um pouco esta questão, o Leonardo foi buscar alguns depoimentos de professores da Fidene. Juntou estas opiniões, procurando mostrar que a universidade não é nenhum bicho papão, mas sim uma organização onde todos, direta ou indiretamente, estão envolvidos.

Ginástica é o nosso outro assunto. Muitos poderão achar estranho estarmos abordando este tema num jornal destinado aos agricultores. Mas não se assustem, pois por enquanto apenas estamos apresentando algumas idéias para serem refletidas pelos nossos leitores. Num dos próximos números estaremos mostrando vários tipos de exercícios físicos que poderão ser praticados por quem achar conveniente. Já contactamos inclusive com dois professores de educação física para nos fornecerem as dicas. Aguardem!

Outro assunto abordado nesta edição, diz respeito ao estudo de fonética no ensino da Língua Portuguesa. Sabemos que tanto crianças como adultos têm sérias dificuldades para ler e entender o que lêem e escrevem com um mínimo de clareza que possibilite a sua leitura. No entanto, desde as primeiras séries do ensino elementar, a preocupação maior é ensinar ditongos, tritongos, hiatos, . . . O texto escrito pelo Vicentini, "Para professores de LP – Encontros vocálicos", tem a preocupação de provocar uma discussão a respeito disso.

Estamos ainda, neste número do nosso suplemento, oportunizando a que a professora Dolair informe aos associados da Cotrijuí, sobre o trabalho realizado até este momento com os núcleos de senhoras e filhas destes associados.

## BARRIGUDOS E GORDUCHINHAS



As atividades rurais — como o trabalho no trator — não movimentam todo corpo

Na edição do mês de setembro deste suplemento, escrevemos algumas idéias sobre as práticas esportivas. "Nem só de futebol vive o homem" foi o título daquele nosso artigo. Procuramos afirmar naquela oportunidade a importância da participação em competições esportivas, não somente devido a satisfação de necessidade de recreação, mas também como um aspecto importante da conservação da nossa saúde.

Dentro desta mesma linha de pensamento, ou seja, as nossas necessidades de recreação e principalmente da conservação de nossa saúde, vamos agora expor alguns pontos de vista sobre o fazer ginástica.

De um modo geral, as pessoas que vivem no meio rural, tanto as crianças quanto os adultos, tanto homens quanto as mulheres, pensam não ser necessário praticar alguns exercícios físicos. Se fossemos questionar essas pessoas sobre a necessidade de praticar uma ginasticazinha, iríamos certamente escutar afirmações como estas: ". . . estas crianças vivem correndo por aí, já fazem ginástica que chega". Ou então: ". . . com todo o serviço que eu tenho aqui em casa, lavar, passar roupa, cozinhar e ainda o que a gente corre por causa das crianças vou ainda fazer mais ginástica?" Ou ainda poderíamos acrescentar a estas afirmações mais a seguinte: ". . . ginástica! comigo é no cabo da enxada ou no assento do trator".

Realmente todas estas afirmações estão muito corretas. A vida no meio rural exige das pessoas muitos movimentos de diversas partes do corpo. Mas vejam bem de partes do corpo e não de todo o corpo. Por exemplo, um tratorista mo-

vimenta mais os braços e um pouco as pernas. Ao passar roupa os movimentos também são mais dos braços, as pernas e o tronco do corpo ficam quase parados. No cabo da enxada o capinador se exercita sempre numa única posição. E assim, se verificarmos todas as lidas domésticas e da lavoura, vamos perceber que sempre ficam faltando movimentos de partes importantes do corpo ou, outras partes movimentam-se demais causando cansaço.

Algumas das conseqüências desta falta de exercícios podemos observar na existência dos "barrigudos", dos excessos de "graxinhas" em algumas representantes do sexo feminino, dos problemas de coluna sentido por algumas pessoas. É bem verdade que a cerveja, a macarronada, a polenta e as galinhadas também contribuem para o aparecimento destes indicadores.

Estas observações nos fazem perceber que os movimentos praticados pelos indivíduos no seu dia a dia não são suficientes para manter uma boa forma física. Nos referimos aos que residem no interior, porém com os moradores das cidades o problema é o mesmo, senão pior em muitos casos.

A nossa intenção nestas rápidas colocações é a de fazer com que todos procurem refletir sobre as suas tarefas diárias e ver da real necessidade de uma prática de exercícios físicos. Temos a certeza de que se levássemos a sério este "exame de consciência", a maioria de nós passaria a fazer uma seção de ginástica quase que diariamente.

Para os nossos próximos números prometemos publicar algumas instruções ou alguns tipos de exercícios para serem praticados sem dificuldades por quem o decidir fazê-los.



# UNIJIÚ: QUAL É A VANTAGEM PRÔS COLONOS?

*É do conhecimento de todos o debate que está se promovendo em torno da UNIJIÚ — Fundação Universidade de Ijuí. Diversas instituições e pessoas de nossa região estão sendo procuradas para dar o seu apoio a este empreendimento. Todos, indistintamente, têm apoiado. As prefeituras municipais, as entidades de classe, as entidades comunitárias, os grêmios e diretórios estudantis, etc.*

*O entusiasmo de todos, em relação a este projeto, talvez não tenha permitido uma reflexão sobre o que significa ou o que pode significar a instalação de uma Universidade na região de Ijuí. Numa reunião realizada no auditório da Cotrijuí sede, no momento em que o presidente da FIDENE fazia uma exposição sobre os serviços prestados por esta aos associados da Cooperativa, surgiu a seguinte pergunta de um agricultor presente. Disse ele: "... tá certo que os prédios são meio que na zona rural (Linha 3 Oeste), mas qual é a vantagem prôos colonos?"*

*A pergunta deste senhor foi até um pouco fora do que estava sendo tratado naquele momento. Porém, temos a certeza de que esta é uma dúvida de muitos. Afinal, o que cada um de nós tem a ver com isso e, o que é esta tal de universidade?*

*Vamos tentar colocar neste artigo, algumas informações sobre este assunto, no sentido de alimentar esta importante discussão.*

A atuação de uma universidade vai depender essencialmente de dois pontos. Um deles é a posição deste estabelecimento diante da sociedade em que se situa. O outro, serão as exigências dos diversos setores desta sociedade para com a universidade. Vamos tentar explicar estes dois pontos através de uma definição das funções da universidade diante da sociedade e, de alguns exemplos práticos.

Para o professor Mário Osório Marques, à universidade, cabe a tarefa de produzir e transmitir conhecimentos. Ele ressalta que é preciso ter bem definido para quem servem, a que interesses e problemas são adequados estes conhecimentos. Exemplifica esta sua afirmação a partir da problemática vivida pelos agricultores. Aspectos como o que produzir, como produzir, quando produzir são estudados pela universidade. Porém estes aspectos podem ser estudados de maneira a defender os interesses dos agricultores ou a defender os interesses dos vendedores de insumos. Um agrônomo formado por uma universidade pode atuar no sentido de bem orientar os plantadores, como também pode atuar para ser um bom "vendedor" (leia-se picareta) de adubos, inseticidas, herbicidas, etc.

## INTEGRAR O PRÁTICO COM O TEÓRICO

A professora Elza Falkembach ao opinar sobre o assunto afirmou o seguinte: "... a universidade deve

fazer uma integração do prático com o teórico. Quer dizer, deve recolher o saber do povo e trabalhá-lo juntamente com o saber teórico ou científico, aquele que a gente encontra nos livros. Este conhecimento reelaborado deve ser devolvido à prática, isto é, ser usado, ser aplicado junto à realidade. E aí, nesse vai e vem de conhecimento, é que a universidade irá definir para quem ela irá servir".

A professora Elza afirma que todo o trabalho da universidade deve estar vinculando a uma realidade concreta. Esta vinculação se dará pela atuação do profissional por ela formado, pelo trabalho de extensão por ela realizado, e pela aplicação dos resultados obtidos em suas pesquisas.

## UM LOCAL DE PRODUÇÃO DE SABER

Também o professor Dinarte Belato entende a universidade como um local de produção do saber. Procura salientar em sua colocação que este saber ou conhecimento é geralmente apropriado pelos grupos dominadores de nossa sociedade. Estes grupos usam ou vendem este produto, obtendo para si as vantagens.

Para o professor Dinarte é necessário que os resultados da ação da universidade, ou seja, o conhecimento por ela produzido, venham também ao encontro das necessidades dos trabalhadores ou das classes dominadas. É preciso encontrar formas de fazer com que estes conhecimentos não se-



Uma universidade não se resume aos seus prédios

jam utilizados somente pelos poderosos detentores do capital (dinheiro).

Estas formas de relacionar o prático e o teórico, de modo a servir os menos favorecidos, encontra exemplo concreto no trabalho de contabilidade agrícola desenvolvido pelo CeCA — Centro de Ciências Agrárias — como lembra o seu Diretor, professor David Basso. Este projeto visa favorecer em primeiro lugar os pequenos e médios produtores rurais, procurando estabelecer com estes uma discussão técnica e também de análise política do seu trabalho. É uma maneira da universidade se fazer presente junto aos agricultores, pois segundo o professor David, "a instituição universitária não está somente nos prédios que abrigam os seus serviços, mas em todos os locais atingidos por sua atuação".

## CRIAR PROPOSTAS CONCRETAS DE AÇÃO

Outra situação que exemplifica esta atuação teórica da universidade é o trabalho desenvolvido junto ao setor educacional. No momento em que a universidade procurar repensar o ensino a partir da realidade vivida dentro das escolas, e criar daí propostas concretas de ação, estará desempenhando a sua função também neste setor.

Podemos perceber, a partir destas rápidas colocações, que uma universidade irá definir a sua atuação dentro de um jogo de forças entre os dominadores e entre os setores dominados de nossa sociedade. O normal numa sociedade capitalista é de que a universidade sirva a quem detém poder econômico e político. Cabe aos que são dominados por este poder, conquistar os seus espaços e obter então, de forma concreta, os benefícios desta organização universitária. Um passo concreto neste sentido talvez seja este dado pelo citado agricultor, questionando das vantagens que a universidade pode dar para a sua categoria profissional. Por trás deste seu questionamento havia outro: "Como a minha categoria profissional pode participar desta tal de universidade?"



O entusiasmo não deve impedir uma reflexão sobre o que pode significar a Unijui





O trabalho é muito maior

# “A GENTE PASSOU MUITO LIGEIRO DO BOI PARA O TRATOR, MAS A CABEÇA...”

(Dona Lola Cóntri — Núcleo de Linha Progresso — Augusto Pestana)

Qualquer um de nós, pensando bem um pouco, vê que o mundo está se transformando. Muitas modificações ocorrem na família, na educação, na política, na economia, enfim, nas relações de trabalho. Vivemos um momento de aceleradas transformações que atingem as pessoas, a sociedade, o meio.

Frente a tantas modificações sente-se a necessidade de compreender melhor o que está acontecendo, para podermos tomar posição, para podermos intervir. Pois um novo mundo está sendo construído.

Ao compreendermos os porquês das transformações, cada um de nós, irá assumindo seu compromisso como ser humano, isto é, seu papel de agente de transformação. Ninguém pode cruzar os braços e esperar que as coisas aconteçam. Mas participando, fazendo juntos, vamos compreendendo o que acontece, e vamos intervindo. Até mesmo vamos determinando, vamos mudando o rumo das transformações.

Esta preocupação em compreender o que está acontecendo, determinou o trabalho de educação junto aos Núcleos de Senhoras e Filhas de Associados da Cotrijui neste ano de 81. Na maioria dos Núcleos de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana analisamos, com as senhoras, em uma reunião, as transformações que ocorreram na família e na sociedade, e o papel que cabe à educação familiar desempenhar neste processo. Do mesmo modo discutiu-se sobre o novo papel da mulher no mundo atual.

Comentando, nos Núcleos, o que se percebe de modificações — nas famílias, vimos que, em nossa região, muita coisa mudou.

Até pouco tempo a família caracterizava-se por fortes marcas patriarcalis, isto é, a autoridade era exercida pelo pai ou avô. Por exemplo: Os filhos que casavam ficavam morando na terra dos pais e a pessoa mais velha, geralmente o avô, exercia a autoridade sobre as novas famílias que iam se formando. Esta autoridade era sustentada pelo sentimento de obediência aos mais velhos, cujo exemplo principal era dado pela mulher, pela sua submissão ao marido, pelo silêncio de suas idéias.

Esta situação é entendida dentro de um contexto sócio-econômi-



O trabalho da mulher sempre foi considerado secundário

co em que o poder de decisão cabia ao homem, sendo, como chefe da família, o responsável pelos negócios. A mulher cabiam as tarefas que não produziam grande renda (horta, criação de pequenos animais, costura, trabalhos de casa) e mesmo indo à lavoura seu trabalho era considerado secundário.

A situação de trabalho era caracterizada pela ação braçal e isto exigia a participação de todas as pessoas da família. Crianças, jovens, mulheres iam lado a lado com os homens para o trabalho na lavoura. O núcleo de filhos, entre outras razões, também era uma exigência da situação econômica: precisava-se ter muitos braços para o trabalho.

Mas as coisas foram mudando. . . Hoje qualquer um pode afirmar que é diferente. E muitos não entendem bem como devem agir frente a estas mudanças todas que os envolvem.

Pedaços de conversa, como:

— Os filhos, hoje em dia, não tem mais respeito pelos pais. . .

— Até querem dar palpite nos

negócios, querem se governar. . .

— Veja só, as mulheres também estão começando a querer entender de negócios. . .

— É, como as coisas vão, até o colono tem que ter poucos filhos. Não tem mais terra para repartir. . .

Estas e muitas outras idéias denunciam a situação de mudança, mostram a mesma realidade. Um mundo estranho que chegou muito rápido com a mecanização agrícola; com as novas culturas de soja e trigo; com a invasão da TV nas casas; por novos valores, apresentados por grupos não bem determinados. . .

Isto, e muito mais, foi motivo de discussões e análises nas reuniões dos Núcleos. E, conclusões foram tiradas por quase todas as participantes, como:

— É preciso ser diferente hoje;

— Temos que saber muito mais coisas; — Temos que ter vontade de aprender para poder participar; — Temos que não ter vergonha de perguntar o que não sabemos e temos que falar o que sabemos.

Enfim, temos que saber e acreditar no valor que temos.

## DEFININDO OS TERMOS

Para um melhor entendimento das colocações sobre universidades é necessário se fazer o esclarecimento de alguns termos.

**UNIVERSIDADE:** é uma instituição que lida com todos os ramos do conhecimento. Pode ser formada por várias escolas, que recebem o nome de faculdades, ou também pode ser formada por cursos especializados, como, por exemplo, um centro que trabalha com os conhecimentos agrários, outro lida com a área de saúde, outro da educação e assim por diante. A universidade lida com estes conhecimentos científicos em três momentos, que são o ensino, a pesquisa e a extensão.

**CONHECIMENTO ou SABER:** são todas as informações que se possui sobre acontecimentos e fenômenos. “Fulano tem muitos conhecimentos sobre veterinária. . .”

**ENSINO:** é o trabalho de aula feito com os alunos da universidade.

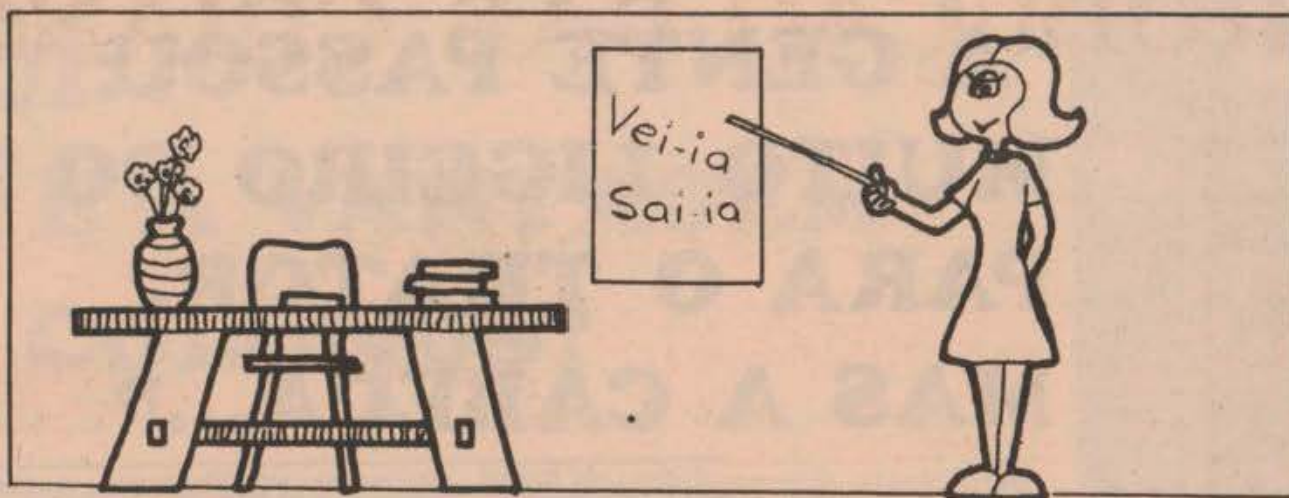
**PESQUISA:** é o trabalho de investigação feito sobre acontecimentos e fenômenos da realidade, com a finalidade de melhor explicar e utilizar esta realidade. “Estamos fazendo uma pesquisa sobre as pragas da lavoura. . .”

**EXTENSÃO:** é o trabalho normalmente realizado fora das dependências físicas da universidade. São por exemplo, cursos, palestras, orientações técnicas, etc.

**TEORIA:** é o conhecimento elaborado na unidade pelos teóricos que nela trabalha. É a interpretação, o entendimento, que se dá para as informações da realidade.

**PRÁTICA:** é tudo o que acontece na vivência das pessoas. A relação da teoria com a prática é aplicação ou utilização destes acontecimentos teóricos. “O agrônomo me disse para plantar milho de um jeito e eu disse que sabia plantar um pouco diferente. Conversamos e chegamos a um acordo. Deu bons resultados”.





Para professores de Língua Portuguesa

# ENCONTROS VOCÁLICOS

Folheando a "Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla, mais precisamente folheando o capítulo que trata de Fonética, detivemo-nos em observar (e isso intuitivamente) alguns itens nele contidos. A principal razão que nos levou a delimitar nossa "observação" está no fato de que, — quando trabalhávamos com 1º e 2º graus, nos deparamos constantemente com sérias dúvidas, as quais não encontrávamos explicações. Quando trabalhávamos acentuação, ortografia, ditongos, tritongos, hiatos. . . , surgiam questões (dúvida) para as quais as gramáticas não traziam explicações convincentes. Em outros termos, as gramáticas ficavam apenas na indicação do que se devia ou não usar; de como se devia ou não escrever. . .

Por outro lado, muitas das regras contidas nas gramáticas não davam conta de certos casos levantados pelos próprios alunos, principalmente no que diz respeito aos grupos vocálicos. É evidente que esta tomada de contato que tivemos com uma parte da gramática, embora feita com um certo espírito de desconfiança e após um curso de Fonética, não eliminou as dúvidas que tínhamos. Pelo contrário, agora as temos em maior número, o que, aliás, achamos bastante significativo. O grande problema é formular problemas.

## DEFINIÇÕES

Nesse sentido, encontramos nas páginas 6, 7, 8, 9, da já citada gramática, as seguintes definições:

1. "Ditongo é a combinação de uma vogal mais uma semivogal, ou vice versa, na mesma sílaba".

2. "Tritongo é o conjunto semivogal mais vogal mais semivogal, formando uma só sílaba. Pode ser: a) oral: iguais, averiguou. . . b) nasal: quão mingum (mínguãu), enxágüem (enxágüei). OBS.: Nos tritongos nasais uan, üem, não se registra

graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os exemplos".

3. "Hiato é o encontro de duas vogais pronunciadas em dois impulsos distintos, formando sílabas diferentes: sa-a-ra, ba-e-ta. . . OBS.: Em palavras como veia, saia, gaiola, etc. pode-se ver hiato (vei-a, sai-a, gai-o-la), ou dois ditongos (vei-ia, sai-ia, gai-io-la)".

Ainda segundo Cegalla, os ditongos nunca deverão ser separados em sílabas diferentes, ao passo que, os hiatos deverão sempre ser separados e os tritongos deverão ser constituídos sempre de semivogal mais vogal e mais semivogal (SV+V+SV).

Seguindo-se as três definições acima (de ditongo, tritongo e hiato), observa-se uma completa confusão quando Cegalla coloca que as palavras

Veia = C+V+SV+V

Saia = C+V+SV+V

Gaiola = C+V+SV+V+C+V,

podem ser hiato, ou dois ditongos. Como poderiam ser considerados hiatos, se a definição de hiato, dada por ele mesmo, é de que estes são constituídos de 2 vogais em sílabas diferentes e nesses casos nota-se a existência de uma semivogal entre duas vogais:

Vei-a = CVSV+V

Sai-a = CVSV+V

Gai-o-la = CVSV+V+CV.

Poderíamos listar uma série de vocábulos que podem ser enquadrados no caso das 3 palavras acima colocadas por Cegalla como raridades; vejamos algumas: ceia, goiaba, raio, baio, idéia, baleia, caio. . . em que sempre existe uma SV entre duas V, e que nunca poderiam ser enquadradas como hiatos (V+V) de acordo com as suas próprias definições.

## O CRITÉRIO DA PRONÚNCIA

Outra afirmativa (alternativa), segundo esse gramático, para classificar os encontros vocálicos das pa-

lavras acima, seria a da existência de dois ditongos:

Vei-ia

Sai-ia

Gai-io-la

Nesse sentido ele estaria partindo de um critério embasado na pronúncia destas palavras pelo falantes (i+i), um em cada sílaba. Parece-nos que realmente os falantes (isso sem entrar na questão dos dialetos) pronunciam os dois is ao dizerem as referidas palavras. Poderíamos deduzir que os falantes ao grafarem estas palavras empregariam uma lei fonética, a da crase. No entanto, na gramática do Cegalla, não existe a explicitação desta lei, quando fala em ditongos, tritongos e hiatos. Moral da história (ou estória), o estudante que buscar informações sobre grupos vocálicos em sua "Novíssima Gramática da Língua Portuguesa", ficará sem explicações convincentes para tais casos e poderá classificar as referidas palavras como sendo:

Dois ditongos,

um tritongo,

um ditongo e um hiato.

Mas ainda, e talvez seja interessante, poderíamos ir adiante observando outros problemas que encontraríamos ao classificá-los, por exemplo, como tritongos. A definição que Cegalla dá para tritongo é a seguinte: SV+V+SV. Nestas palavras (veia, saia, gaiola) verifica-se a presença de: V+SV+V. Conclusão: intuitivamente percebe-se que as referidas palavras não podem, segundo sua definição, serem consideradas ou classificadas como tritongos.

## OS SINAIS INCOERENTES

Quando Cegalla definiu tritongo, apareceram como raridades, (OBS) duas palavras: enxágüem e míngum, por ele classificadas como tritongos nasais. Poderíamos levantar (embora intuitivamente) um problema de incorência ou inade-

quação do sistema de sinais gráficos oficializados para representar (grafar) sons, visto que as referidas palavras estão grafadas com üem e uam, respectivamente e, segundo ele, seriam tritongos porque são pronunciadas uãu e üei. Poderia o sr. Cegalla ter explicitado (descrito) esse problema de uma forma mais convincente para depois classificá-las como tritongos nasais. No entanto, ele simplesmente coloca como observação: "Nos tritongos nasais uam, üem, não se registra graficamente a segunda semivogal, conforme atestam os dois últimos exemplos." (O grifo é nosso). Ora, explicação desse nível pode ser comparada a uma afirmação como a seguinte: "O círculo é redondo".

Tínhamos nos proposto a levantar mais questões sobre acentuação e ortografia, por exemplo, mas, devido a falta de tempo, ficamos em alguns problemas sobre classificação de grupos vocálicos. Pelo exposto anteriormente, não vemos razão para um professor gastar as poucas horas que lhe são destinadas para "ensinar" Língua Portuguesa no 1º e 2º graus, fazendo os alunos estudar ditongos, tritongos e hiatos. Confessamos que já fizemos nossos alunos perderem tempo estudando isso, porém hoje acreditamos ser necessário realizar um trabalho em Língua Portuguesa sobre o falar, o escrever e sobre leitura. Creemos que cabe ao professor de L.P. conhecer mais a fundo o "objeto" com que trabalha, a língua. Agora, para os alunos interessa saber usar a língua, entender e interpretar o que os outros falam ou escrevem.

Acreditamos que os problemas aqui levantados já tenham sido abordados com maior profundidade pelos estudiosos da língua. Tanto é assim que reforçamos, durante a exposição feita sobre os mesmos, o caráter intuitivo deste trabalho.